

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Diana Patricia Bolaños Erazo

***“A COMIDA É O DE MENOS”*: AS REDES SOCIAIS DOS MIGRANTES
BRASILEIROS NA COLÔMBIA**

**Santa Maria, RS
2019**

Diana Patricia Bolaños Erazo

**“A COMIDA É O DE MENOS”: AS REDES SOCIAIS DOS MIGRANTES
BRASILEIROS NA COLÔMBIA**

Texto de dissertação apresentado ao curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Orientadora Profa. Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini

Santa Maria, RS

2019

Diana Patricia Bolaños Erazo

**“A COMIDA É O DE MENOS”: AS REDES SOCIAIS DOS MIGRANTES
BRASILEIROS NA COLÔMBIA.**

Texto de dissertação apresentado ao curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Aprovada em 20 de fevereiro de 2019:

Maria Catarina Chitolina Zanini, Dra (UFSM)

(Presidente/Orientadora)

Glaucia Oliveira de Assis, Dra (UDESC)

Viviane Kraieski de Assunção, Dra. (UNESC)

Santa Maria, RS

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Marlene Erazo, minha irmã Paula Bolaños e meu esposo Clovis de Castro, por terem acreditado em mim todos os dias. Sem seu amor e compreensão constante, os obstáculos decorrentes do mundo acadêmico não poderiam ter sido superados.

Ao meu sobrinho Juan José e à minha filhinha Emma, por serem meus principais motores para “ser” e “estar” mesmo na distância. Todo este esforço é também por vocês.

A todos os migrantes que lerem este trabalho e que sabem bem o difícil que é estar longe de casa na busca de um ideal acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer às famílias de migrantes brasileiros em Cali que se dispuseram prontamente a contribuir com esta pesquisa. Sem seu tempo e entrega, nada disto estaria acontecendo.

À minha orientadora, Maria Catarina Chitolina Zanini, por ter me mostrado os caminhos da ciência brasileira com muito carinho e dedicação, por ter entendido meus tempos, meu ritmo, as minhas dificuldades e ter valorizado sempre minha pesquisa.

Aos colegas do grupo de Pesquisa NECON, Núcleo de Estudos Contemporâneos, por terem sido meu porto seguro em Santa Maria, por sua amizade e tardes de trocas e ajudas desinteressadas.

Ao pessoal da Pós-graduação em Ciências Sociais pelos ensinamentos nestes dois anos de estudos e, em especial, à secretária Jane e sua equipe pelo apoio burocrático e as correrias de sempre.

À minha família brasileira por me acolher como uma filha mais e me apoiar nos momentos de crise.

Ao meu esposo Clovis e a minha família e amigos na Colômbia que me apoiaram espiritual e economicamente para que o começo da vida acadêmica se tornasse possível.

RESUMO

“A COMIDA É O DE MENOS”: AS REDES SOCIAIS DOS MIGRANTES BRASILEIROS NA COLÔMBIA

AUTORA: Diana Patricia Bolaños Erazo

ORIENTADORA: Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini

A presente dissertação é um estudo antropológico sobre a migração de famílias brasileiras para a Colômbia, especificamente para a cidade de Cali, na região sudoeste do país, local que tem se consolidado como um polo industrial - sede de muitas multinacionais. O material que será aqui apresentado e analisado é fruto de uma etnografia realizada entre junho de 2014 e março de 2018, com intervalos nos quais se manteve o contato por meio de redes sociais virtuais, bem como por entrevistas possibilitadas durante algumas das viagens que membros destas famílias fizeram até o Brasil. Nesta pesquisa procuro compreender como as práticas alimentares e os eventos etnográficos que giram em torno delas são usados pelas migrantes brasileiras como mecanismos de inserção na sociedade *caleña* e como forma de fortalecimento de processos de identificação e vínculos com o mundo brasileiro de suas origens. Este uso tem, muitas vezes, o intuito de atualizar a identidade nacional brasileira, noutras é uma estratégia para reproduzir domesticamente o estilo de vida pré-migratório e evocar sentimentos que ultrapassam a necessidade fisiológica de se alimentar e, finalmente, como uma forma de estabelecer e atualizar laços afetivos transnacionais. A questão do retorno também será brevemente trabalhada nesta etnografia, uma vez que é parte fundamental do projeto de mobilidade e também porque algumas das mulheres que pesquiso, encontram-se no estágio prévio ao retorno para o Brasil.

Palavras chave: Brasil-Colômbia. Migrações contemporâneas. Práticas alimentares. Transnacionalismo. Redes familiares.

ABSTRACT

“FOOD IS THE LEAST”: THE SOCIAL NETWORKS OF BRAZILIANS MIGRANTS IN COLOMBIA

AUTHOR: Diana Patricia Bolaños Erazo

ADVISOR: Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini

The present dissertation is an anthropological study about the migration of Brazilian families to Colombia, specifically to the city of Cali, in the southwest region, a place that has established itself as an industrial center - home to the main multinationals in the country. The material that will be presented and analyzed here, is the result of an ethnography carried out between June 2014 and March 2018, with intervals in which contact was maintained through virtual social networks, as well as interviews made possible during some of the trips that members of these families made it to Brazil. In this research I try to understand how the food practices and the ethnographic events that revolve around them are used by the Brazilian migrants as mechanisms of insertion in *Caleña* society and as a form of identification processes. This use often has the intention of updating the Brazilian national identity, in others it is a strategy to reproduce domestically the pre-migratory lifestyle and to evoke feelings that surpass the physiological need to feed and, finally, as a way of establishing and to update transnational affective bonds. The issue of return will also be briefly worked out in this ethnography, since it is a fundamental part of the migration project, and also because some of the women I research are in the pre-return stage to Brazil.

Keywords: Brazil-Colombia. Contemporary migrations. Food practices. Transnationalism. Family networks.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|---------------|---|-----|
| Figura 1-5- | Brasileiros retratados pela mídia local de Cali..... | 17 |
| Figura 6- | Localização do Município de Cali..... | 32 |
| Figura 7- | Vista aérea Comuna 22..... | 34 |
| Figura 8-9- | Prints do Programa SAI no Mundo..... | 38 |
| Figura 10- | Encontro Colônia Brasileira em Cali..... | 39 |
| Figura 11- | Colônia brasileira assistindo aos jogos do Brasil..... | 39 |
| Figura 12- | Segundo encontro da Colônia brasileira em Cali..... | 41 |
| Figura 13-16- | Churrasco campeiro na casa de campo..... | 51 |
| Figura 17-22- | DVD'S de música brasileira da casa de Sandra..... | 70 |
| Figura 23- | Vista aérea setor de residências dos brasileiros em Cali..... | 71 |
| Figura 24- | Vinho de Sagú na casa de Sandra..... | 84 |
| Figura 25- | Empada de Palmito para café da tarde..... | 84 |
| Figura 26- | Bolo com cobertura de coco para café da tarde..... | 85 |
| Figura 27- | A comida que viaja: farinha de milho..... | 88 |
| Figura 28- | Preparação bolo de milho..... | 88 |
| Figura 29- | Feijoada Gourmet na casa de Sandra..... | 92 |
| Figura 30- | Pastéis fritos para comemoração..... | 93 |
| Figura 31- | Doces de côco para comemoração turma da escola..... | 93 |
| Figura 32-36- | Mesa servida para café da tarde entre brasileiras..... | 100 |
| Figura 37-40- | Festa junina particular em Cali..... | 103 |
| Figura 41-44- | Encomendas de comida para a escola de Leandro..... | 108 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO 1: NARRANDO AS TRAJETÓRIAS DA ELITE MIGRANTE BRASILEIRA ETNOGRAFIA E QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA | 22 |
| 1.1 AS TRAJETÓRIAS DE VIDA..... | 22 |
| 1.2 A COLÔMBIA COMO DESTINO MIGRATÓRIO..... | 26 |
| 1.3 O LÓCUS DA PESQUISA..... | 31 |
| 1.4 ESTUDAR A MIGRAÇÃO COM OLHOS DE MIGRANTE..... | 37 |
| 1.4.1 Aproximação ao objeto: os caminhos da pesquisa..... | 38 |
| 1.5 O CAMPO, A PESQUISA E AS PERGUNTAS..... | 43 |
| 1.5.1. Negociando os encontros e desencontros..... | 45 |
| 1.5.2. Transformando o familiar em exótico ou vice-versa? Os desafios éticos da pesquisa..... | 47 |
| 1.5.3. As limitações da pesquisa..... | 49 |
| CAPÍTULO 2: DEIXANDO OS MAIS AFETADOS DECIDIREM | 53 |
| 2.1. PROJETO MIGRATÓRIO <i>BOM PARA A MAIORIA</i> | 54 |
| 2.2. A MULHER E O PROJETO MIGRATÓRIO..... | 60 |
| 2.3. UM BRASILEIRO PUXANDO O OUTRO..... | 67 |
| 2.4. VOCÊ QUE FEZ?..... | 74 |
| CAPÍTULO 3: BRASILEIRANDO EM CALI | 77 |
| 3.1. UMA CASA À BRASILEIRA..... | 78 |
| 3.2. COMO O ALMOÇO DE FAMÍLIA, NÃO TEM, GENTE, NÃO TEM!..... | 82 |
| 3.3. A COMIDA VIAJEIRA..... | 87 |
| 3.4. REDESCOBRINDO O GOSTO..... | 91 |
| 3.5. NUTRIR O ESTÔMAGO E O CORAÇÃO..... | 99 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 108 |
| REFERENCIAS | 111 |

INTRODUÇÃO

“*A comida é o de menos*”, foi uma das primeiras expressões que a minha interlocutora principal, Sandra, disse-me, dando conta das relações complexas que experimentam os migrantes com relação à comida quando se deslocam. É o de menos, porque, segundo ela, consegue “manter” os hábitos e gostos alimentares brasileiros, mesmo estando na Colômbia, sendo que o mais importante são, então, os espaços de interação com outras migrantes que essa comida permite. O que aqui definimos como comida brasileira é, na verdade, a comida regional que minhas interlocutoras denominavam de “brasileira”. Poderia ser, num olhar mais atento, comida mineira, gaúcha, baiana, goiana, mas que no contexto de deslocamento provocado pela migração, torna-se “comida brasileira” (comida de origem). O gosto, como bem ressalta Bourdieu (1983), varia, dependendo do estilo de vida do indivíduo, está mediado pelo *habitus* e condicionado pelas suas condições de existência, compondo-se então, como uma construção social “aprendida”, existindo para cada posição social, um gosto “*permitido*” e “*mantido*”. O gosto brasileiro invocado é, em suma, o gosto dos contextos socializadores brasileiros de origem de nossas interlocutoras.

A presente dissertação é um estudo antropológico com (e entre) famílias de brasileiros que migraram¹ para Cali, cidade localizada no sudoeste da Colômbia. Fundamenta-se no fazer etnográfico, cujo trabalho de campo foi realizado no período entre junho de 2014 e março de 2018. O problema de pesquisa que pretendo responder é quais os mecanismos de inserção usados pelos migrantes brasileiros em Cali para estabelecerem relações cotidianas e de trabalho. Esta pergunta me levou a querer conhecer as práticas alimentares e os eventos que giram em torno delas, como um dos principais motores do dia a dia destes migrantes, tanto do grupo consigo mesmo quanto como sinal adscritivo em relação ao mundo dos colombianos.

O objetivo principal desta pesquisa é o de compreender como as práticas alimentares, sejam elas do dia a dia ou cerimoniais e os eventos próprios das redes sociais, que giram em torno das famílias de brasileiros, são usados por eles, especificamente pelas mulheres migrantes como as criadoras e ativadoras de tais redes. Na extensa literatura a respeito da articulação de redes sociais nos processos de mobilidade, os engajamentos ao interior destas são tidos como uma das principais fontes de ajuda nesses primeiros momentos da vida no novo lugar (ASSIS, 2007, p. 752). Segundo aponta Vertovec (2009) é no contexto transnacional que as relações

¹ Optamos por compreender este processo de mobilidade como migração porque, embora ordenado e facilitado, está envolto nas dinâmicas do mercado de trabalho capitalista contemporâneo. Além disto, os processos, tanto objetivos quanto subjetivos deste deslocamento se inserem na lógica de uma migração em curso.

sociais se intensificam. Entende-se que essas relações com os pertencimentos a um território específico, com os costumes do país de origem, entre outros, são essenciais na construção de um novo panorama social, cultural e econômico entre as “nações” envolvidas e que é por meio das interações entre pessoas e entre estas e seus países de origem, que o transnacionalismo se sustenta.

Para Portes (1999), por exemplo, as práticas transnacionais se veriam refletidas em atividades e ocupações que envolvem contato social regular para além das fronteiras nacionais, enquanto que para Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992) as práticas transnacionais se fundamentam nos processos através dos quais os migrantes constroem campos sociais que vinculam seu país de origem e o de destino, envolvendo relações sociais, familiares, econômicas, religiosas, que perpassam as fronteiras, sejam elas regulares ou esporádicas. Partindo do desenvolvimento de atividades transnacionais vão se construindo redes sociais ao interior de grupos de migrantes, pois há um interesse comum de manter os laços com o país de origem, seja pela comida, pela língua ou a música, como no caso dos brasileiros na Colômbia. Um dos sinais diacríticos (BARTH, 2000, p. 60) por excelência das brasileiras em Cali, tidos como laço transnacional com o país de origem e celebrado ao interior de todos os eventos que essas redes promovem, é a produção e consumo de “comida brasileira”. Segundo Da Matta (1986, p.32), “não se sabe no fim se foi a comida que celebrou as relações sociais, estando a serviço delas, ou se foram os elos de parentesco, compadrio e amizade que estiveram ao serviço da boa mesa”. Desta forma, a elaboração e consumo de comida brasileira, o que é entendido por comida brasileira na Colômbia, constitui-se como um dos elementos fundamentais para que o corpo social² se reproduza.

O trabalho de campo teve início em 2014 e finalizou em 2018 e não foi contínuo. Em um primeiro momento, a partir dos primeiros contatos, os dados iniciais foram tomados do grupo de *Facebook*³ denominado *Colônia Brasileira em Cali*, criado em 2014, com o objetivo de reunir a maior parte de brasileiros que estavam na cidade e para comemorar a Copa do Mundo que se realizava no Brasil naquele ano.

Para analisar as informações trazidas por meio desta rede social, criada em 2004 e introduzida nos países da América Latina em 2007, usamos os conceitos de Hine (2004). Para

² Ao entender o ato de comer como uma prática que vai além do fisiológico e entra no campo do simbólico e cultural, Klaas Woortmann (1985, p.1) enfatiza sobre a capacidade que tem a comida de ajudar o corpo a se reproduzir não só biologicamente, mas socialmente ao restaurar as energias gastas no trabalho, garantindo a reprodução da força do trabalho da família, envolvendo construções de gênero, por exemplo.

³ O *Facebook* é uma rede social virtual privada que permite a interação entre pessoas. Conta com cerca de 1 bilhão de usuários do mundo todo.

a autora, a tecnologia pode ser entendida como texto, plausível de ser lido e analisado, e as interações entre sujeitos que usam estas plataformas partem do fato de que o tempo não é mais linear e cronológico e sim um *collage temporal* (CASTELLS, 1996, p. 375). Assim, usuário e etnógrafo requerem de uma “competência cultural para interpretar padrões complexos de temporalidade” (HINE, 2004, p. 119) além de aprender a se mover por diferentes espaços sociais que cruzam as dimensões temporais e espaciais. Para compreender tais dados presentes nas interações no *Facebook*, foi preciso reorientar o foco empírico para questões que tem a ver com sobre como, onde e quando aparecem as “identidades” e “realidades” na internet (HINE, 2004, p. 121).

Os migrantes sujeitos deste estudo são tidos como altamente qualificados uma vez que pertencem a um tipo de mobilidade de força de trabalho de profissionais com ensino superior que se deslocam para ocupar cargos gerenciais. Esta situação lhes outorga privilégios institucionais como os de viajar em companhia do seu núcleo familiar mais próximo (cônjuge e filhos) e um leque de serviços oferecidos pelas empresas das quais farão parte, para que o processo de adaptação na cidade seja facilitado. Se trata então de mobilidade de mão de obra qualificada, autodeclarados como brancos, com idades entre 25 a 50 anos e que já compunham uma elite, mesmo antes de empreender o projeto migratório.

Nesta fase inicial fiz principalmente busca por contatos e colaboradores, com um período breve de observação participante. A realização da Copa do Mundo no Brasil fez com que os brasileiros se sentissem mais à vontade para explorar sua identidade nacional e que as reuniões fossem regulares e heterogêneas, garantindo um envolvimento maior e uma marcada presença destes nos encontros com motivo de assistir ao jogo. Durante essa fase, foi observada a presença de brasileiros que nunca haviam se reunido com outros brasileiros, embora estivessem há anos morando na cidade.

A Copa do Mundo Brasil 2014 marcou um ponto importante, não apenas para a pesquisa, senão na biografia dos indivíduos que até o momento iam se conhecendo uns aos outros. Não apenas por representar o momento principal onde as relações sociais entre brasileiros em Cali começaram, também porque, no desenvolvimento da mesma os atritos entre brasileiros e colombianos foram se dando, existindo, incluso, relatos de *bullying* experimentados pelos filhos destes brasileiros nas escolas.

Isto porque havia uma grande expectativa do que seria o desenvolvimento de ambas seleções no decorrer da Copa e uma vez entraram em confronto direto deixou o Brasil por cima da Colômbia, eliminando-a da competição. Esse foi um dos dias mais tensos, narrados por alguns dos meus interlocutores.

Em um segundo momento, adicional aos dados obtidos por meio da observação participante e da consulta do material disponibilizado no Grupo de *Facebook* e na página de *Migração Colômbia*⁴, realizei 5 entrevistas com três famílias de brasileiros que fui conhecendo no decorrer desse período social inicial. Estas entrevistas se deram face a face, pois eu ainda me encontrava residindo no mesmo lugar que elas. A partir deste período de entrevistas fui convidada para fazer parte de alguns cafés da tarde e jantares ocasionais na casa de alguns migrantes. Cafés da tarde, uma figura que não existe na Colômbia e que a própria Sandra conferiu a partir das conversas com sua *funcionária*, seriam os espaços destinados à comida e a interação social, que as brasileiras realizavam no meio das tardes. Trata-se de mesas fartas com pão de queijo, bolos, doces, salgadinhos, presunto, queijo, manteiga, e claro, café. Prática comum no Brasil, mas que não faz parte do cotidiano alimentar colombiano.

Neste período, percebi quais os agentes que disputavam o “poder” e “prestígio” e quais as tensões dentro do coletivo de “brasileiros em Cali”, pois compreendo que as redes sociais não são campos neutros e que estão mediados por relações de gênero, geração, parentesco e até antiguidade nos grupos.

Desde o início, Sandra, que apresentarei em seguida, sempre se mostrou uma líder dentro do grupo e me ajudou a compreender o papel dos outros migrantes brasileiros em Cali. Ela é uma pessoa que gera coesões e exerce liderança sobre seu grupo familiar e também entre as redes sociais nas quais está inserida e por tal motivo se tornou a interlocutora principal deste trabalho, fazendo com que todas as falas aqui apresentadas sejam as captadas em conversações e entrevistas com ela

A casa de Sandra se tornou o centro das reuniões e era ela também quem sempre estava disposta a marcar os encontros e a me apresentar a outros brasileiros que ia conhecendo. Sempre que precisei de alguma colaboração na pesquisa, foi ela quem se ofereceu a falar com as outras brasileiras para que contribuíssem, fosse com a pesquisa ou com qualquer outro tema. Por tal motivo, o que no início parecia ser uma pesquisa mais geral, acabou tornando-se em análise da trajetória de vida dela e de sua família. A partir desse momento e como já estava residindo no Brasil, realizei em 2017 mais duas entrevistas em lugares públicos, na cidade onde Sandra

⁴ O Departamento de *Migración Colombia*, antigo D.A.S, é a instituição encarregada: “da gestão migratória concebida para o serviço ao cidadão e a garantia plena dos direitos dos migrantes” O *D.A.S* O Departamento Administrativo de Segurança (por suas siglas em espanhol) era a instituição antiga, que durante muitos anos esteve encarregada de tratar a questão migratória desde uma perspectiva de segurança nacional, usando a investigação criminal como uma ferramenta para orientar os riscos e ameaças à segurança de Estado e combater assim o “delito” (Fonte: MIGRACION COLOMBIA-OIM, 2011).

nasceu,⁵ apenas para ela e sua família, podendo acompanhar seu dia a dia durante suas férias no Brasil.

Perante meus interlocutores, em um primeiro momento, apresentei-me como a esposa de um brasileiro na Colômbia. Meu marido é gaúcho⁶ e estava na Colômbia para dar continuidade a nosso relacionamento. Isto porque no momento de conhecer grande parte deles, eu ainda não estava desenvolvendo nenhuma pesquisa científica.

Tempo depois, quando comecei a fazer o projeto de mestrado, apresentei minha pesquisa, deixando aberta a possibilidade de as pessoas colaborarem ou não. Sendo que, até esse momento eu já tinha um bom convívio com estas famílias. Minha experiência como professora de espanhol e português me permitiu ganhar mais proximidade na fase inicial, assim como ser esposa de um brasileiro na Colômbia, o que me concedeu um lugar privilegiado nas reuniões e cafés da tarde dessas brasileiras. Na verdade, eu também estava conhecendo algo da “comida brasileira”.

Na fase posterior, já como estudante de mestrado no Brasil, o fato de eu me reconhecer abertamente como migrante contribuiu com a partilha de sentimentos e com a abertura de troca de experiências. As questões de aproximação e negociação com meus sujeitos em campo, serão melhor abordadas no primeiro capítulo.

Assim, a comida e o conhecimento das práticas alimentares, não iniciou como o foco primeiro desta dissertação de mestrado. Porém, desde o período da observação participante se fez notável. Os alimentos se faziam presentes em todas as reuniões das quais participava junto dos brasileiros. Os primeiros encontros foram realizados, inclusive, em pizzarias da cidade. Segundo alguns dos brasileiros com os quais partilhei esse contato inicial, era difícil encontrar comida brasileira nas ruas de Cali, a não ser que fosse preparada no interior de cada casa. Assim, como um dos alimentos dos quais mais sentiam saudade, além dos brasileiros como tal, era da *boa pizza, a pizza paulista*, os encontros em pizzarias se fizeram necessários.

Além de a pizza estar presente tanto no Brasil, quanto na Colômbia⁷, a chegada da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, fez com que os brasileiros que recém chegavam na cidade optassem por locais públicos para assistir aos jogos de futebol, pois não se conheciam uns com os outros e não havia casa que suportasse todo o contingente. Esta iniciativa foi

⁵ A cidade de encontro não será revelada para preservar ainda mais sua identidade. Para facilitar a compreensão do leitor, citarei que é uma cidade do sul do país.

⁶ Gaúcho é a denominação que se atribuí a quem é nascido no Rio Grande do Sul, estado federativo do sul do Brasil.

⁷ Fui informada que a pizza colombiana “nem se compara com a pizza brasileira. Até a pizza mais cara de Cali poderia ser substituída por um rodizzio comum em São Paulo”, segundo Filipe (32 anos).

liderada por meu esposo, que na época trabalhava para uma Fundação Colombo-brasileira e que buscava, no marco da Copa, dar a conhecer seus serviços, para a comunidade *caleña*⁸, quanto para os próprios brasileiros. Assim, as pizzarias se sentiam *honradas* em receber a Colônia brasileira em Cali, e em troca, a Fundação ganhava publicidade e reputação. A imprensa ficou sabendo do movimento entre brasileiros e não duvidou em enviar repórteres para cobrir a notícia:

Figura 1-5- Brasileiros em Cali retratados pela imprensa local.



Fonte: Prints tirados dos canais oficiais de cada veículo em Youtube.

Partilhando e observando os espaços de sociabilidade e comensalidade compreendi a capacidade que a comida possui, dentro de uma comunidade étnica, de aproximar, segmentar, de comunicar, portanto, passei a entendê-la como um sinal adscritivo e um elemento político e simbólico muito importante.

Depois, quando a pesquisa passou do ambiente público ao doméstico, as mesas fartas e a “comida étnica” tomaram relevância. Reconheço a “comida brasileira” como os brasileiros em Cali denominam, como um seletivo grupo de alimentos e temperos, sejam eles feitos no Brasil

⁸ *Caleños* e *caleñas* é o gentílico de quem é nascido na cidade de Cali, lócus da pesquisa.

ou preparados *como* no Brasil. Esta comida não é homogênea, ao mesmo tempo que a configuro como sendo étnica, dado o novo contexto no qual ela é inserida, ou seja, de brasileiros na Colômbia.

Por comida étnica compreendo aquela comida que dentro do novo contexto migratório contesta àquela produzida no estado-nação de destino, que seria tida como referente local e que faz parte do grupo dominante. Tal contestação ajuda a deshomogeneizar uma coletividade, por um lado, e contribui na reafirmação de identidades, pelo outro. Conforme Pizarro (2013), a comida étnica, que está enquadrada dentro dos demais marcadores étnicos, seria aquela escolhida para confrontar os sentidos hegemônicos ou para, pelo contrário, adequar-se aos lugares de identificação assinalados. Por tanto, entendo que é flexível e dinâmica, sendo que, por ser um sinal diacrítico (BARTH, 2000, p. 61), varia dependendo dos atores e do cenário no qual ela está presente e vá de encontro com as regras de interação que o grupo étnico, como forma de organização social (BARTH, 2000, p. 31), estabeleceu para o contato com outros grupos humanos, seja para “proteger” a si mesmos perante um possível confronto ou modificações, especialmente nos hábitos alimentares. Assim, tanto a comida em um contexto migratório como o gosto atuam como mobilizadores de significados e demarcadores de identidades (MACIEL, 2013, p. 321) atingindo aspectos biológicos e fisiológicos, mas também sociais. Tendo assim, dimensões comunicativas com capacidade de contar histórias que narram, entre outras coisas, as negociações de sentido e identidade de uma comunidade em decorrência da convivência com outro grupo social (AMON; MENASCHE, 2008, p. 18). Trata-se de uma comida “on the move” (MINTZ, 2001).

Percebi, então, que a comida não só estava presente como elemento tangível, da cultura material, dentro dos locais comerciais ou casas, também o fazia nas conversas, no discurso dos próprios migrantes, mostrando assim as negociações e transformações que suas receitas e dietas iam *sofrendo* a partir do empreendimento migratório.

Por tanto, praticamente todas as entrevistas realizadas foram feitas em cafés da tarde ou em jantares, tanto no espaço doméstico - na casa de alguma das famílias - quanto em locais públicos como pizzarias, bares e cafés coloniais (no Brasil). Entre cores e cheiros, temperos, sabores e aromas, histórias foram surgindo. Essas histórias referentes à comida, que apelavam à memória e evocavam sentimentos me permitiu acessar às subjetividades destes migrantes.

Entendo a comida oferecida por estas mulheres a mim, como uma mostra de afeto, uma vez que grande parte dos alimentos eram elaborados por elas, ou em alguns casos por suas *funcionárias*, com a supervisão delas, e como uma forma de contribuição com a pesquisa que estava sendo desenvolvida. Conforme Zanini e Santos (2013, p. 50) “a comida pode variar, mas

a relação que ela procura estabelecer com o outro, não”. Assim, a comida partilhada entre brasileiras na Colômbia comigo, buscava estabelecer um elo de confiança que entendi como um aceite dentro do grupo e do envolvimento com a pesquisa.

Por meio das redes sociais virtuais, principalmente *Facebook* a comida aparecia como tecedora de relações sociais em acontecimentos importantes e cerimoniais, tais como matrimônios Colombo-brasileiros, aniversário das crianças na escola, primeira comunhão⁹, entre outros. Ganhando espaços primordiais em fotos e textos dentro das redes sociais virtuais. Assim, destaco o papel narrativo que tem a comida, uma vez que festas e fatos também foram narrados e recordados pelo que foi servido na mesa. Para Jovchelovitch (2007) é com base nessas narrativas que as comunidades invocam a memória do que aconteceu, estruturando a experiência em intervalos de tempo que dão significado aos acontecimentos. Por memória, compreendo, conforme Halbwachs (1990), a leitura sobre o passado, que é elaborada no presente e que ultrapassa o plano individual que não existe se apartado do contexto social no qual se processa. Observei que “as relações sociais, as trajetórias individuais e familiares se cruzavam com a produção e o consumo de alimentos” (ZANINI e SANTOS, 2013, p 43.).

O convite é para que nas próximas páginas transitemos pelas cenas, encontros, memórias e pelas receitas transmitidas de geração para geração e pelas cozinhas, sejam elas entendidas como espaços físicos ou simbólicos, mas de resistência também, destas brasileiras na Colômbia. Para que compreendamos o papel fundamental das redes sociais de migrantes criadas com outras brasileiras, seu lugar como mulheres dentro destas que surgiram a partir da migração e da família como unidade de valor muito importante como demarcador da brasilidade.

Apesar de não ter outras pesquisas sobre brasileiros e suas famílias na Colômbia, dados sobre brasileiros em outros países como Estados Unidos e Reino Unido foram muito úteis. Tais pesquisas davam conta das práticas alimentares ou rearranjos de gênero e familiares dos migrantes brasileiros indistintamente do país de migração e serviram como referencial teórico e estado da arte.

O uso de imagens foi bastante restrito, dada a necessidade de manter a privacidade de meus interlocutores. As que aparecem ou compõem meu arquivo pessoal ou foram retiradas da *internet* e não representam nenhum risco para a segurança e privacidade dos mesmos.

⁹ Comemoração religiosa cristã que marca a passagem ritual da criança à adolescência, através de sua primeira participação em uma Eucaristia. Entende-se como o momento em que se recebe o corpo e o sangue de Cristo e é um dos sacramentos do cristianismo católico. Na Colômbia, esta passagem se dá entre os 9-12 anos, aproximadamente, e são os colégios, de orientação religiosa, os encarregados de preparar as crianças para tal evento, assim como oferecer suas instalações para que seus estudantes participem do ritual.

A presente dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, *Narrando as trajetórias da elite migrante brasileira: etnografia e questões éticas da pesquisa*, apresento meus interlocutores e trago alguns dados sobre a migração internacional e de brasileiros para a Colômbia, como uma base para entendermos melhor o *locus* da pesquisa. Mostro como me aproximei do grupo, os primeiros estranhamentos que vivenciei, os tipos de relação que estabeleci com o mesmo e como foi realizada a seleção dos colaboradores da pesquisa. Apresento, também, minhas negociações em campo, as questões éticas e as limitações da etnografia e a minha trajetória de pesquisa.

No segundo capítulo, *Deixando os mais afetados decidirem*, faço um percurso sobre a posição da mulher e da família dentro do projeto migratório, desde a tomada da decisão de migrar, até sua inserção dentro da sociedade no país destino, uma vez que, as reconheço como a porta de entrada para a conformação das redes sociais e que muitas vezes, no decorrer da história teve sua agência negligenciada e sua participação na migração invisibilizada (ASSIS, 2007, p. 748).

Neste capítulo também analiso quais os conceitos de família que estão sintonizados com esta migração e quais os rearranjos da mesma, uma vez que as mulheres passam a assumir o controle total das questões domésticas, sendo que, muitas vezes essa posição não era desenvolvida por elas diretamente no Brasil, mas que longe de ser considerado por elas como uma submissão ou servilismo, é visto como libertador e um momento de autonomia (DEVIKA 2005, p. 152), que surgem como consequência do processo migratório. Tomo como referência a noção de família de Bourdieu (1994), que a define como uma construção bem fundamentada, parte de um mundo ficcional e simbólico que permite ao sujeito ordenar, entender, organizar e se relacionar com sua realidade e seu entorno (MARTINEZ; REYES, 2017, p. 114).

Como identifico a posição fundamental que têm as mulheres para a consolidação e manutenção das redes sociais de migrantes que vão se formando em Cali, narro também como se desenvolvem estas redes e qual a importância que isso traz para o interior do grupo.

No terceiro capítulo, *Brasileirando em Cali* abordarei as práticas alimentares como parte importante da sociabilidade do grupo. Entendo tais sociabilidades como uma associação de aspecto lúdico (SIMMEL, 2002) em que a comida, no caso por mim estudado, é elemento constante nos cenários. Nesse sentido, as festas e reuniões entre brasileiros também serão abordadas, uma vez que é aí onde as comidas cobram um sentido ritualístico e sentimental.

A comida, entendida como um símbolo que comunica (TAMBIAH, 1969) e como alimentos processados culturalmente e que adquirem tal *status*, (ZANINI; SANTOS, 2013). Um alimento transformado pela cultura e que se come com prazer, de acordo com as regras

mais sagradas de comunhão e comensalidade (DA MATTA 1987), torna-se uma voz que comunica e que, por falar, pode contar histórias (AMON e MENASCHE, 2008, p. 13). Um código complexo que permite compreender os mecanismos da sociedade à qual pertence, da qual emerge e a qual lhe dá sentido (MACIEL, 2004, p. 26) e que, portanto, tem a capacidade de unir o segmentar um grupo específico, assim como o ato de se alimentar como um momento que ultrapassa o fisiológico e alcança o nível do social (MINTZ, 2001; DOUGLAS, 1976) e também como traços culturais por excelência dos brasileiros na Colômbia.

Por traços culturais entendo aqueles sinais diacríticos que irão ajudar a distinguir um grupo de outro (BARTH, 2000, p. 61), que não são arbitrários, pelo contrário, são escolhidos pelos membros de um grupo e que variam dependendo do contexto, da sociedade na qual o grupo se encontra inserido. São então, elementos operativos que demarcam o contraste (CARNEIRO DA CUNHA, 1979, p. 240).

Para Ribeiro (1998), os estados nacionais são esses lugares onde convergem grupos de pessoas que etnicizam uns aos outros, colocando em evidencia o caráter contrastativo das identidades: “A identidade nacional, ela mesma uma construção que se direciona para uma homogeneização instrumental de uma determinada população, se transforma, também instrumentalmente, em uma identidade étnica” (RIBEIRO, 1998, p 3).

Neste capítulo analiso também as questões morais transmitidas por meio da comensalidade (APPADURAI, 1981), o caráter transnacional das comidas e objetos de consumo, as continuidades e descontinuidades do gosto e dos alimentos diferenciando as práticas alimentares próprias do cotidiano e as do ritual.

CAPÍTULO I: NARRANDO AS TRAJETÓRIAS DA ELITE MIGRANTE BRASILEIRA: ETNOGRAFIA E QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA

O presente capítulo pretende analisar dois importantes aspectos sobre a construção do meu “objeto” de pesquisa. Em um primeiro momento, falarei sobre meus interlocutores, a migração para a Colômbia, o tempo e o espaço da pesquisa, assim como da minha trajetória profissional e pessoal, uma vez que argumento que a minha subjetividade e minha história de vida influíram na escolha do meu tema de pesquisa. Segundo Da Matta, a pesquisa etnográfica deve “sintetizar a biografia e a teoria, e a prática do mundo com a de ofício” (1978, p. 25). Reconheço-me como migrante e, principalmente durante o período de observação participante, senti a necessidade de me desfamiliarizar de algumas situações e me distanciar de algumas prenoções.

Em um segundo momento, abordo a construção metodológica, as negociações em campo, as questões éticas da pesquisa, as limitações que tive desde o momento das entrevistas até a própria escrita, a vigilância epistemológica e a reflexividade que o fazer etnográfico sobre migração me proporcionou.

1.1 AS TRAJETÓRIAS DE VIDA

Assim como Foote Whyte (1943) via em Doc (seu informante privilegiado), uma fonte de colaboração e um mecanismo de inserção dentro da sociedade que pretendia estudar, contei com a boa vontade e disposição da minha interlocutora Sandra e de sua família. Este se fazer brasileiro na Colômbia é contado, então, cruzado também pelas narrativas e da trajetória de vida dela. A noção de trajetória será utilizada tal qual Bourdieu (1988, p. 108) propunha, para narrar as regularidades no deslocamento dos indivíduos no interior do espaço social, desde certas posições para outras. Assim, faz-se viável o reconhecimento de origens sociais e geográficas comuns, processos de identificação dentro e fora do grupo, entre outros.

O grupo doméstico de Sandra (42 anos) é composto por ela, seu esposo Diego (52 anos) e Leandro¹⁰ (12 anos). Sandra, uma mulher branca, assim declarada por ela, com estudos superiores e de pós-graduação no Brasil. Chegou na Colômbia há mais de 4 anos quando Diego recebeu uma oferta de trabalho como Presidente de uma importante empresa. A área específica

¹⁰ Os nomes reais foram trocados porque existia uma preocupação por parte dos entrevistados em preservar sua privacidade, uma vez que ocupam cargos estratégicos em grandes empresas e posições consideradas de *status*, com um baixo perfil a ser guardado.

na qual Diego trabalha é uma das mais importantes para a economia do Valle del Cauca, sendo muito bem-conceituada dentro da economia da região. Sandra, por sua vez, continuou trabalhando remotamente, via *internet*, com o escritório de advocacia para o qual trabalhava há 12 anos, no Brasil, dividindo-se então, entre os afazeres domésticos e os laborais.

É importante destacar que a maioria dos brasileiros com os quais trabalhei durante a pesquisa se viam representados na trajetória da família da Sandra. Todos possuíam a documentação regular exigida para trabalhar no país o que, segundo Mitchel (2003), poderia contribuir para que as práticas transnacionais destes migrantes fossem constantes e as redes sociais mais sólidas, pois a questão da deportação não é um medo presente, além de que alguns deles tem mais tempo para se envolver em atividades adicionais ao trabalho por terem apenas uma ocupação, condição que não está presente em outros trabalhadores migrantes cujo status migratório é o de indocumentados. Além do que, para sobreviver necessitam ter um ou vários trabalhos em condições, muitas vezes, de exploração. Porém, entendo que embora tenha sido observado tal engajamento durante a minha pesquisa, os trabalhadores indocumentados, os quais não foram retratados aqui, também fazem parte de redes sociais e criam estratégias que lhes permitem sobreviver e se adaptar no novo contexto, ou seja que tal quesito não é único daqueles que tem a situação jurídica em dia.

Todos os pesquisados eram provenientes de camadas de classe média e alta na sociedade brasileira, o que facilitou a estabilidade econômica na Colômbia. Foi observado também que grande parte dos brasileiros que estão migrando para a Colômbia possuem ensino superior completo e em alguns casos diploma de pós-graduação, o que acaba sendo um diferencial perante outros tipos de migração. Grande parte deles moravam em capitais ou importantes centros urbanos do sul e sudeste brasileiro, antes de migrar para Cali.

Apesar de todas estas convergências encontradas entre meus interlocutores, estes brasileiros não serão tidos em conta como uma população homogênea, e os dramas presentes na decisão de migrar, no fato de as mulheres terem que deixar projetos individuais ligados à profissão no Brasil serão analisados no segundo capítulo, com o intuito de apresentar a heterogeneidade existente nessas trajetórias.

Ao se tratar de uma migração recente e pouco documentada, esclareço que entendo esta migração como internacional, no momento em que falamos de um deslocamento de pessoas entre diferentes Estados-nação, cujo principal motivo é o trabalho, ou seja, a condição de migrante subordinada ao de trabalhador. Ao entender esta migração como subordinada à de trabalhador, entende-se sua presença como provisória, temporária e em trânsito (SAYAD, 1998,

p. 54). Esta migração também será entendida como uma migração sul-sul, uma vez que tange à migração entre países considerados em desenvolvimento (HIRSCH, 2008). Considera-se, também, uma migração cíclica de trabalhadores, tendo em conta que se trata de migrantes que viajam com redes estabelecidas de trabalho no país de destino e com uma perspectiva de retorno tangível (PORTES, 2011) e, por último, como uma migração internacional de caráter transnacional que gera o transmigrante que desenvolve e mantém relações sociais, familiares e econômicas que ultrapassam fronteiras (GLICK-SCHILLER; BASCH; BLANC-SZANTON, 1997).

Embora estes migrantes estejam sujeitados a seus trabalhos no país de destino, como uma condição pessoal para ficar dentro do território nacional, é importante esclarecer que compreendo que se trata de uma mobilidade de profissionais amplamente qualificados no mercado capitalista de ocupações, daí seu caráter documentado e regrado. Distinto do fluxo de trabalhadores migrantes, que muitas vezes se deslocam tendo consigo apenas uma rede social consolidada e submetidos a exploração laboral. Será nesta perspectiva que as trajetórias de vida serão analisadas.

Antes de falar sobre o panorama das migrações sul-sul e o papel dos Estados-nação dentro do projeto migratório, faz-se necessário mencionar que entendo a migração internacional conforme o proposto por Sayad (1998). O autor a explica como um fato social total, ou seja, em que historicidade, subjetividade e um corpo se deslocam. Migrantes carregam na sua bagagem todos aqueles aspectos que lhe formam enquanto seres sociais e que ao atravessar as fronteiras nacionais não se dispersaram no ar e nas fronteiras, pelo contrário, viajam com eles e são inseridos no país destino.

Esta noção do migrante como trabalhador é abordada por Portes (2011), que faz uma diferenciação entre o migrante internacional cíclico e o permanente. Esta diferenciação é importante, porque dependendo do tipo de migração internacional, assim serão as vantagens para os países de origem (um tanto descuidadas pelos estudos teóricos que contemplam principalmente o papel do imigrante dentro dos países receptores).

Segundo Portes (2011), os migrantes cíclicos, ou seja, aqueles trabalhadores que passam certo tempo no estrangeiro, mas que finalmente retornam a suas famílias, tendem a produzir resultados positivos no desenvolvimento do país, uma vez que as famílias permanecem nos países de origem e as poupanças acumuladas no exterior por estes migrantes podem ter um impacto produtivo nas economias locais no momento do retorno. Já os permanentes acabam levando consigo seus familiares e amigos e poderiam criar povoados fantasma nos países de origem e cujas remessas não compensam a ausência humana para o país de origem.

Identifico a migração cíclica como a migração da qual fazem parte a maioria das famílias de brasileiros que estão na Colômbia. Porém, estes trabalhadores não migram sozinhos, pelo contrário, o fazem com seu núcleo familiar mais próximo. Mas a busca pela ascensão social e o acúmulo de capital, por meio de poupança, que é investida quase integralmente na sociedade de origem no momento do retorno, que se dá em, no máximo, cinco anos após ter partido, sim se faz presente. Embora a questão dos cinco anos seja recorrente nos relatos, as empresas das quais estes migrantes fazem parte poderão requere-los a qualquer momento, isso quando consultores de empresas colombianas ou profissionais das multinacionais. Quando, como no caso de Diego, são contratados diretamente, uma vez passado o período de prova, dois anos, poderá retornar se bem lhe parecer, ao seu país. Como o acúmulo de capital e aquisição de bens materiais no Brasil é o objetivo, a estadia se prolonga e as incertezas sobre o retorno também.

Para Appadurai (2001), fazendo referência ao mundo moderno, as paisagens, que seriam circuitos pelos quais fluem os materiais culturais que atravessam fronteiras nacionais, sejam eles étnicos, tecnológicos ou financeiros, estão inseridas nos *mundos imaginados*, que seriam mundos produto da imaginação historicamente localizada de pessoas e grupos dispersos pelo globo. A paisagem étnica (APPADURAI, 2001, p. 65) por exemplo, estaria composta pelas pessoas que constituem o cambiante mundo em que vivemos: turistas, migrantes, refugiados, exiliados, trabalhadores convidados e que possuem certa ingerência sobre as políticas das/entre nações. Tais indivíduos não deixam que sua imaginação descansa, uma vez que, quando o capital internacional muda ou as políticas dos Estados-nação mudam, estão dispostos a remigrarem.

Assim, tal como meus sujeitos de pesquisa, em termos de economia política global, os movimentos humanos, o fluxo de tecnologias e as transformações financeiras, estão intrinsecamente unidos e respondem ativamente às mudanças do mundo. Fazendo com que, um dia a Colômbia seja um bom local de moradia e no outro seja novamente o Brasil ou outro país qualquer.

O conceito de migrante, muitas vezes colocado pelo senso comum ao migrante *indocumentado* e ou *pobre*, fez com que, em um primeiro momento, meus interlocutores o suprimissem nas suas falas, não se reconhecendo como tal. Preferindo ser chamados de “apenas brasileiros na Colômbia”, ou “expatriados”¹¹. Este último conceito é como as empresas

¹¹ O termo expatriado é colocado por Shephard (1996) para denominar os executivos que vivem e trabalham em país estrangeiro, ou seja, um país no qual eles não têm cidadania.

multinacionais e transnacionais os classificam. Porém, com o decorrer da pesquisa eles foram incorporando esse discurso e até levantando bandeiras sobre a condição de migrantes.

Essa incorporação do ser migrante ou não, foi observado principalmente nas mulheres e atribuo ao fato das reuniões periódicas entre elas, ativando as redes sociais, como um dos principais motivos da mudança de autoreferência. Claro que reconheço que a minha presença em campo não foi neutra e ao me referir a elas como *migrantes* e pedir para elas me *falarem mais sobre sua experiência migratória* pode ter incidido na incorporação do conceito.

Quando morava na Colômbia, no período de observação participante e de entrevistas iniciais, era *apenas uma colombiana casada com um gaúcho*, uma amiga da Colônia. Porém, ao me mudar ao Brasil, rapidamente passei a me apresentar como uma migrante perante eles, com o intuito, também, de gerar mais empatia e de mostrar certo domínio dos constrangimentos pelos quais eles poderiam ter passado.

1.2 A COLÔMBIA COMO DESTINO “MIGRATÓRIO”

É importante salientar que historicamente o fenômeno migratório colombiano se diferenciou pela fixidez do fluxo Sul-Norte, perda de capital humano, mobilidade transfronteiriça, entre outros. Porém, os acordos entre países como o de Mercosul¹², a CAN¹³ e acordos binacionais, serviram de alicerces para a emigração de nacionais colombianos a países da América Latina e vice-versa.

Mais recentemente, segundo dados de *Migración Colombia* uma variação no comportamento do deslocamento de colombianos ao exterior foi observada. De acordo com as mudanças nas dinâmicas migratórias dos países e seguindo a tendência da migração internacional, um fluxo constante de pessoas está sendo atraído para o país com o intuito de se estabelecer *permanentemente*¹⁴. Em 2010, a situação política da Colômbia e seus avanços em matéria econômica permitiram a chegada de capitais estrangeiros que impactaram positivamente o desenvolvimento da infraestrutura (MIGRACIÓN COLOMBIA-OIM, 2011). São trabalhadores, homens e mulheres, estudantes, turistas, os que estão permeando as

¹² Mercosul é um bloco econômico criado em 1991 com o objetivo de garantir a circulação de bens e serviços entre os os países membros.

¹³ A CAN é a *Comunidad Andina de Naciones* (pela sua sigla em espanhol). Está composta por quatro países: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru.

¹⁴ Segundo Sayad (1998, p. 54), o imigrante está em uma dupla contradição: a migração seria um estado provisório que gosta de se prolongar indefinidamente e um estado duradouro que gosta de ser vivido com sentimento de provisoriedade.

fronteiras nacionais. Só no período entre 2012-2016 foram realizados 10.669.102 fluxos de ingresso no país, segundo estatísticas de *Migración Colombia* (2018).

Embora não exista uma política de atração do migrante para a Colômbia, podem ser estabelecidos alguns momentos cruciais para que este fluxo se desse. Um deles é o início e posterior assinatura dos Acordos de Paz entre a guerrilha das Farc e o governo Nacional. Outro poderia ser, o investimento em marketing e publicidade por parte dos governos anteriores ao de Juan Manuel Santos 2010-2018, que criaram as campanhas: Colombia es Pasión, Vive Colombia Viaja Por Ella, e Colombia: el riesgo es que te quieras quedar, que salientavam o retorno da segurança nas ruas e vendia uma imagem de país turístico onde os *bons* eram maioria.

Segundo o boletim de dezembro de 2017 tinham entrado no país, fazendo uso do seu passaporte, apenas nesse mês, 352.755 estrangeiros (155.163 mulheres e 197.592 homens) sendo que a principal nacionalidade reportada foi Venezuela, seguida de Estados Unidos e Brasil. O motivo do ingresso também foi relatado. Tirando os turistas, a categoria de visitante temporal foi a que mais acessos obteve (17.900). Nesta categoria entra quem está no país por motivos religiosos, eventos acadêmicos, aqueles que ficariam curtos períodos de tempo. Seguindo da categoria Residentes (4.444). Nesta categoria se encontram os residentes qualificados, familiares de colombianos, Residente Inversionista¹⁵ e Residentes em geral, para obter o visto de residente permanente é indispensável ter tido previamente um visto de, no mínimo, dois anos. A seguinte categoria migratória seria a de trabalhador temporal (3607) composta por migrantes com contratos laborais no país, com uma duração não superior a três anos. Cali se mostrou como a quarta cidade de destino destes migrantes ingressantes no país. Estas estatísticas são um reflexo do acontecido durante todo o ano 2016, havendo apenas uma variação, uma vez que do consolidado anual, o visto de residente aparece no terceiro lugar e não no segundo, como evidenciado se tomamos em conta apenas dezembro.

Estima-se que em 2016 ingressaram legalmente na Colômbia 186.280 brasileiros, 31% a mais do que em 2015. Em primeiro lugar, encontram-se aqueles que ingressaram por motivos de turismo (136.944) e visitante temporal (36.915). Os status migratórios: trabalhador temporal, temporal residente Mercosul e residente, onde se enquadram os executivos e suas famílias, objeto de este estudo, somam 5.967 ingressantes.

¹⁵ A categoria de Residente Inversionista é um *permiso* legal dado ao migrante para que possa exercer atividades lícitas dentro do país, sendo que tais atividades podem ser remuneradas e de negócios. O maior requisito para obter tal visto é realizar um investimento de compra de imóveis no país. Retirado de: <https://visadeinversionistacolombia.com/>

Este fluxo de trabalhadores para a Colômbia pode ser compreendido como uma migração contemporânea sul-sul, aquela que diz respeito a migração entre países considerados “em desenvolvimento”. Segundo dados do Banco Mundial, dois em cada cinco migrantes vivem atualmente em um país em desenvolvimento (HIRSCH, 2008). Estima-se que o número possa ser ainda mais elevado caso um levantamento dos migrantes que estão em condição de indocumentados pudesse ser feito, dito que a migração entre países em desenvolvimento é menos controlada.

Este fluxo de estrangeiros¹⁶ supera cada ano o de saída, gerando saldos positivos (MIGRACIÓN COLOMBIA-OIM, 2011). Segundo um informe da Universidad del Rosario (2006), presente no estudo de Migración Colombia-OIM (2011) alguns dos fatores que contribuem para que a imigração se dê na Colômbia poderiam ser: 1) os laços históricos, culturais e linguísticos entre determinados países de origem; 2) Melhora das condições econômicas, sociais e políticas do país, 3) Ratificação de instrumentos internacionais, como a Convenção Internacional Sobre a Proteção dos Trabalhadores Migrantes e Suas Famílias, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (Resolução 45/158, de 18 de dezembro de 1990) e a Decisão 583 da CAN, Instrumento Andino de Segurança Social, entre outras disposições legais que respaldam o desenvolvimento dos trabalhadores dentro do território colombiano.

Estes dispositivos não chegam a fazer parte de uma política nacional de atração ao estrangeiro como tal, mas constituem facilidades que influenciam na tomada de decisões de quem pretende empreender o processo migratório.

Segundo dados do Ministério de Relações Exteriores do Brasil na Colômbia, *Itamaraty Bogotá*, existem em território colombiano cerca de 50 empresas brasileiras em setores como siderurgia, infraestrutura, petróleo, mineração, finanças, telecomunicações, tecnologia da informação e no setor de alimentos¹⁷.

Estas relações bilaterais iniciaram-se em 1907 com motivo do Tratado de Limites entre ambos os países. Hoje, segundo o portal Brasileiros no Mundo¹⁸ existem duas associações brasileiras em Bogotá: o Instituto Brasil- Colômbia (IBRACO) que se dedica à difusão do

¹⁶ A noção de estrangeiro em lugar de migrante é usada pelas instituições oficiais colombianas. Na Constituição de 1991, no seu artigo 100, diz: “Los extranjeros disfrutarán en Colombia de los mismos derechos civiles que se conceden a los colombianos. No obstante, la ley podrá, por razones de orden público, subordinar a condiciones especiales o negar el ejercicio de determinados derechos civiles a los extranjeros.

Así mismo, los extranjeros gozarán, en el territorio de la República, de las garantías concedidas a los nacionales, salvo las limitaciones que establezcan la Constitución o la ley”.

¹⁷ Fonte: <http://www.itamaraty.gov.br>. Setor de Relações bilaterais- Colômbia. Consultada em novembro 2018.

¹⁸ Fonte: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/associacoes-brasileiras-exterior/#COLOMBIA> Consultada em maio de 2018.

português e da cultura brasileira na capital colombiana, e o Grupo Aquarela (mais conhecida como Fundação Aquarela).¹⁹

Esses dados são apenas para Bogotá. Em Cali, a partir de meu conhecimento da cidade e de informações de outros brasileiros, conheci e observei outros três centros de ensino de português e de cultura brasileira, particulares, que não contavam com apoio nem reconhecimento da Embaixada, mas que possuíam donos brasileiros: FUNBRACO (Fundação Brasil- Colômbia) CEBRAS (Centro de Estudos Brasileiros) e, ARARA (Academia- Cultural Colombo Brasileira).

Certamente esses acordos bilaterais e o trânsito facilitado pelos acordos mencionados acima influenciou na chegada desses migrantes ao país. Embora a mobilidade sul-sul que narro nesta etnografia não seja do mesmo tipo da qual falava Sayad (1998) anos atrás, o ponto de partida continua sendo o trabalho e a busca por ascensão social. Não é uma migração de países pobres a países ricos, pelo contrário, é uma migração entre dois países considerados *em desenvolvimento*. No caso das famílias de migrantes brasileiros, os trabalhadores não estão desprovidos de direitos. Eles mesmos constituem uma elite, inclusive antes de empreender o processo migratório e que se mantém apesar dele. Sua estadia é autorizada, ou não, por meio de uma sujeição ao trabalho que os faz nascer como migrantes. É, então, uma migração acordada entre os Ministérios de Relações Exteriores de ambos os países envolvidos, uma transação entre ambos os países (SAYAD, 1998, p. 239).

Compreendo que ao serem trabalhadores que migram para ocupar altos cargos gerenciais, pouco ou nada se lhes questiona a capacidade de ir e vir, mas não estão isentos de viver constrangimentos, perdas de referência de locais conhecidos e até de *status* no país destino. Alguns destes constrangimentos e vulnerabilidades serão narrados no capítulo II.

Se faz importante mencionar a diferença entre multinacional, transnacional e empresa em situação de internacionalização, para compreendermos melhor o perfil destes executivos. Uma empresa transnacional “sinaliza a ideia de atravessamento do espaço nacional pela empresa” (BARBOSA; VELOSO, 2007, p. 60) ao tempo em que uma Multinacional sinaliza a presença de filiais em vários países. Já as empresas em situação de internacionalização são empresas nacionais que buscam apoio estrangeiro para se adequar aos padrões e tendências internacionais de gerenciamento.

¹⁹ No Portal de Brasileiros no mundo, a fundação se descreve a si mesma como: criada em 1994 com a finalidade de congrega a colônia brasileira na capital colombiana e realizar obras beneficentes. Atualmente o Aquarela é composto, majoritariamente, por esposas de empresários brasileiros radicados na Colômbia, que se reúnem mensalmente para levar a cabo eventos e projetos de ajuda a instituições e pessoas necessitadas.

Na mobilidade de brasileiros à Colômbia identifiquei o fluxo de profissionais como sendo dos três tipos mencionados acima, sendo os executivos de empresas transnacionais os mais observados.

A sujeição ao trabalho, diferente de outras migrações de brasileiros, dá-se por ser ele o motivo primordial de deslocamento, especialmente para os homens, já para as mulheres seria os laços afetivos e a necessidade de manter a família nuclear reunida enquanto grupo doméstico. *É deixar que os mais afetados decidam* como disse a Sandra quando questionada sobre o porquê da sua migração. Deixando os mais afetados decidirem, ela deixou para trás a ascensão profissional na sua carreira de advogada e ser dona de casa passou a ser sua função principal a partir do projeto migratório.

Entendo por projeto, conforme Velho (1987), a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher, que tem uma dimensão política e cuja condição primeira é ser verbalizado por meio de uma linguagem/código, reconhecendo que mesmo em sociedades totalizadas há a possibilidade de individualização, que não é arbitrária e sim, pelo contrário, regrada. Assim, compreendo *estas mulheres que deixam os mais afetados decidirem*²⁰, como conscientes de serem indivíduos (como valor) que fazem, muitas vezes, escolhas holistas (DUMONT, 1983, p. 35), tendo a opção de não viajar junto de seus esposos, mas escolhendo ir, pelo bem das suas famílias deixando seus projetos pessoais em segundo plano. O projeto familiar, desta forma, converte-se em opção e escolha que faz sentido para estas mulheres.

O fato destes imigrantes brasileiros constituírem uma elite econômica e social no momento de iniciar seu projeto migratório e de viajar com redes estabelecidas e sólidas economicamente falando, não quer dizer que eles não passem pelas situações adversas que outros migrantes passam. O processo de inserção e estabelecimento de redes sociais não é facilitado pela posição social que ocupam, muito pelo contrário, pois sendo membros de elite e tendo cargos importantes, necessitam preservar sua intimidade e privacidade, o que nem sempre é fácil, deixando-os plausíveis de coibições sociais, que vão desde o uso do *Facebook* pessoal até a participação em eventos políticos.

Esse aparato institucional que os acolhe e que lhes brinda tudo quanto é necessário para ter uma vida igual ou melhor àquela que tinham no Brasil, ratifica o quanto eles só existem como migrantes, mediante o que tem para oferecer enquanto trabalhadores. No momento em que deixam de existir como trabalhadores, deixam de existir enquanto migrantes, enfraquecendo o processo migratório e viabilizando o retorno. Mesmo sendo trabalhadores

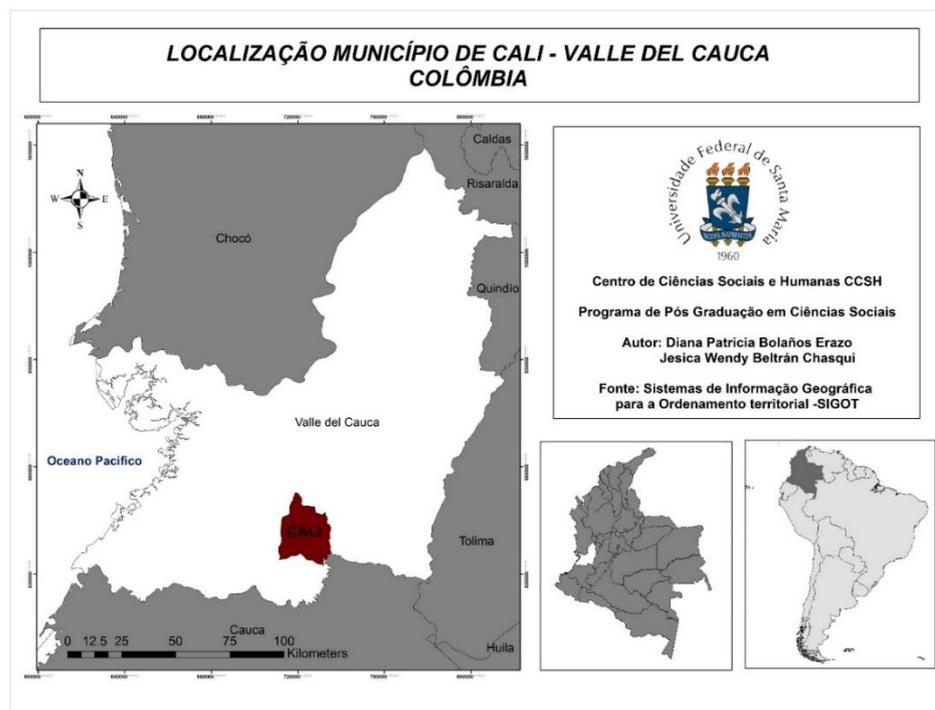
²⁰ No Capítulo 2 aprofundarei sobre estas escolhas e tudo o que envolve o novo projeto familiar, surgido a partir da migração.

qualificados e com privilégios, sua situação não pode ser compreendida fora dos mecanismos do sistema capitalista contemporâneo e das mobilidades do mundo do trabalho (WALLERSTEIN, 1997, p. 251).

1.3 O LÓCUS DA PESQUISA

Cali é o lócus da pesquisa. Localizada no sudoeste da Colômbia é capital do Departamento do Valle del Cauca. É a terceira maior cidade do país em extensão e população, depois de Bogotá e Medellín. Embora não seja a cidade com maior população de brasileiros na Colômbia, é polo industrial e sede de diversas multinacionais como Goodyear, Unilever Andina, Ambev, entre outras, e lugar de ação de algumas empresas brasileiras de consultoria como o Instituto Aquila e Falconi consultores²¹. Essa marcada presença de multinacionais e transnacionais faz com que, cada vez mais, os brasileiros estejam sendo deslocados para a cidade, para trabalhar em altos cargos gerenciais ou prestando consultorias a diversas empresas colombianas em processo de internacionalização.

Figura 6- Localização do Município de Cali



Fonte: Autor

²¹ Estas empresas de consultoria foram criadas em Minas Gerais. Em um princípio constituíam uma só empresa, porém, por desavenças entre os sócios, dividiram-se. Hoje em dia são grandes concorrentes, o que gera *disputa* entre os próprios brasileiros em Cali que trabalham para uma e outra empresa.

A cidade é um dos centros econômicos do país, uma vez que é passagem obrigatória desde e para o sul do país e com a fronteira com Equador. Sua proximidade com o porto de Buenaventura, um dos principais portos marítimos do país, faz com que os comerciantes *caleños* sejam dos primeiros em receber suas mercadorias provindas da China e de Taiwan, ativando a economia local.

Embora a Colômbia não tenha sido receptora de grandes correntes migratórias, viu serem estabelecidas pequenas colônias como a dos sírio-libaneses, que se estabeleceram em Barranquilla desde 1880, dedicando-se a atividade comercial (TOVAR, 2001). Cali se torna uma cidade que atrai migrantes a partir da década de 1920 quando os judeus, provindos de Polônia, especialmente, desembarcaram na cidade, assim como em Bogotá e Medellín. Posteriormente, os japoneses se estabeleceram ao redor da região do Valle del Cauca.

Uma questão importante é que, por estar localizada longe das regiões de conflito, Cali não foi epicentro direto da guerra com a guerrilha das FARC²². Porém, os grupos paramilitares, assim como o narcotráfico através do chamado “Cartel de Cali” estiveram presentes, deixando sequelas em grande parte dos seus cidadãos.

Como a migração de executivos brasileiros para a cidade é recente, deu-se no marco das negociações do governo colombiano com as guerrilhas, que começou em 2005 e incrementou no período do pós-acordo, 2016, pode-se dizer que tal dinâmica não teria se dado no meio de um conflito interno prolongado no país. Porém, segundo a OIM (2017), como os motivos de migração são diversos e o termo paz é polissêmico, não pode ser estabelecida uma relação de causalidade entre a assinatura dos acordos e o aumento da migração internacional para o país²³. O quesito sobre as FARC não foi uma preocupação dos meus interlocutores nem influenciou na decisão de empreender o processo migratório. Porém, sim o foi para as empresas para as quais foram trabalhar, uma vez que a questão da segurança é contemplada nos acordos de trabalho, dando a cada família carros blindados com, em algumas ocasiões, “placas diplomáticas”, guarda-costas e instruções de não parar em nenhuma blitz da Polícia. Em caso de perigo, não precisam baixar os vidros do carro até um representante da empresa de segurança, contratada pela Multinacional para a qual trabalham, entrar em contato com os policiais ou militares a cargo da operação.

²² FARC – EP (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia- Exército do Povo, pelas suas siglas em espanhol) foi considerada uma das guerrilhas mais antigas do continente, de inspiração marxista-leninista. Em 2016, como fruto de um acordo bilateral com o Governo do então Presidente Juan Manuel Santos, entregaram as armas e se incorporaram à sociedade civil, criando um partido político legal (FARC – Força Alternativa Revolucionária do Comum) que hoje tem 10 representantes entre Senado e Câmara.

²³ Retirado de: <http://www.oim.org.co/node/13>. Consultado em: 27 de dezembro de 2018.

Segundo informação do DANE²⁴, a cidade alberga 2,4 milhões de habitantes, suportando o 60% da população total do Valle del Cauca. A população se distribui entre as 22 *comunas*²⁵ da cidade, sendo que a Comuna onde está localizada uma boa parte das famílias brasileiras – a Comuna 22 - é uma das mais privilegiadas enquanto acesso a serviços públicos e infraestrutura, por sua proximidade a importantes *shoppings*, hotéis, hospitais e Universidades públicas e privadas, porém apenas 0,4% da população *caleña* mora neste setor da cidade (cerca de 8 mil pessoas). A comuna, que conta também com um dos lugares históricos da cidade: a *Hacienda Cañasgordas*, sede do grito de independência de Cali, é também epicentro de importantes boutiques, bancos, cadeias de restaurantes como *Mc Donalds*, *Subway*, *BurgerKing*, Starbucks, entre outras, e se encontra distante do Centro da Cidade.

Figura 7 - Vista aérea de parte da Comuna 22.



Fonte: Google Images.

Embora exista um diverso material etnográfico que narra e analisa as trajetórias de migrantes brasileiros para outros países, seus rearranjos familiares e domésticos, a comensalidade como consequência de processos de interação social e articulação de redes, nenhum relata o empreendimento migratório para a Colômbia. De igual maneira, pesquisas que falam a respeito da migração laboral de brasileiros na Colômbia e do papel que cumprem as multinacionais nestes deslocamentos e fluxo de trabalhadores entre um país e outro não foram encontradas.

Assim, é importante salientar que até o momento de escrita desta dissertação não se conheciam dados de outras pesquisas antropológicas ou sociológicas a respeito desta migração

²⁴ O DANE é o Departamento Nacional de Estatísticas, similar ao IBGE no Brasil.

²⁵ Uma comuna é uma unidade administrativa na qual se subdivide a área urbana e abrange bairros e setores. Quase todas as cidades médias e grandes da Colômbia possuem esta distribuição.

específica, assim como também não existiam dados concretos sobre a migração brasileira em Cali.

A perspectiva metodológica escolhida para narrar e analisar estes processos de interação dos migrantes brasileiros em Cali, seus rearranjos de família e gênero, suas continuidades e descontinuidades, práticas transnacionais e consolidação de redes sociais foi o etnográfico.

Entendo a prática etnográfica clássica nos termos de Geertz (1989, p. 15), como um exercício para além das relações com os informantes, da transcrição de textos e a elaboração de genealogias. Etnografia seria, então, um esforço intelectual, uma busca pela melhor “descrição densa” que permite ao pesquisador diferenciar os códigos sociais presentes na interação e atribuí-les um significado. É uma busca pela compreensão das “estruturas de significado” circulantes entre aqueles que pesquisamos e de nós mesmos com eles.

Retomo também a Malinowski (1978) enquanto considera a etnografia como uma forma que possibilita a observação e a participação dentro do convívio cotidiano do grupo social pesquisado. Em poucas palavras, passar de fazer pesquisa nas aldeias a fazer pesquisa com as aldeias. O trabalho apresentado aqui exigiu que, além da etnografia clássica, uma etnografia virtual fosse feita, dada a distância geográfica que hoje tenho com meus interlocutores.

Entendo etnografia virtual nos termos de Hine (2004) quando ressalta que a mesma problematiza o uso da *internet*. A *internet* é produto e produtora de cultura. Ela recebe, mas também interfere. Assim, etnografia virtual daria conta dos processos interacionais que se passam mediados através da internet, modificando a ideia de corporeidade, espaço, tempo, o que sugere outra dinâmica metodológica por parte do etnógrafo.

As redes sociais virtuais são algumas das ferramentas usadas por meus interlocutores para se manter “presentes” na sociedade de origem (Brasil). Parto do fato de que *internet* é uma construção social sujeita a um sem número de interpretações por parte de seus usuários/produtores. Tais interpretações variam dependendo do contexto e a cognição social das pessoas. Dito isto, pensar a tecnologia como texto no ambiente das migrações pode ser de grande ajuda, seja para ler, interpretar o migrante através do uso que ele faz das redes ou como meio para ter informações, seja como objeto de estudo e como campo. No caso desta dissertação, a *internet* é o espaço mediador entre a relação sujeito-objeto e, em algumas ocasiões, o local de onde foram retirados alguns dados.²⁶

²⁶ Sandra, por exemplo, passou a usar o *Facebook* com mais frequência, porém de forma mais restritiva por contraditório que pareça, quando iniciou o processo migratório: A estratégia para acabar com a saudade é receber a família onde ela for e o uso do *Facebook*, porque “aí diariamente você sabe o que está se passando com a família, é uma fonte de informação incrível, tanto para eles sobre nós, quanto deles pra gente. Porque é impossível você

Na medida em que os grupos migram, reagrupam-se em outros lugares, reconstróem suas histórias e reconfiguram seus projetos étnicos, o “etno” de etnografia adquire uma qualidade não localizada perante o qual terá que responder as práticas descritivas da antropologia. Assim, as paisagens étnicas deixam de ser familiares já que tais grupos deixam de estar amarrados a um terreno e limite espacial. Requer-se, então, uma prática etnográfica cosmopolita para se aproximar a essa cultura moderna transnacional (APPADURAI, 2001, p. 63).

Passar da etnografia tradicional, de observação participante e entrevistas a uma etnografia virtual, significou compreender que as fotografias, os áudios e vídeos que Sandra me envia ou posta nas suas redes sociais são textos a serem lidos, são dados de um campo ilimitado que não se esgota quando a entrevista termina, quando o gravador se desliga, quando paramos de falar. A comunicação entre ambas passou de ter um horário regrado, uma preparação previa, passou de ter perguntas preestabelecidas, um roteiro, a uma comunicação mais fluída e que devia ser respondida rapidamente como parte de uma troca simbólica de cordialidades, pois o imediatismo faz parte, também, das regras, da cotidianidade das redes sociais virtuais. Foi compreender que a cultura se reproduz midiaticamente, que o que Sandra *performava* na *internet* era muito além de mera comunicação com seus familiares distantes, era a construção de uma nova percepção de si mesma, em um novo contexto, com limites impostos familiarmente. Os cuidados éticos empregados para realizar a observação e uso dos dados por ela postados nas suas redes sociais virtuais ou nas conversas internas via *Facebook* foram os mesmos empregados na etnografia tradicional. As falas usadas no presente trabalho foram previamente consultadas e autorizadas por ela, assim como apresentar-me como pesquisadora, solicitar o uso das informações postadas de forma pública na rede social *Facebook*, manter a privacidade dos entrevistados no momento da escrita, entre outros.

Por se tratar deste deslocamento entre dois tipos de etnografia e entre outros pontos que mencionarei a seguir, reconheço esse trabalho como sendo uma etnografia multissituada, nos termos de Marcus (2001), porque reconhece conceitos teóricos sobre o macro e as narrativas do sistema-mundo dos sujeitos. Esta etnografia móbil não quer dizer apenas que o tempo e o espaço são mais de um, que existe mais de um sítio de atividades, mas que dá conta dos deslocamentos dos indivíduos pesquisados e que implica um deslocamento por parte do etnógrafo também. Assim, narram-se os mundos de vida de vários sujeitos ao tempo que se

telefonar para todo mundo, ter tempo para falar com todo mundo. Por *Skype* também, “a gente fala bastante por aí”, disse-me.

constrói etnograficamente aspectos do sistema em si mesmo, por meio de conexões e associações que aparecem sugeridas nas localidades (MARCUS, 2001, p. 112).

Esclarecido o método e partindo do fato de que a reflexividade e a biografia do autor influem tanto na escolha do objeto quanto no caminho teórico e empírico a ser percorrido, ressalto que o estudo inicia como uma tentativa de compreender e analisar quem eram esses brasileiros que estavam chegando à minha cidade natal.

Como estudante de jornalismo, migrei para o Brasil em 2012 para realizar um intercâmbio e cumprir com o requerimento de estágio profissional que meu programa exigia. Tive a oportunidade de conviver com diversos migrantes colombianos na cidade de Santa Maria, na qual me encontrava residindo. Aí, consegui me inserir em redes sociais com outros migrantes que levavam muito tempo morando longe da Colômbia. Reconheci-me como migrante perante outros migrantes e o fascínio pela temática iniciou.

Ao retornar ao meu país, estabelecer vínculos com brasileiros se fez necessário não apenas para praticar a língua, mas para manter os costumes que tinha aprendido; em poucas palavras, para dar início a práticas transnacionais. Antes de pesquisar e conferir que não existe literatura para a migração de brasileiros à Colômbia, já havia compreendido a pertinência de narrar este tipo de migração sul-sul, uma vez que comecei a perceber o fluxo constante de brasileiros para a minha cidade. Fui entrando em uma rede que eles mesmos iam formando diariamente: um brasileiro *puxando o outro*.

1.4 ESTUDAR A MIGRAÇÃO COM OLHOS DE MIGRANTE

Iniciei-me no mundo das migrações quando, em 2012, realizei um intercâmbio no Brasil. Parti de Cali, minha cidade natal, até a cidade de Santa Maria, no sul do Brasil. Estudava jornalismo em uma Universidade pública e tive a opção de completar meu estágio na TV CAMPUS da UFSM. Quando cheguei a Santa Maria, produzi e apresentei um programa de televisão sobre o dia a dia dos intercambistas que, como eu, estavam estudando na Universidade. A partir daquele momento, comecei a perceber o mundo da migração e a me compreender como uma migrante, observando, pela minha própria voz e a voz dos outros, a dupla ausência da que fala Sayad (2000):

Já se disse que a ubiquidade era o sonho de todos os deslocados, de todos os transplantados, mas ubiquidade – estar presente em dois lugares ao mesmo tempo, estar e ter estado, ou ainda, estar no presente e no futuro simultaneamente – não faz parte da condição humana. (SAYAD, 2000, p. 20).

Não era a primeira vez que pisava Santa Maria. Já tinha passado brevemente por essa cidade em 2011, a caminho Florianópolis desde o Uruguai. Porém, essa primeira viagem apenas serviu para estabelecer alguns contatos e criar laços de amizade que certamente influíram para que o intercâmbio fosse feito.

Além de conhecer o dia a dia desses intercambistas e narrar suas trajetórias – alguns deles levavam mais de um ano no Brasil - conheci a colônia de colombianos em Santa Maria. Juntei-me a eles com o intuito de deixar de me sentir diferente e saber que, de fato, aquilo que me permeava, acontecia com todos. Seriam apenas 6 meses, o suficiente para me tornar, perceber a mim mesma como uma migrante. Durante este tempo, aproximei-me de outras formas de viver, de fazer e de crescer mesmo longe de casa. Ao mesmo tempo, entendia que a minha condição não era permanente e sim provisória, diferente da de muitos que conheci que levavam mais de 10 anos no Brasil e não tinham nenhuma perspectiva tangível de retorno, apenas a narrada, sonhada.

Comecei a vivenciar tudo aquilo que o país destino de migração me oferecia. Construí redes sociais com outros migrantes -especificamente com conterrâneos - com os quais cada encontro constituía uma evocação interminável de sentimentos, intercâmbio necessário de alimentos e um trabalho coletivo para não “morrer” de saudade.

Figura 8 – Programa SAI no Mundo. Primeiro capítulo



SAI no Mundo - Episódio 1

Figura 9 – Programa SAI no Mundo. Segundo Capítulo



SAI no Mundo - Frederike Wienzek

Fonte: Prints retirados do Canal da TV CAMPUS da Universidade Federal de Santa Maria, do programa SAI no Mundo.

Começa então meu fascínio pela temática, por conhecer aqueles indivíduos que, como eu, desbravaram terras e enfrentaram preconceitos. Indivíduos estes que correram atrás de um futuro melhor, o que quer que seja o que cada um entende por *melhor*²⁷, indo contra princípios

²⁷ A maior parte de colombianos que encontrei estava em condição de refugiados e chegaram no Brasil por causa do conflito político e social vivido pela Colômbia na década dos anos 90. A outra parte era estudante da Universidade Federal de Santa Maria que viajaram para estudar uma pós-graduação paga pelo governo - o que na Colômbia não existe.

ocidentais que rezam a respeito de escolher um lugar para morar e ficar lá, criando vínculos e raízes.

Quando chegou o momento de retornar, deparei-me com um presente assustador: sentir saudade da condição de migrante, de pertencer ao território brasileiro, de me identificar com outros migrantes. Comecei, então, a procurar os brasileiros que moravam em Cali, mesmo sem saber se eles existiam de fato. Para minha surpresa, encontrei vários e esses vários foram me conectando a uma rede infinita de migrantes.

1.4.1 Aproximação ao objeto: os caminhos da pesquisa

O primeiro contato com os brasileiros em Cali se deu quando eu ainda não realizava nenhuma pesquisa sobre migração. Nesse momento, estava realizando um trabalho sobre rádio com perspectiva étnica para as comunidades afrodescendentes da minha cidade. Porém, o gosto pela temática da migração e tudo o que traz consigo já tinha iniciado mesmo antes de ter retornado ao país.

Aproximei-me deles com a grande escusa de não perder o contato com a língua e os costumes aprendidos durante minha passagem pelo Brasil, mas a verdade é que me sentia em casa quando estava com eles. Compartilhávamos experiências, sentia que eu tinha aquilo do qual eles sentiam falta, havia uma identificação. Sem perceber, fui me adentrando nas suas casas, nas suas vidas, fui fazendo um campo com o decorrer dos dias, ao tempo que participava de um sistema de trocas de alimentos, de momentos, de experiências, de ensino de espanhol por português.

O primeiro grande momento de partilha, de sociabilidade, foi com motivo da Copa do Mundo que acontecia no Brasil em 2014. Tal momento fez com que todos sentissem saudade do país e que ativassem suas identidades coletivas para torcer pelo time nacional. Com o intuito de agir organizadamente, planejamos um encontro em uma reconhecida pizzaria da cidade que abriria suas portas para todos nós. Incluo-me nessa massa de brasileiros, pois fiz parte dessas negociações tecidas durante a Copa e assistindo a todas as transmissões dos jogos do Brasil.

Esse primeiro encontro de negociações com a pizzaria serviu para o reconhecimento de quem eram esses brasileiros que estavam em Cali. Também contou com a participação do cônsul honorário do Brasil em Cali e serviu para estabelecer alguns contatos iniciais, especialmente com aquelas mulheres que também eram casadas com brasileiros e que viviam na cidade junto com eles.

A partilha com uma dessas mulheres significou, para mim, uma opção de emprego, uma vez que fui convidada por ela para trabalhar na mesma Universidade particular em que ela trabalhava, dando aulas de português. Por tal motivo, reconheço esse primeiro encontro como o início da conformação de uma rede social, na qual a busca pelo emprego tomava força.

Figura 10 - Primeiro encontro da Colônia Brasileira em uma pizzaria da cidade



Fonte: rupo de *Facebook* Colônia Brasileira em Cali

Figura 11 - Colônia brasileira assistindo a um jogo da Copa do Mundo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Próxima deles, sem saber ao certo se em condição de pesquisadora passiva ou de amiga e anfitriã, comecei a me questionar a respeito de quem eram esses migrantes, quais as reconfigurações familiares que “sofreram” a partir do processo migratório e quais os agentes envolvidos dentro desse processo. Seriam acaso as empresas que os levaram até Cali? Seriam suas famílias brasileiras? Seria a ascensão social e a busca pelo status socioeconômico? Quais os mecanismos de sociabilidade que perpassava este empreendimento? Entre outros muitos questionamentos que nortearam esta etnografia.

Em uma de tantas atividades, conheci Sandra e sua família. As conversas diretas com eles começaram em setembro de 2014 via *Facebook*, em uma mistura entre espanhol e português para facilitar a vida de ambas. É importante salientar que nas primeiras atividades, citadas anteriormente, ela e sua família não participaram, mas por conta de uma reportagem que a mídia fez sobre um destes encontros, eles decidiram escrever ao *Facebook* da Colônia e marcar um encontro grupal que se deu em outra pizzaria da cidade.

Embora Diego, o esposo de Sandra, tenha sido o principal motivo deles migrarem para a Colômbia, Sandra diz que foi uma decisão racional tomada em família. Segundo ela, seu filho Leandro e Diego, os mais afetados diretamente, seriam quem tomariam a decisão final. Ela, uma advogada de 40 e tantos anos, poderia se adaptar a trabalhar remotamente com o escritório do qual fazia parte havia muitos anos. No entanto, eles teriam que largar seu emprego e escola

atual para desbravar a Colômbia. Entende-se, pelas falas de Sandra que a migração constitui, mais do que uma escolha racional, uma escolha econômica, afetiva e familiar.

As motivações de Diego para empreender o projeto migratório são as mesmas de tantos outros com os quais falei durante o processo de entrevistas e observação participante. O migrante é tido em consideração como uma força de trabalho para o país destino, como ressalta Sayad:

Um imigrante é essencialmente, uma força de trabalho, provisória, temporária, em transito (...) portanto revogável a qualquer momento (SAYAD, 1998, p. 54).

Figura 12 - Em uma pizzaria da cidade. Segundo encontro da Colônia. Posterior aos jogos da Copa do Mundo Brasil 2014



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

De todo o grupo de brasileiros em Cali, meu esposo e eu éramos os que menos nos parecíamos com o grupo em termos econômicos. Todavia, tínhamos adquirido um capital cultural e social que nos permitia dividir com eles vários momentos.

Conheci Clovis, meu esposo, na primeira viagem que realizei ao Brasil, em 2011. Havia 6 meses que mantínhamos conversações através do MSN²⁸ e do *Scoutface*²⁹, com o intuito de praticar o português que estava aprendendo na Universidade. Nosso relacionamento se reduziu a idas e vindas do Brasil para a Colômbia e vice-versa.

Como uma das primeiras estratégias adotadas para estar próximos, surgiu a ideia de meu intercambio no Brasil, em 2012, para sua cidade natal: Santa Maria. Posteriormente, em 2014, migramos a Colômbia em busca de oportunidades de trabalho para mim, especificamente. Uma vez que eu não tinha conseguido emprego na minha área ou afins, partimos de retorno para Colômbia. Já em Cali, a primeira coisa a ser feita foi entrar em contato com Funbraco, uma instituição particular de ensino de português, na qual meu esposo e eu trabalhamos durante

²⁸ Microsoft Social Network, era um serviço de mensageria instantânea criado em 1995 para PC e posteriormente para celular.

²⁹ Rede social semelhante ao *Facebook*, mas apenas para os escoteiros do mundo.

alguns meses. A partir da criação da “Colônia”, começamos a trabalhar unicamente em prol do português e da cultura brasileira na cidade de Cali, ele em Funbraco e eu em uma Universidade particular da cidade.

Meses depois decidimos criar nossa própria escola de língua portuguesa: Arara-Academia Cultural Colombo Brasileira. Arara surgiu em 2014 e esteve ativa até finais de 2017, um ano depois de termos empreendido o caminho de retorno para o Brasil, com ocasião do meu mestrado. Essa passagem por empresas de ensino de português foi fortalecida, sem dúvida, graças a nossa proximidade com os brasileiros que chegavam em Cali, que compartilhavam desde dicas até produtos brasileiros para sortear entre nossos estudantes. Muitos dos brasileiros que conhecemos participaram, também, como professores da instituição, como assistentes a eventos privados ou realizando a comida típica para que os estudantes experimentassem.

Mesmo que eu e meu marido não tivéssemos o mesmo nível socioeconômico dos demais membros da “colônia”, o fato de eu falar espanhol e português permitiu que eu me aproximasse não só de Sandra e família, mas de todos, em geral. Comecei, então, a trocar experiências e conhecimentos com eles, pois virei sua professora de espanhol e cultura colombiana. Sempre que chegava um novo membro ao grupo, à cidade, eu era chamada para ministrar as aulas, por recomendação de outros que já tinham passado por elas ou que simplesmente me conheciam.

Sandra tinha falado para meu esposo que queria aulas de espanhol e como eu estava lecionando português em uma Universidade particular muito próxima da sua casa, ficava perfeito para mim. Assim, fomos nos aproximando e conhecendo todos seus motivos para ficar, para ir embora, para aprender. Eu a questionava em espanhol e ela me respondia no idioma que podia, sempre fazendo uma tentativa de mostrar o que estava aprendendo por si só.

A nossa primeira aula aconteceu justamente depois de uma viagem curta que ela teve que fazer ao Brasil. Ela me buscou na porta da Universidade na qual eu estava trabalhando e fomos juntas até sua casa, localizada em um setor classe alta-alta da cidade. O ensino do espanhol me aproximou dos brasileiros em Cali e facilitou a troca e partilha com esta família e, sem dúvida, a minha inserção em campo.

As viagens de carro desde a porta da Universidade em que eu trabalhava até a casa dela, ou então, da casa dela até a estação do ônibus, “modificaram o significado da paisagem”, mudando culturalmente o significado desse espaço percorrido através dos sentimentos e percepções que iam brotando nesses trajetos (PAESE, 2015, p. 11). Contudo, deixaram de ser caminhos usados para ir de um lugar A um lugar B, e se converteram em lembranças, em manifestações de confiança em mim como pesquisadora.

Sandra ia descrevendo o caminho e mostrando qual eram suas rotas preferidas em questões de tempo e segurança, onde estudava seu filho e nos endereços em que moravam alguns dos seus amigos. Também o lugar onde fazia a manicure e o único lugar no qual ela achava couve em Cali, entre outras temáticas que eram abordadas exclusivamente durante o trajeto.

Como Sandra viajava constantemente ao Brasil, comecei a fazer alguns pedidos para ela, coisas como chocolate Alpino, *chimarrão*³⁰ ou cachaça artesanal. Como recentemente eu tinha fundado, em companhia do meu esposo, uma empresa de ensino de português em Cali, ela nos presenteava, cada vez que nos víamos, com revistas antigas ou com livros de comics em português que seu filho Leandro não queria mais. Assim, nossas aproximações iniciais davam conta do início de uma rede social em que o intercâmbio de produtos para o consumo alimentar eram dados em troca dos serviços do espanhol e orientações sobre a cidade.

Depois desse período, Sandra me contactou outras vezes para que eu lhe desse *consultorias* sobre como pronunciar corretamente o espanhol e, até hoje, ela me envia cartas e textos importantes para eu revisar antes de serem enviados para mães da escola do seu filho ou para amigos colombianos. Isto com o intuito de não se sentir desvalorizada por conta da língua, uma vez que seu filho está em idade escolar e não quer que os colegas tenham motivos para o estigmatizarem pelo “mau uso” da língua espanhola. Desta forma, Sandra nos fala:

-Diana, gostaria que você me desse uma consultoria sobre o espanhol. Fui selecionada entre a associação de pais para discursar o dia da formatura do meu filho. Já estou escrevendo o texto, mas preciso que uma profissional o veja antes. Esse final de semana acabo o texto, passo para o meu esposo ver se ele está de acordo e envio para você, se puder me assessorar. Não quero correr o risco de ir lá e fazer meu filho passar vergonha comigo falando no microfone.

As nossas reuniões, fossem para aula, para assessorias - como ela chamou - ou porque simplesmente eu trabalhava perto da casa dela, estavam mediadas sempre por comida, que é uma das grandes temáticas que perpassam esta etnografia, também.

No meio dessas idas e vindas, eles conheceram outro casal de brasileiros que contataram por meio da página de *Facebook* da Colônia de Brasileiros e já marcaram um jantar para nos apresentarem - mais um brasileiro que era puxado para dentro dessa teia, dessa rede social que ia se formando em Cali.

1.5 O CAMPO, A PESQUISA E AS PERGUNTAS

³⁰ O chimarrão ou mate é uma bebida típica do sul da América do Sul. Proveniente das culturas indígenas da região, vale-se de uma cuia, erva-mate e uma bomba para ser preparado e ingerido.

Esta dissertação pode ser qualificada como uma etnografia que priorizou os dados qualitativos e fez uso de algumas técnicas de pesquisa, como são as entrevistas (abertas e semi-estruturadas) e a observação participante. Isto como uma estratégia para “coletar” a maior quantidade de dados, gestos e experiências possíveis, que me ajudassem a entender as trajetórias pessoais de cada família. Foi falando abertamente com cada uma das famílias que o campo de pesquisa foi se abrindo.

O trabalho de campo se dividiu em três etapas: A primeira etapa melhor entendida como etapa previa, que foi o período de observação participante e surgimento das primeiras questões acerca da pesquisa, narrado anteriormente.

Na segunda etapa, realizei cinco entrevistas com as famílias que durante a primeira fase de aproximação se mostraram mais abertas à pesquisa e mais próximas de mim. Estas entrevistas foram abertas e muitas vezes combinaram a observação participante, uma vez que se deram em cafés da tarde ou jantares na casa de alguma das famílias.

A terceira etapa foi composta por entrevistas realizadas apenas com Sandra e sua família, uma vez que identifiquei nela a figura de liderança e reconheci o muito que ela se interessava em fazer parte da pesquisa. Foi depois do período de entrevistas gerais e abertas que cheguei à conclusão de que narrar a trajetória de vida de Sandra era o melhor caminho.

As primeiras cinco entrevistas se realizaram na Colômbia, enquanto a segunda etapa foi realizada via *Messenger* (do *Facebook*) ou no Brasil, devido ao início do mestrado e à minha dificuldade de deslocamento até a Colômbia. Como Sandra possuía tempo e disposição para a pesquisa, combinamos vários encontros virtuais para conversarmos sobre as práticas alimentares, sobre o dia das mães, sobre o retorno ao Brasil, entre outras temáticas. Se a primeira fase de entrevistas foi combinada com a observação participante dos cafés e jantares, interação face a face, a segunda etapa foi acompanhada pela observação direta e análise do conteúdo postado por ela através da rede social *Facebook*. As implicações deste trânsito entre etnografia tradicional e virtual foram exploradas melhor na introdução desta dissertação.

Essa observação do que era postado como público e aquilo que não - o que ela me enviava *inbox* e que não compartilhava no seu mural - foi norteadas pelas perguntas sobre o sentido que tem para ela aquilo que foi postado, quais as estratégias de seletividade usadas por ela para decidir o que postar e como postar, qual a *performance* que estava sendo construída, entre outras.

A facilidade e frequência com que Sandra e sua família viajavam até o Brasil possibilitou a interação face a face durante meu período de mestrado. Em uma das suas viagens de turismo pelo Brasil, juntei-me a eles na cidade natal de Sandra e Diego e realizei outras quatro entrevistas. Esta viagem me permitiu, sem me propor a isso, conhecer o outro lado da migração, o outro lado da família, a que aguarda o retorno e o aproveitamento das férias, mesmo que curtas, para se reunir.

Durante a viagem, acompanhei o dia a dia dela - faço uma menção especial ao tempo por ela dedicado, pois mesmo querendo rever seus familiares, durante os poucos dias que estive no Brasil, conciliou os horários para continuar contribuindo com minha pesquisa. Assim, acabei realizando algumas das quatro entrevistas em meio a almoços e jantas familiares.

1.5.1 Negociando os encontros e desencontros

Toda pesquisa antropológica se fundamenta nas negociações com o grupo estudado, devido à natureza dialógica da produção de conhecimento (ASSUNÇÃO, 2012, p. 50). O tempo é negociado e constrói reciprocamente a reflexividade da relação de campo. Esperas, urgências, pausas, atrasos, são também significados que o pesquisador deve aprender em carne própria (GUBER, 2001, p. 100).

Na hora de negociar minha entrada em campo tive liberdade e trânsito livre por suas casas e sentimentos. Soube diferenciar suas falas de felicidade ou tristeza, ou quando o dito e o feito não se correspondiam. Ouviram-me com bastante paciência e me convidaram de um jeito espontâneo para todas suas reuniões. Consideraram-me uma mais do grupo e até pediram para eu gravar as entrevistas sem nenhum tipo de restrição, dada a proximidade que já tinha com eles. O único cuidado ético solicitado foi o de não incluir seus nomes reais na escrita.

Minha primeira apresentação como pesquisadora se deu por meio de uma conversa pelo *Messenger do Facebook* com Sandra, pois já estava estudando no Brasil. Nessa apresentação contei, mais uma vez, sobre meu Mestrado e que estaria interessada em pesquisar sobre a migração das famílias de brasileiros para a Colômbia. Uma vez me apresentei, questionei se haveria interesse dela em participar. Expliquei que como estava no Brasil, em um primeiro momento, iria entrevistá-la via vídeo-chamada ou através de outro meio, mas que quando estivesse no Brasil de férias ou eu na Colômbia iria vê-la. Mais uma vez, Sandra se ofereceu a participar e inclusive me passou as datas em que ela estaria no Brasil para que eu escolhesse onde poderia encontrá-la.

Embora previamente já tivesse feito algumas entrevistas e observação participante na Colômbia com as mulheres migrantes, no momento em que se oficializou o mestrado e a etnografia era iminente, considerei que esclarecer e me apresentar de novo com todos os meus interesses, daria conta de uma ética metodológica maior. Quando finalmente consegui explicar a minha pesquisa face a face, na cidade natal de Sandra, durante um período de férias dela e sua família, ela me pegou na porta do hotel em que eu estava hospedada e me levou por um *tour* pela cidade, lembrando o bairro no qual ela morou quando criança e me apresentando a escola em que ela, seus irmãos e filhos dos seus irmãos estudaram. Essa viagem de carro pela cidade, percorrendo os espaços significativos para Sandra desde sua infância, como falei no início, fizeram alguns sentimentos brotarem e os gestos superaram as palavras.

Durante o seu curto período de tempo no Brasil, conseguimos tempo para conversarmos, fazendo questão de me buscar e me levar no hotel todas as vezes que nos encontramos. Apresentou-me a sua família como: *uma amiga colombiana que mora no Brasil e está fazendo pesquisa sobre imigrantes*. Levou-me pelos lugares de distinção da cidade com o intuito de juntar uma coisa muito pessoal como rever a família e a contribuição na pesquisa, além de querer que eu, como turista, aproveitasse e conhecesse o máximo do lugar.

Também se ofereceu a perguntar no grupo *de WhatsApp*³¹ de brasileiras se mais alguém se interessaria em contribuir. - “a gente às vezes almoça juntas e falo pessoalmente com elas, ok? Aí pela cara já dá pra ver se vão topa ou não kkkkkk”, escreveu-me.

Interrogou-me a respeito do recorte da pesquisa, com o intuito de não errar na pré-seleção dessas brasileiras amigas a quem convidaria a participar. Perguntou se era necessário que as famílias fossem “100% brasileiras porque tem muitas que são casadas com colombianos”, se era necessário ter filhos ou poderiam ser apenas os casais, e se colombianos no Brasil também servia, pois, “*uma vizinha mudou esses dias*”.

Meu recorte estava orientado para as famílias de migrantes brasileiros assentados permanentemente em Cali, Colômbia, cujo processo migratório iniciou por conta do trabalho de algum dos membros do grupo familiar, ou seja, famílias de brasileiros que viajaram com redes pré-estabelecidas de trabalho (especificamente para altos cargos gerenciais).

Por meio da minha negociação de entrada em campo e da disponibilidade dos entrevistados, escolhi trabalhar com as mulheres migrantes brasileiras por diferentes motivos: o primeiro deles é por terem estado *invisibilizadas* dos estudos migratórios durante um longo período de tempo, e depois aparecendo como aquelas que aguardavam o retorno dos seus

³¹ *WhatsApp* é uma plataforma de mensageria instantânea para dispositivos móveis.

esposos ou filhos, ou então como uma simples companhia que se deslocava junto, mas com agencia nenhuma e com nenhum papel a desempenhar dentro do processo migratório (ASSIS, 2003, p. 36).

O segundo motivo foi o fato de estas mulheres terem deixado de lado seu crescimento pessoal e profissional próprio para empreender em família o processo migratório e buscar a desejada ascensão social na Colômbia. O terceiro motivo é por elas serem essa ponte para seus filhos entre o país de origem e o país destino e por serem elas, precisamente, agentes assíduas das redes sociais dos migrantes, facilitando o transito do público ao privado para seu núcleo familiar, como já mencionei antes para o caso de Sandra.

A minha condição como migrante e mulher casada permitiu-me entrar em espaços e tocar temáticas mais pessoais, uma vez que me viam mais como uma amiga do que como uma estranha querendo “invadir” seu grupo social. Reiterar esta informação seguidamente através de minhas ações e falas foi fundamental na hora de me abrirem as portas de suas casas e me permitir acompanhar a cotidianidade delas e de seus esposos. Foi através das mulheres que cheguei no universo masculino, conhecendo seus esposos. Porém, as relações se deram apenas no marco da comensalidade sem chegar a ter nenhuma entrevista com eles.

1.5.2. Transformando o familiar em exótico ou vice-versa? Os desafios éticos da pesquisa

Essa amizade, conformada em um princípio sem outro interesse senão o de constituir uma troca de momentos e experiências, foi se consolidando como um campo que pedia a gritos para ser feito. Aos poucos, foi se deslocando do universo público, cafés e pizzarias, ao universo privado e doméstico, suas casas.

Fui fazendo algumas entrevistas, mas sem revelar meu lado de pesquisadora, que nem eu sabia que existia. Porém, esse lado foi tomando corpo com o decorrer dos dias e se fez 100% real com meu ingresso à Universidade. Já na elaboração do projeto de mestrado havia um grupo base de famílias a serem entrevistadas. Deparei-me, então, com uma grande questão ética: diferenciar a *Diana amiga* da *Diana pesquisadora*, de maneira tal que não influísse diretamente na etnografia. Isto porque muitas das informações que tinha obtido durante a observação, advieram de minha condição do membro do grupo, como uma esposa a mais, e não como uma pesquisadora que iria usar seus depoimentos com o intuito de fazer ciência no Brasil. Entendo, claro, que essa diferenciação não pode ser feita, apenas atender as questões éticas da pesquisa poderão me possibilitar o respeito no uso das informações, mantendo o sigilo e a privacidade daquelas famílias.

O antropólogo é visto como um mediador e a antropologia aquela “onde necessariamente se estabelece uma ponte entre dois universos (ou subuniversos) de significação” (DA MATTA, 1978, p. 27), e tal ponte ou mediação é realizada com um mínimo de aparato institucional ou de instrumentos de mediação. Neste sentido, procuro, conforme salienta Geertz (1989), conhecer e compreender as “estruturas de significado” presentes nos processos interativos entre colombianos e estas famílias brasileiras.

Talvez, ao estar inserida ‘de cabeça’ neste tema de pesquisa, minha grande preocupação seja a de tirar a “capa de membro de um grupo social”, como diz Da Matta (1978) que neste caso seriam os migrantes, para enxergar de longe, o mais objetivo possível, a regra diferente, realizar as descobertas necessárias.

Os migrantes sujeitos da pesquisa são, em grande parte, amigos que fui conhecendo na Colônia brasileira em Cali, mediante a técnica de bola de neve, como mencionei anteriormente. O fato deles serem amigos, membros do grupo social que frequento, fez-me questionar quanto às implicações éticas que isso poderia trazer e se em algum momento o fato deles serem meus amigos fez com que eu evitasse, intencionalmente ou não, algum tipo de informação ou pergunta.

Tal fato facilitou a aproximação, o contato, o fluxo de informações. Porém, como existem entre nós relações assimétricas de poder e classe, em algumas ocasiões não fui convidada a compartilhar dos mesmos espaços que eles, ou então tive problemas de dar continuidade às nossas conversas por desconhecimento de sua cotidianidade.

O contato emocional com meu objeto me preocupou. Primeiro porque com o decorrer do tempo, embora eu fosse ficando mais sensível à questão migratória, fui perdendo ou naturalizando alguns gestos, frases e sentimentos por eles manifestados. Segundo, porque me preocupava não diferenciar ou confundir o momento exato no qual acabava a *Diana amiga* e começava a *Diana pesquisadora*.

Encontro-me, então, perante o que Lévi-Strauss se questionara como a “impossibilidade, de ordem tanto lógica quanto moral, de manter como objetos científicos (cuja identidade o cientista poderia mesmo desejar que fosse resguardada) a sociedades que se afirmam como sujeitos coletivos e que, como tais, reivindicam o direito de se transformar” (LÉVI-STRAUSS, 1962, p. 25). Estive mediando, intervindo entre pessoas que igual que eu (quase que exatamente igual) pensam, sentem, transformam-se, contradizem-se, fazem performance quando questionadas e fazem relatos de outros relatos, me permitindo acessar apenas a uma parte da informação, a uma construção social dos fatos.

Entretanto, além da minha negociação em campo, ainda faltavam algumas questões éticas por enfrentar. Segundo Diniz (2008, p. 296) “é na fase de divulgação dos resultados que estão os maiores desafios éticos, tais como garantia de anonimato e sigilo, ideias sobre representação justa, compartilhamento dos benefícios, devolução dos resultados, etc” .

Assim, além do levantamento teórico e da “obtenção dos dados”, o trabalho de campo em si e todas as angustias que ele traz, a fase da divulgação dos resultados é a mais *delicada*. Em sala de aula se fala frequentemente o quanto os nossos sujeitos-objetos, no momento de ler a pesquisa, podem se achar dentro dela e não gostar do que está sendo falado sobre eles.

Mas uma recente experiência me fez pensar no caso contrário: no caso da invisibilidade, quando nossos sujeitos-objetos não se veem representados, não precisamente nas suas falas, mas nas interpretações em si, ou quando membros do mesmo recorte, que não fazem parte direta da pesquisa, não se enquadram nos resultados.

Como pesquisadora, quis divulgar uma pequena parte da minha dissertação em um evento acontecido a meados de 2017 na Universidade, com alguns resultados e interpretações parciais. Tirei uma foto com o *banner* de fundo, no qual vagamente se conseguia ler o que nele constava, porém, o título, provisório também, se lia perfeitamente: ***Hable más despacio por favor, uma etnografia dos migrantes brasileiros na Colômbia***. Postei nas redes sociais, como uma forma de dar conta do “sucesso” do meu próprio processo migratório, e algumas brasileiras (que poderiam ser minhas pesquisadas, mas não são) se viram, e outras não, representadas no título, interpelando diretamente à minha foto.

Naquele momento, surgiram um sem-fim de preocupações a respeito da representatividade das minhas “nativas” dentro do próprio texto e sobre o recorte.

1.5.3. As limitações da pesquisa

Ainda que o recorte facilite a pesquisa, existem algumas limitações. O fato de ser uma etnografia que “aborda caracteristicamente interpretações mais amplas e análises mais abstratas a partir de um conhecimento muito extensivo de assuntos extremamente pequenos” (GEERTZ, 1989, p.31) e que não pretende dar conta da realidade de todos os migrantes brasileiros na Colômbia, nem mesmo em Cali, configura uma limitação perante dos sociólogos espontâneos (BOURDIEU, 2004). É necessário destacar perante os *sociólogos espontâneos*, dos não-especialistas, inclusive dos próprios brasileiros em Cali que não estão sendo contemplados na pesquisa, que o trabalho não pretende dar conta de todos os brasileiros, de maneira geral, pois faço apenas uma construção dos dados que uma parcela deles me permite acessar.

Tal posição me obrigou, sempre que necessário, a justificar “a mudança de verdades locais para visões gerais (...) esforço minado por sociólogos obcecados por tamanhos de amostragem, psicólogos com medidas ou economistas com outras medidas” (GEERTZ, 1989, p. 32). Defender a minha pesquisa e meus resultados das estatísticas.

Porém, o alcance que tenho por meio do método qualitativo, por meio da etnografia baseada nas entrevistas e na observação participante, na triangulação dos dados, das fontes e na interpretação dos dados, é extrair a carne e o sangue, os imponderáveis da vida real, como diria Malinowski (1978); é identificar as piscadelas segundo seu significado (GEERTZ, 1989), é ter a capacidade, através da disposição e escrita dos dados, de possibilitar ao leitor uma narrativa acerca dos fatos:

A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou se você preferir, de terem sido penetrados por ela) – de realmente haverem, de um modo ou de outro, “estado lá” (GEERTZ, 2009, p.15).

Respeito as limitações das técnicas, dos instrumentos como tal (observação participante e entrevistas abertas e semiabertas) para se compreender em profundidade a subjetividade do sujeito-objeto. Uma vez que, como já nos alertava Geertz (1989), a interpretação que se faz dos dados, por parte do etnógrafo, é apenas uma construção dos dados do que o sujeito-objeto nos permite conhecer. É uma interpretação de outra interpretação, é uma camada da realidade que um grupo de pessoas me permite conhecer.

Tal subjetividade ao encontro da minha terá que ser diminuída mediante a vigilância epistemológica, da realização de exercícios de triangulação de dados (BOURDIEU, 2004, p. 12) e não ficar apenas no mundo da observação ou das ideias. Pretendo ser capaz de interpretar as informações “obtidas” em campo e estabelecer um diálogo entre aquilo que foi dito e aquilo que foi feito por parte dos meus “nativos”.

Os entrevistados, por conta da relação previa que tenho com eles, falaram abertamente comigo, sem se importar com o gravador ou qualquer outra ferramenta *invasiva* dentro da conversa. Porém, foi necessário estar alerta para não interpretar apenas o que eles diziam, pois muitas vezes poderiam estar falando apenas o que supunham que eu queria ouvir ou o que eles identificaram como o correto a ser dito.

Esta situação me leva a outra limitação dentro do trabalho de campo. Na observação participante, os gestos, a corporalidade, tudo aquilo que não é dito, é facilmente identificável e constituem um dado importantíssimo. Meu trabalho ao estar sujeito muitas vezes ao contato via

e-mail, WhatsApp, Facebook (pela localização diferente dos entrevistados e da pesquisadora) acabou perdendo, em certa medida, esses dados e acabei me guiando, estritamente, por aquilo que foi dito e não por aquilo que foi feito, enfim, tudo aquilo que se dá no jogo interacional.

Porém, as vezes que consegui ter contato face a face e realizar entrevistas abertas e semi-estruturadas findou por ser uma experiência reconfortante, uma vez que tais instrumentos têm como vantagem a sua “elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos (...) a interação entre entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas, possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

O espaço que temos para interagir, quando não coincidimos no mesmo território físico, é o *Facebook*. Como Sandra se coíbe um pouco, dada a posição social que o esposo ocupa, de postar coisas diretamente no seu mural, ela me envia diretamente *inbox* desde cadeias de oração, vídeos *DIY*³², vídeos engraçados sobre animais (já que ambas temos em casa) ou coisas gerais sobre a Colômbia e o Brasil³³. De fato, soube que fazia parte de um diálogo especial com a Sandra quando ela começou a me enviar, sem nenhum tipo de restrição, fotos do seu novo animal de estimação, o Vitória, ou quando compartilhava comigo *fofocas* sobre a festa do dia anterior com a sua família.

A interação pelas redes sociais me permitiu, além de sentir o momento exato no que começou a interação real, continuar fazendo parte do seu dia a dia, que meu próprio projeto migratório teria coibido se tivéssemos nos limitado à comunicação face a face.

³² Do inglês: *Do It Yourself*, são vídeos onde o apresentador mostra como fazer desde artesanato até comida.

³³ Depois do nosso encontro oficial como pesquisadora e pesquisada na cidade natal de Sandra, ela passou a me enviar muitos vídeos sobre a cidade e sua gente, imaginando que também poderiam me servir tanto para fins acadêmicos como turísticos.

Figura 13- 16 Churrasco gaúcho na casa de campo da minha família. Foi a primeira vez que nos deslocamos do ambiente público ao doméstico.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A etnografia virtual me possibilitou uma aproximação não só desde a parte técnica de construção do objeto enquanto estava longe dos meus entrevistados, ao fazer uso de uma plataforma para dar continuidade às pesquisas, mas também na construção dos dados, uma vez que cada post no *Facebook*, cada áudio enviado no *WhatsApp* virou dado importante para o trabalho e me permitiu entrar no jogo interacional do qual as mulheres sujeitos da pesquisa faziam parte. Fazer etnografia virtual com migrantes brasileiras na Colômbia me abriu o campo e me ajudou a participar da sua cotidianidade, dos seus maus entendidos gerados pela interação por meio das redes sociais e das suas disputas interativas.

CAPÍTULO II: DEIXANDO OS MAIS AFETADOS DECIDIREM

Há 5 anos atrás, em 2013, após 6 meses de negociação entre a empresa e sua família, Diego empreendeu o Projeto Migratório. Foi uma decisão difícil de tomar, pois questões sobre moradia, continuidade dos estudos do filho, dúvidas sobre a adaptação, entre outras, não estavam sendo contempladas. Sandra, desde o início, adotou a postura de *deixar os mais afetados decidirem* e convenceu a sua família sobre “*como era importante ter medo da zona de conforto*”. Assim, levando em consideração que o projeto migratório era *bom para a maioria*, Diego viajou.

Meses depois, já tendo posse do seu cargo como Presidente de uma Transnacional e havendo se adaptado à cultura empresarial, Sandra e Leandro chegaram em Cali. Porém, deixando em seu lugar de origem no Brasil, parte de si mesmos, como a própria Sandra narra:

Não trouxe nada da minha casa brasileira para a minha casa colombiana, pois nossa intenção sempre foi ter nossa casa no Brasil montada, como nosso porto seguro. Eu sinto falta, e não trouxe, da nossa santinha, da Nossa Senhora Aparecida que é nossa padroeira do Brasil que eu tenho na minha casa. Não trouxe por medo de quebrar a santinha. É uma coisa que a gente sente falta, a gente trouxe uma bem pequenininha, mas em casa eu tenho uma grande com oratório. Está faltando a nossa santinha, que sempre esteve conosco.

O presente capítulo tem por objetivo narrar as questões alusivas ao projeto migratório de famílias brasileiras para Cali, no sudoeste colombiano, atentando principalmente para a posição da mulher, como aquela que *abriu mão* de seus projetos individuais para dar suporte aos projetos familiares. A mulher migrante brasileira na Colômbia, caracterizada por ser uma mulher branca, escolarizada e de classe média e média-alta, casada e com filhos, também é reconhecida como aquela “*encarregada*” de criar e comandar as redes sociais com outros brasileiros.

É importante salientar que esta dissertação argumenta o quanto as práticas transnacionais enquanto vínculos regulares e simultâneos (GLICK-SCHILLER, 2004), formados por migrantes no país destino e sua contraparte no país de origem, aportam e mediam nas experiências que as famílias de migrantes venham a ter na Colômbia.

Assim, as famílias transnacionais das quais falarei neste capítulo são consideradas como aquelas cujos vínculos atravessam as fronteiras nacionais, não apenas desde o territorial e geográfico, mas desde o universo social. São parte, então, de um processo migratório no qual há uma persistência nas relações econômicas, familiares, sociais entre a sociedade e família de

origem desde a sociedade e família de destino (GLICK-SCHILLER; BASCH; BLANC-SZANTON, 1997)

2.1 PROJETO MIGRATÓRIO *BOM PARA A MAIORIA*

Compreendo que os projetos migratórios são, em grande medida, familiares. Desde o migrante senegalês, que vêm sozinho para o Brasil, produto de um plano do qual participaram todos os membros da família e que se vê fortalecido no envio e recepção das remessas³⁴, como a migração do brasileiro para a Colômbia, acompanhado de todos os membros do seu núcleo familiar mais próximo. Ambos os casos, mediados pelas questões de raça e classe, mas com o fator família como um dos motores principais da viagem.

Entendo por projeto (VELHO, 1987, p. 25), a perspectiva segundo a qual os indivíduos escolhem ou podem escolher “caminhos” em sua vida social. No grupo pesquisado, por constituir uma elite, os princípios de individualização são bem valorizados, desde que não sigam parâmetros arbitrários ou vá de encontro às fronteiras simbólicas do grupo.

Partindo do fato de que não existem projetos puramente individuais, porque estes são tecidos em função de experiências sócio-culturais, compreendo que não responde a padrões subjetivos ou internos (VELHO, 1987, p 27). Assim, a decisão de migrar como a de retornar, são entendidas nesta dissertação como projetos a partir dos quais há um envolvimento da família por inteiro e não corresponde apenas à soma dos projetos individuais de cada integrante.

Entendo por família, nos termos de Bourdieu (1994), uma ficção bem construída, que prescreve um modo de existência dentro de uma realidade social. Também a reconheço como “uma instancia mediadora entre o micro-macro por ser a instituição inicial portadora e geradora de espaços intersubjetivos para seus integrantes, ninho da agencia individual e primeiro espaço de participação na organização social” (MARTINEZ; REYES, 2017, p 114). Para Bourdieu (1996, p. 131), a “família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais”. É o *locus* em que o capital se acumula e se transmite pelas gerações.

Na migração, os projetos familiares, desenhados, construídos e reconstruídos no lar, ao serem traçados pela família como um todo, afetam, de igual forma, todas suas partes:

³⁴ Entendida como a circulação de bens e dinheiro com o intuito de garantir a conexão entre o país de destino e o de origem, assim como suprir a ausência da convivência sob o mesmo teto.

Desde que começa o projeto migratório, se constitui também um projeto de família transnacional: a saber, uma família que vive dividida em, como mínimo, duas unidades domésticas residentes em dois países. A família transnacional vai modificando sua estrutura, sua forma e suas funções a medida que acontece o processo migratório (SCHMALZBAUER, 2004). A família transnacional dota o sujeito de capacidade criativa e criacionista para manter a ideia de “ser familiar” mesmo na dispersão dos seus membros (MUMMERT, 2012).

Assim, a família transnacional se consolida como um novo modelo de estrutura familiar caracterizado pela expansão territorial de suas dinâmicas e da dispersão dos membros de uma mesma família, seja nuclear ou ampliada em vários países (MARTINEZ; REYES, 2017, p. 121). Entendo que os projetos são perspectivados no interior da teia familiar, e que se concretizam graças ao envolvimento dos seus agentes, que terão uma participação em maior ou menor medida, também mediada nas relações familiares e que respondem a “estratégias grupais mais amplas de sustentação e desenvolvimento econômico” (BASTOS, 2008, p.6).

Nesses termos, os migrantes seriam representantes de suas famílias no exterior, e seu grupo familiar seria o ponto de referência de todas suas ações, inclusive da própria de migrar (BODOQUE; SORONELLAS, 2010, p. 150). As questões alusivas à família, principalmente a família extensa, são narradas com nostalgia por Sandra, uma vez que constitui uma das renúncias, como ela mesma diz, mais difíceis a serem feitas, porém necessárias para avançar. A continuação, um trecho de entrevista aberta que tive com ela, com ocasião de suas férias no Brasil, em 2017:

Nosso núcleo familiar é grande. Está sendo difícil, pois nossa família se reduz em três em Cali. Então, aniversários é mais um jantar com os amigos só, parece que falta alguma coisa, mas a gente tem consciência que a vida é assim, não tem jeito. Para progredir, chegar onde a gente quer profissionalmente, existem renúncias que a gente tem que fazer na vida, não tem jeito, não se pode ter tudo. Então a gente adora receber visita em casa ou mesmo em Cartagena, quando um familiar fala que vai, ainda que para Cartagena, a gente dá um jeito de ir também para poder encontrar.

Identifico a mobilidade familiar dos brasileiros para a Colômbia segundo os termos de Hondagneu-Sotelo (1994) a partir do qual o deslocamento familiar se classifica em três tipos, sendo o estágio familiar de migração (quando migra em primeiro lugar o marido e depois a esposa e os filhos) e a migração da unidade familiar (quando o núcleo familiar migra junto) os observados no período de trabalho de campo e entrevistas.

Assim, tanto a mulher como os filhos são parte fundamental da decisão de migrar e do jogo de relações de poder (PEDONE, 2006). Esta colocação é contrária às primeiras pesquisas

sobre migração, a partir das quais a posição da mulher era refletida como sendo aquelas que acompanhavam os homens ou esperavam por eles na sociedade de origem, cuidando dos filhos.

O transnacionalismo destas famílias é caracterizado pela “dependência” ao país de origem não só em termos econômicos, mas afetivos, assim como também é caracterizado pela *negação* de sua condição de migrantes, colocando a condição de trabalhadores por cima, chamando-se a si mesmos como brasileiros na Colômbia ou *expats*. Outra característica da dependência ao país de origem é a marcada presença de um projeto de retorno, que muitas vezes não depende apenas deles, mas das empresas multinacionais e que acaba se concretizando em um período de 5 a 10 anos após ter empreendido a migração.

Os projetos são dinâmicos e fluem de acordo com a biografia dos seus agentes, do tempo de convívio na sociedade hospedeira e que os deixa sujeitos as ações de outros agentes sociais. No caso de Diego e Sandra, a perspectiva de retorno é clara. Embora dependa diretamente do trabalho do esposo, são cientes de que está neles a decisão de retornar a qualquer momento, sendo que dependendo deste, haverá maiores ou menores consequências. Inclusive, a questão do retorno é uma das temáticas mais comentadas nas reuniões entre brasileiras. Sandra resume as colocações das outras brasileiras assim:

A questão de querer voltar tem mais a ver com a questão profissional, nossos maridos estão no mesmo barco, insatisfeitos com o contexto atual das empresas que eles estão, se eles estivessem muito bem, como em tempos passados, a gente continuaria tranquilamente. É um ciclo e acho que eles chagaram num ponto que tem que refletir sobre isso, não é aquele de: *estou voltando porque estou com saudade da família ou estou voltando porque estou com saudade do Brasil, estou voltando porque não me acostumei, não. Estou voltando porque o trabalho não está bom.*

Para Sayad (2000, p. 16), a noção de retorno implica vários modos de relações. Relação com o tempo, uma vez que o tempo presente está intrinsecamente ligado ao passado, relação com o solo, seja na dimensão geográfica ou social, no sentido de pertencimento a um lugar anterior, e uma relação com o grupo, tanto com aquele deixado atrás fisicamente, mas que continua presente em nós, quanto com o novo grupo com o qual é preciso iniciar um processo de adaptação. Para Sandra, o retorno faz parte do ciclo da migração, para Sayad é um elemento constitutivo da condição de migrante.

Compreendo o transnacionalismo segundo Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992), como um conjunto de processos por meio dos quais os migrantes criam e mantêm redes sociais que vinculam a sociedade destino com a de origem. O espaço transnacional seria o local onde essas trocas e construções acontecem.

Assim, o fato da migração alterar o espaço-tempo, dado o uso de ferramentas tecnológicas capazes de permitir ao migrante se deslocar pelo espaço transnacional, e estar aqui e lá ao mesmo tempo, a própria noção de família também foi reconstruída a partir desse deslocamento dos seus integrantes.

Nas famílias transnacionais, é importante observar o lugar que ocupam as novas tecnologias da informação e como estas famílias gerem a distância a partir do uso das mesmas. As mães que não estão perto dos seus filhos, por exemplo, utilizam-se das redes sociais para acompanhar a cotidianidade dos seus filhos, punindo-os quando for preciso, reelaborando assim as posições familiares.

No caso das migrantes brasileiras em Cali, ao estarem próximas do seu esposo e filhos, a conexão transnacional se realiza com os outros membros da família como tias e avôs, a família extensa. Sandra cria estratégias para que o vínculo se fortaleça, mesmo na distância:

Quando a gente está longe o *Face* é uma forma de se aproximar da tua família, dos teus amigos. Eu entrei no *Facebook* quando eu fui para Colômbia, para que a família pudesse acompanhar o Leandro, trocar fotos, saber o que está acontecendo, uma forma de aproximar, parece que você está convivendo, é uma falsa impressão, mas é um alento, né? Isso te faz um bem. Muita gente pensa que é ser exibida, mas na verdade você só quer compartilhar os momentos de alegria com a tua família e amigos. Porque é impossível você telefonar para todo mundo, ter tempo para falar com todo mundo. Por *Skype* também, a gente fala bastante por aí
Eu penso assim: se eu voltasse a morar no Brasil, tal vez eu não acessasse tanto.

Assim, a partir do empreendimento migratório houve uma necessidade implícita em ser mais ativa nas redes sociais. Essa mudança não se deu apenas para Sandra, que estava do outro lado da tela. A mudança também foi necessária para seus interlocutores: sua família. A família da Sandra teve que acessar mais às redes sociais com o intuito de se manterem informados sobre o que acontecia com eles no país destino, como ela mesma diz:

Eu não falo sempre com a família, eu falo pouco com a minha mãe, todas as semanas, mas pouco. Falo mais com o meu irmão, que também é advogado, mas sempre de trabalho. Ele mesmo me fala: falamos todos os dias, mas só de trabalho
A gente acompanha muito por *Facebook*, parece que a distância é menor. Como eu e o Diego casou e já foi morar longe, não é uma coisa nova. Quando a gente foi, a minha mãe ficou doida: *Nossa é muito longe*. Meu irmão falou: *mas ela vai continuar vindo pra cá, o mesmo tanto que ela morando em Minas*. Porque eu já morava a 1000 km da família, e é verdade, hoje eu vejo a minha família tanto quanto eu via quando morava em Minas. Eu só tenho que pegar voos mais longos, porque quando morava em Minas pegava também três voos para chegar no sul do país mais um trecho de carro até a minha cidade, eu perco um pouco mais de tempo de aeroporto e é um pouco mais caro.

O uso das redes sociais pelos migrantes foi abordado por Brignol e Costa (2016, p. 94). Para as autoras, os migrantes estão inseridos na sociedade em rede, criando uma profunda relação entre as migrações contemporâneas e as novas tecnologias de informação. Assim, “inserido neste cenário mais amplo de transformações, o migrante, que antes tinha mais dificuldade para manter a comunicação com quem havia ficado longe, incorporou o uso das TICs como parte do processo migratório” (BRIGNOL; COSTA, 2016, p. 95). No caso de Sandra, quem teve de usar mais as redes sociais, assim como sua família no Brasil, com o intuito de não perder o contato se observa o quanto o empreendimento migratório criou uma demanda do uso das novas tecnologias para além dos usos sociais destas plataformas, de reafirmação das identidades e exercício da webcidadania, e mais como uma tentativa de estar aqui e estar lá ao mesmo tempo.

Tais estratégias e mudança no desempenho de papéis familiares se dão também via enunciação e por meio da linguagem: citando um familiar ausente, e através de atos como envio de remessas, de ligações telefônicas constantes, presentes, fotografias e visitas (MARTINEZ; REYES, 2017, p. 116).

Sandra, por exemplo, compra todos os presentes de aniversário e datas comemorativas para seus parentes e assim que tiver uma viagem programada os leva consigo. De igual forma, suas cunhadas e irmãos guardam os presentes de dia das crianças, aniversário e Natal para seu filho, esperando o momento para poder entrega-los.

Esses movimentos de separação são supridos, então, mediante a incorporação de estratégias de adaptação, fazendo presentes os membros da família ampliada, embora estejam longe, permitindo assim estabilizar a vida cotidiana e fazendo-a mais fácil de levar, pese aos temores e incertezas (MARTINEZ; REYES, 2017, p. 119).

Entender o migrante como um ser transnacional, *transmigrante*, significa percebê-lo como um agente no seu campo, que experiencia novas formas de se relacionar com o outro, a aquisição de novos projetos laborais e empresariais, novos vínculos familiares e reprodutivos, novos espaços de interação e sociabilidade (BODOQUE; SORONELLAS, 2010, p. 159).

Além da dimensão econômica que as práticas transnacionais têm, como o envio de remessas, por exemplo, há também a questão sociocultural, que diz a respeito de “manter” a identidade de origem, em coletividade, na sociedade destino.

Tais laços transnacionais são ativados mediante as possibilidades oferecidas pelas tecnologias da informação e da comunicação, assim como das constantes viagens que realizam

entre ambos os países com motivo de férias ou trabalho. Como salientado por Mitchel (2003, p.38):

A atividade transnacional entre imigrantes brasileiros é frequentemente encontrada nas esferas individual e doméstica. Os brasileiros mantêm ativamente o contato com a família pelo telefone, correio, vídeo-cassete e e-mail, remetem aproximadamente US\$ 4 bilhões anualmente ao Brasil (de todos os países, não somente dos Estados Unidos), leem jornais e revistas brasileiras tanto diretamente quanto pela internet e acompanham avidamente as telenovelas em fitas de vídeo alugadas (MITCHEL, 2003, p.38).

Estes laços transnacionais tomam forma e força nas redes sociais. Entendo por rede social aquela a partir da qual flui a informação, apoio material e simbólico que família, amigos e conterrâneos oferecem aos migrantes recém-chegados ou potenciais migrantes (PEDONE, 2006). Com os recém-chegados o funcionamento desta rede fundamenta-se na partilha de experiências e troca de afetos para ter presente o país de origem a cada encontro. Com os potenciais migrantes se ajuda a concretizar as viagens, gerir a documentação, se ajuda na colocação em algum emprego, entre outras.

No mundo globalizado, cada vez são mais os migrantes que, mesmo estando distantes fisicamente do seu país de origem, são capazes de manter vínculos com os mesmos, seja “para formar identidades que incluam normas da sociedade de origem e também se adaptar ao ambiente de chegada” (MITCHEL, 2003, p. 36) se engajando em diversas atividades, ou seja, para sentir-se próximo da família “*deixada para atrás*”.³⁵

Para Portes (1999), por exemplo, as práticas transnacionais se veriam refletidas em atividades e ocupações que envolvem contato social regular para além das fronteiras nacionais. A partir do desenvolvimento de atividades transnacionais vão se construindo redes sociais ao interior de grupos de migrantes, pois há um interesse comum de manter os laços com o país de origem, seja através da comida, a língua ou a música.

A questão de classe também influi na criação de laços transnacionais. A renda e o capital social se mostraram determinantes na criação e manutenção dos vínculos (MITCHELL, 2003, p. 38). A partir das minhas observações em campo concedo às mulheres brasileiras a posição de criadoras e ativadoras das redes sociais em Cali. Elas vão encontrar nesses processos interativos outra forma de empoderamento diferente ao que tinham no Brasil, que era mediado pelo trabalho qualificado e a independência econômica dos seus esposos.

³⁵ Para Mitchel: “Tipos de conexão transnacional incluem: viagens periódicas entre a sociedade de origem e nações receptoras, comunicação por telefone, carta, fita de áudio e vídeo, remessas de dinheiro e bens para as famílias, associação ativa em organizações ou o empreendimento de negócios que abarcam fronteiras internacionais e/ou recepção de mensagens persuasivas de organizações” (MITCHEL, 2003, p.36).

A família é o espaço em que respondem às pressões impostas macro-estruturalmente, determinando, muitas vezes, quem e como irá viajar, constituindo, uma estratégia do grupo e atenuando assim, os riscos de migração de longa distância, por exemplo (ASSIS, 2003, p. 40). Esta colocação vai de encontro com a bibliografia existente sobre a posição que ocupam as mulheres na migração, a partir do qual as imigrantes, uma vez estabelecidas, mantiveram relações com a sociedade de origem e teceram conexões com a sociedade de destino, constituindo redes de migração que estimularam novas migrações ou facilitaram as já existentes.

Assim, a migração não constitui um apagamento das relações sociais e sim uma reconfiguração das mesmas, envolvendo, em algumas ocasiões rupturas com as estruturas sociais anteriores. Não deve ser pensada em termos de desintegração familiar, mas de rearranjos (DURHAM, 1984, p. 189) que envolvem novos papéis, novos atores e outras formas de agência.

2.2 A MULHER E O PROJETO MIGRATÓRIO

A feminização das migrações não é recente, contudo foi somente a partir de 1980 que a bibliografia sobre tal fenômeno começou a se tornar mais expressiva. A partir daí, interessava as causas específicas da mobilidade de mulheres, consequências no seu *status* social e econômico, o entendimento delas como sujeitos independentes da mobilidade masculina (PHIZACKLEA, 1983), entre outros.

Antes disso, a questão de gênero não era problematizada, porém já estava presente. Estima-se que em 1930 as mulheres já compunham o maior contingente entre os migrantes (ASSIS, 2003, p. 34). Enquanto os homens eram representados como aqueles que migravam para buscar trabalho, as mulheres não eram representadas como trabalhadoras imigrantes senão como aquelas que acompanhavam maridos e filhos.

As mulheres não eram tidas em conta na explicação, pois se partia do fato de que os homens constituíam uma maioria nos fluxos internacionais, porém, incluso quando foram maioria, elas não tiveram suas histórias como objeto de análise valorizados e particularizados. Tal fato fez com que a migração não fosse neutra com as relações de gênero e não se evidenciasse o fato de que as mulheres predominavam na migração legal internacional (ASSIS, 2007, p. 749).

Floya Anthias (2000), ao analisar as migrações que ocorreram para o sudeste da Europa no final do Século XX, destaca que não se trata de reconhecer a importância proporcional das

mulheres ou sua contribuição econômica e social, mas sim considerar o papel dos processos, do discurso, bem como as identidades de gênero, no processo de migração e estabelecimento na sociedade destino.

Além de analisar essa inserção, os estudos começam a problematizar as mudanças nas relações familiares e de gênero. Por tanto, o fluxo brasileiro é constituído por uma diversidade étnica de classe e de gênero que o termo migrante brasileiro muitas vezes encobriu (ASSIS, 2007, p. 751).

Segundo Bodoque e Soronellas (2010, p. 146), os fatores que diferenciam o processo migratório feminino perante o masculino, tem a ver com 1) a existência de um marcado sistema patriarcal, 2) presença de determinadas condições laborais, 3) experiência estigmatizada da mulher no âmbito doméstico, 4) lugar que ocupam as mulheres respeito aos homens do seu país (e do seu mesmo estrato social), 5) posicionamento social de acordo com concepções raciais e de classe no âmbito local, 6) o extremo machismo local, caracterizado pela possessividade, agressividade, distanciamento afeito, etc.

A partir do momento em que estas mulheres se posicionam a favor do projeto migratório e participam da tomada de decisão sob o argumento de deixar quem será mais afetado decidir, no caso os homens que irão trabalhar e os filhos que irão estudar, e que compreendem que essa é uma decisão fundamentada no amor familiar, na necessidade de manter o grupo unido apesar dos seus projetos individuais. Observo que há uma vontade de acessar a maiores possibilidades de ascensão social, de melhor qualidade de vida e de garantir maior poder aquisitivo para o grupo familiar que, em palavras de Sandra, de “ter ficado no Brasil, teríamos demorado muito mais para conseguir”, e continua argumentando:

Eu não sou uma profissional vaidosa. Eu aprendi muito cedo que é melhor você trabalhar nos bastidores do que você ser o ator principal. Porque o ator principal tem muita inveja em volta, né? Acho que tem uma frase que fala isso, em uma peça de teatro: prefira trabalhar nos bastidores porque tem bem menos inveja e competição. Então eu nunca tive esse negócio de querer ser a advogada conhecida, não. Entrando dinheiro na conta, pagar as contas, não me interessa que posição eu vou ter, se eu vou ser protagonista ou coadjuvante, entendeu? Isso para mim, não faz diferença. O que sempre me preocupou foi manter os meus ganhos financeiros, a minha estabilidade financeira. Então, esse negócio de crescer e ser reconhecida.... Lógico que todo mundo quer ser reconhecido, todo mundo quer crescer, todo mundo quer ser lembrado, não porque o advogado nessa área é a Sandra! Mas, foi a escolha que eu fiz, e foi uma escolha que eu fiz antes mesmo de eu ir para Colômbia, queria estar na retaguarda.

Assim, a própria noção de projeto é “uma tentativa consciente de dar um sentido ou uma coerência a essa experiência fragmentadora” (VELHO, 1987, p. 31) que, no caso dos meus

sujeitos de pesquisa, seria a migração. Para se organizar e lhe dar um sentido a essa experiência, as mulheres reconfiguram o discurso sobre a sua própria carreira profissional e se relacionam afetivamente e com outras brasileiras em Cali.

Segundo Bodoque e Soronellas (2010, p. 165)., “As pessoas que migram não perdem a capacidade de decidir sobre suas opções: decidem correr riscos, se adaptarem às mudanças; ou seja, resolvem sua vida tomando o caminho que, em todo caso, acreditam seja o necessário seguir, atendendo as possibilidades das quais dispõem” Assim, entendo as escolhas feitas por estas mulheres não como submissão ou como parte de um projeto de *acompanhar o marido*, mas como um processo que faz sentido também para elas e do qual elas fazem parte ativa. Não sendo vítimas, mas sujeitos de ação que ressignificam o fato de migrar e o deixam ao seu favor, sendo agentes ativas no país de destino.

Assim, para estas mulheres altamente escolarizadas, a ideia de autorrealização vem atrelada ao ideal de família conjugal. Sendo que, nesse caso, o centro de tudo não seriam elas mesmas como indivíduos profissionais, mas elas como mães e esposas. Esta reconfiguração do discurso a partir do processo de mobilidade foi feito com o intuito de lidar com essas mudanças de posições e negociar sua nova posição dentro da família. Assim, podemos entender estas mães como cuidadoras, cujo trabalho é gerenciar as emoções do seu núcleo.

Contudo, pese a saber que a busca pelo reconhecimento ficaria estagnada no país destino, Sandra decidiu que não seria isso o que iria coibi-la de viver outras experiências em companhia da sua família, além disso, estaria disposta a reestruturar sua própria visão de mundo, ao ponto de não ser uma *profissional vaidosa e sim prática*:

Creio que a algumas pessoas isso pudesse incomodar, sim. Por exemplo, conheço pessoas que não imigraram mas que abriram mão da sua carreira por causa do marido e que se arrependem:

- ah, porque eu podia ser uma executiva de sucesso.

Eu sou muito pratica. Eu sei que tem conta pra pagar todo final do mês. Então, procuro olhar quais são os benefícios financeiros. Essa questão de vaidade, eu acho que enquanto mais você aparece, pior fica tua vida.

Tais escolhas são vistas por Velho (1987) como sendo relativas da classe social a qual se pertence. Assim, é necessário se questionar até que ponto projetos individuais são reconhecidos como legítimos e naturais, uma vez que, dependendo da cultura, o indivíduo pode ser, ou não, o foco ideológico central, sendo que os fatores econômicos, políticos e simbólicos são determinantes.

A não inserção no mercado de trabalho destas mulheres, por escolha delas mesmas, as leva a executar atividades exclusivamente domésticas, o que vá de encontro com a vida atarefada e qualificada profissionalmente que levavam no Brasil.

Dadas as novas circunstâncias e da tradicional “correlação entre inserção laboral e o grau de autonomia da mulher” (LIMA; TOGNI, 2012, p. 141), torna-se necessária a construção de novas formas de empoderamento que não seja a do trabalho e que as deixe confortáveis com suas posições de mães e esposas mediadoras entre ambos os espaços nacionais. A cozinha e a produção e circulação de comidas e a ativação de redes serão levadas em consideração como elementos e espaços que geram empoderamento.

Pensar as mulheres migrantes sem as articulações de gênero, sexualidade, raça e etnicidade/nacionalidade seria ir contra o próprio conceito de trajetória e biografia que me proponho a fazer nesta etnografia. Pensar tais especificidades e interseções entre tais categorias ajudou na compreensão da construção da experiência de cada uma enquanto migrantes, “dotando de sentido a percepção que se tem das brasileiras e as ações dessas mulheres” (PISCITELLI, 2008, p. 270) dentro dos cenários por elas ocupados.

Afirmo, então, a dificuldade de separar as categorias de raça e etnicidade, gênero e classe social e as compreendo como “relações contextuais dependentes/contingentes” (PISCITELLI, 2008, p. 269) atravessadas pela própria noção de poder e desigualdade.

Assim, a experiência de ser mulher migrante brasileira na Colômbia é afetada pelas categorias que compõem a interseccionalidade. A posição que ocupa o Brasil respeito à Colômbia no cenário global faz com que a nacionalidade brasileira seja ainda valorizada por uma grande parcela dos colombianos, o que lhes confere certo *status* pelo simples fato de pertencer a esse estado-nação. Porém, a sexualização da mulher brasileira e a própria racialização estão imbrincadas nos processos de interação cotidiana, levando-as a modificarem seu próprio corpo e forma de vestir para poder ‘encaixar’ nos padrões de beleza colombiana. Sandra, por exemplo, tem claro até onde foi necessário modificar seu corpo e seus gostos:

Uma coisa que eu adquiri na Colômbia foi o uso de bijuteria. No Brasil, por exemplo, eu sempre usei a minha correntinha com minha santinha e o meu brinquinho. Na Colômbia você já usa os acessórios, isso eu incorporei. Mudei como uma forma de me sentir mais igual, né?

Porque eu lembro que das primeiras vezes que eu ía na escola, as pessoas me olhavaam. Eu sabia que era uma alienígena, porque era tudo diferente né? A roupa, o sapato, o acessório, o cabelo, a maquiagem, a cara denunciava: não sou colombiana. Aí abria a boca para falar o idioma, aí sim tinham certeza. Então, eu acho que a única coisa que eu incorporei realmente foi o uso de acessórios.

A estratégia adquirida por Sandra para se assemelhar com as mulheres colombianas e não sofrer nas relações face a face não é arbitrária. Ela estudou aquilo que a fazia sentir “mais colombiana” sem renunciar aos padrões estéticos aprendidos no Brasil. Assim, questões como as roupas e os sapatos não foram levados em consideração, colocando o conforto por cima da própria adaptação:

Lá em casa a gente mantém a comida, a rotina, o idioma, a música, o estilo de decoração, o estilo de vestir, o estilo de se maquiar, o tipo de sapato, lá tem muita plataforma, eu jamais usaria. Não consigo cair encima de um negócio desses. Então eu compro sapatos no Brasil, dificilmente na Colômbia, o meu esposo e meu filho também.

Houve, então, uma reconfiguração do feminino, do se sentir bonita para si e para os outros, distanciando-se dos estereótipos de mulher brasileira. Esse distanciamento foi possibilitado pela sua condição socioeconômica. O fato de comporem a classe social média-alta e alta-alta na Colômbia, de serem mulheres brancas para a realidade colombiana, pertencentes a um território nacional valorizado no país, falantes, na maioria dos casos, do espanhol, e independentes, em termos sociais, do esposo, as ajudou a construir seu próprio lugar dentro do constructo social. Não sem antes passar por constrangimentos a respeito da “necessidade” de contratar capital estrangeiro no país, devendo justificar constantemente o porquê de um brasileiro estar fazendo um trabalho que um colombiano poderia desempenhar, assim como constrangimentos sobre os jeitos de educar seus filhos (tidos como mais independentes e menos asujeitados aos pais, o que é visto como desobediência na Colômbia), passar por comentários em que a mulher foi entendida como submissa demais ou com alta disposição doméstica, diferente das colombianas, de coibições sobre com quem fazer amizade sem afetar seu *status* ou ir de encontro com a posição social ocupada pelos seus esposos. Assim, Sandra nos fala sobre as amizades:

As falsas amizades são as piores. Eu já tive casos nos que a mãe me ligou, ela sabia quem era o Diego, o cargo que ocupava, e ela me ligou para convidar o filho dela para ir na minha casa!

- Fulano queria muito ir na sua casa!

Para entrar, para ficar íntima.

E eu falei para o Diego: isso aí é amizade por interesse.

Passou uns 6 meses e ela pediu um favor para o Diego. Um favor profissional. E ele obviamente, ele não fica devendo nada para ninguém, não se amarra por favor.

E aí ele falou:

-Eu não posso me meter nisso. Mas você deveria fazer isso. Chegar para o pessoal da associação onde trabalho e ser direta.

Ele falou:

-Eu não vou brigar com o pessoal por causa dela. Só porque os nossos filhos se dão e frequentam um a casa do outro? E nos convidaram para viajar juntos? Não.

Aí acabou a amizade do menino com o Leandro. Não convidou mais ele nem para o aniversário e nem obviamente nós o convidamos.

Para Piscitelli (2008, p. 271), há movimentos de resistência e rejeição perante esses padrões operantes nos países destino, que são mais fortes quando a relação de poder é sul-norte e mais atenuados quando se trata de mulheres em melhores posições em termos de classe, mas que mesmo assim, pairam no ar, atingindo a todas. Mas assim como há resistência, é importante salientar que também há cumplicidade, fazendo com que estas mulheres usem os aspectos tidos como próprios das mulheres brasileiras para negociar seus posicionamentos.

No contexto migratório, as relações de poder e hierárquicas são perpassadas pela própria noção de gênero e classe e virão a configurar sua própria experiência como migrantes. Para Piscitelli (2008, p. 269), o gênero opera simultaneamente em escalas múltiplas, espaciais e sociais, mesmo através de territórios transnacionais, fato este que incide na localização social dos agentes. Tal posição ocupada pelos agentes faz com que se planejem e tracem estratégias e se realizem ações concretas.

Para Scott (1990), o gênero é uma categoria histórica e que não se constrói apenas a partir da diferença entre os sexos, mas das relações sociais tecidas entre homens e mulheres. Sendo então, gênero uma categoria para determinar tudo aquilo que é social, cultural e historicamente dado. O gênero é ressignificado constantemente mediante interações entre os indivíduos, atribuindo-lhe um grau de mutabilidade (GROSSI, 1998, p. 6).

Assim, as mulheres que compõem a elite tanto no Brasil quanto na Colômbia, sujeitos de este trabalho tem a capacidade de se ver a si mesmas como autônomas, pese ao sofrimento inicial de ter “deixado tudo pra atrás”. Pois a autonomia e a sensação de escolha pessoal é determinante em um contexto que premia um projeto de ascensão social.

Ascensão social, diferente de prestígio, busca a mudança e a transformação, seja de trajetória individual ou de contexto social, que enfatizaria o indivíduo como valor, sujeito moral e unidade mínima significativa (VELHO, 1987).

Pese ao discurso de ascensão social, do “todo pelas partes” (DUMONT, 1983, p. 36) e as estratégias de empoderamento a partir de outros envolvimento que não são necessariamente o trabalho remunerado, as mulheres migrantes, principalmente com filhos, estão sujeitas a uma maior desmoralização a partir do deslocamento. Esta desmoralização, abordada por Freidenberg, Imperial e Skovron (1988, p. 214) argumentam que existe uma perda de referências durante o processo migratório, fazendo com que os indivíduos adoeçam física e

mentalmente pela violência simbólica existente no novo contexto. Para as autoras, as mulheres que se deslocam em companhia dos seus filhos sofrem o maior índice de desmoralização devido a que o processo de adaptação no novo contexto implica olhar para além de si mesmas e focar no cuidado da casa e da família, principalmente se essas mulheres não estão inseridas no mercado de trabalho.

Tal situação se reflete no bem-estar de estas mulheres, atingindo situações psicológicas adversas que as levam a se apoiar na interação com outras em situações semelhantes.

Ao sentir que o projeto migratório foi mais uma situação, um projeto de vida que buscava pela ascensão social e outros tipos de conhecimento, a percepção de si mesmas como migrantes é conflituosa. Isso porque a recepção no país de destino foi dada afetuosamente por vizinhos e novos colegas de trabalho, diferente dos migrantes que chegam empurrados pela situação econômica e social dos seus países de origem. Com isto, não pretendo dizer que não tenham enfrentado situações constrangedoras ou de atrito com colombianos, mas que a percepção que tem de si e para si é de brasileiros na Colômbia e não necessariamente de migrantes numa situação genérica. Sandra foi questionada inúmeras vezes por colegas de escola de Leandro a respeito da sua vinda para Colômbia. Tendo que se justificar constantemente, principalmente nos primeiros dias, perdendo assim, a paciência e elaborando um texto praticamente pronto:

- O que é que vocês estão fazendo em Cali?
 Mas assim, com um ar muito de desconfiança.
 E eu falei, meu marido veio trabalhar aqui.
 -Ah, é? seu marido trabalha onde?
 - Ah, meu marido trabalha na Indústria ...
 -Nossa, que estranho. Eles contrataram um Brasileirooo?
 Mas assim, com um ar de desdém.
 E eu na hora fiquei tão braba, que eu falei assim pra ela:
 - Estranho porque você não conhece meu marido!
 E aí comecei a falar do meu marido:
 - Porque Diego é palestrante internacional, especialista em cana de açúcar. O Brasil está na frente da Colômbia na questão de tecnologia nessa área de cana de açúcar, de açúcar e álcool.
 Foi por isso que eles contrataram meu marido!
 Aí ela mudou um pouco o jeito de falar comigo.

Um olhar sobre estas mulheres permite identificar as estratégias de sobrevivência baseadas em um discurso de amor filial, da não busca pelo reconhecimento profissional e da solidariedade entre elas mesmas em quanto migrantes, com o intuito de lidar com as questões próprias dos deslocamentos.

Contrário do que acontece com outras mulheres que se deslocam por motivos de amor filial, como aquelas que partem com o desejo de compor casais transnacionais, por exemplo, as

mulheres brasileiras na Colômbia não perdem sua individualização enquanto mulheres, pois ao comporem uma elite, os problemas jurídicos e institucionais estão longe delas. Segundo trabalhos de Bodoque e Soronellas (2010) as mulheres que se deslocam para comporem casais transnacionais no país do esposo ficam expostas, muitas vezes, à dependência econômica do marido, o que muitas vezes faz com que envolvam menos em redes sociais de migrantes e tentem mais a vida familiar, se envolvendo apenas com amigos e familiares do esposo.

Como as relações interpessoais são altamente valorizadas dentro do círculo do qual minhas interlocutoras fazem parte, elas mesmas se obrigam a ativarem as redes sociais, como estratégia para se emanciparem do status e posições sociais do esposo.

2.3 UM BRASILEIRO PUXANDO O OUTRO

Ao chegarem à Colômbia e como uma tentativa de se emanciparem do *status* dos esposos, as mulheres brasileiras começam a estabelecer contatos com outras brasileiras migrantes como elas, uma vez que os vínculos com outros colombianos estariam mediados necessariamente por relações de classe e poder, tendo que guardar um baixo perfil e agir *de acordo com o que se espera da esposa de um gerente de uma multinacional*, disse-me Sandra, que continuou argumentado:

Eu o Diego não é muito de ir em festa e aceitar convite para essas coisas, a gente procura ter uma vida um pouco mais discreta nesse aspecto, até porque em função do cargo que ele ocupa, as pessoas as vezes não quer conhecer nós, ele quer ter na festa dele o Presidente da companhia, entendeu?

Então a gente procura não misturar, e muitas vezes não ir nos eventos por questões políticas, porque a gente não quer se envolver em política. E no ambiente corporativo tem muita gente que é contra o Juan Manuel Santos³⁶, outros que são a favor, e a gente não pode se envolver com isso porque isso pode causar até um certo prejuízo pro Diego. Então, a gente procura não participar em eventos políticos. Por exemplo, as vezes o Diego tem convites para participar de eventos: Embaixadas, quando o governo está recebendo um outro governante e a gente procura não ir.

As mulheres constroem espaços de agência (ORTNER, 2007) e se configuram como atores sociais e capazes de decidir sobre seu destino, construindo e utilizando estrategicamente seus capitais, econômico, social e simbólico para expandir seus horizontes de reprodução social (GIRONA; SORONELLAS; BODOQUE, 2012, p. 691). Com isto, as relações com outros brasileiros, brasileiras especificamente, ou colombianas casadas com brasileiros, são mediadas principalmente pela crença da origem comum, da partilha de experiências de igual para igual,

³⁶ Presidente da Colômbia no período de 2010-2018.

embora, como mencionado anteriormente, o círculo social não seja aleatório. Mantém sim, um parâmetro de proximidade geográfica, vizinhanças perto uma das outras, capacidade de deslocamento em carro, capacidade financeira para arcar com gastos das reuniões e certo status social.

Contudo, é importante destacar a ligação que Velho (1987, p. 17) faz entre o que denomina como conjunto de símbolos e o desempenho dos papéis, que estão presentes nas interações e opções cotidianas das pessoas “num processo criativo ininterrupto havendo alguns mais eficazes e duradouros do que outros”.

Assim, a consequência direta das relações entre estas mulheres, seria a criação e sua própria participação de comunidades transnacionais e redes sociais com pessoas do seu país de origem. Os espaços transnacionais, que em um primeiro momento pareciam escassos, foram se construindo perante meus olhos. Quando existe algum inconveniente seja com o processo de adaptação na Colômbia ou familiar, estas mulheres se reúnem para dar soluções e apoio mútuo, como expressado por Sandra:

Nós nos tornamos bem mais caseiros.

A gente tinha em Minas uma vida social e um hall de amigos muito maior, muito mais sofisticada essa vida social. A gente hoje é bem mais restrito.

Por exemplo na minha casa, quem frequenta é a Cris, essas brasileiras que são minhas amigas, dois ou três vizinhos, vocês e mais ninguém. Na nossa casa, a gente não abre a porta assim para tanta gente como no Brasil, né? No Brasil a gente era mais aberto a fazer novas amizades. Aqui você já tem que pensar, manter tua vida um pouco mais restrita, um pouco mais discreto pelo cargo que ele ocupa.

As redes são unidades da migração, uma vez que indivíduos e coletividades tomam suas decisões, planejam estratégias de movimento e travessia de fronteiras, encontram apoio nessas teias de relações sociais (SERTÓRIO; SANTOS 2010, p. 4). Tais redes, sejam elas compostas antes do processo migratório, condicionando o mesmo, o posterior a este, constituem-se como vitais para o sucesso do mesmo: “Quem sai, quem fica, ou quem acolhe, todos estão envolvidos numa rede social de relações muitas vezes pré-estabelecidas” (SERTÓRIO; SANTOS 2010, p. 4). O conhecimento e ativação de tais redes, que mediam na busca de um novo emprego, de produtos e alimentos no país destino, na socialização de dificuldades de adaptação e consecução de documentos, entre outros, é entendido como capital social (DEGENNE; FORSÉ, 1984). Tal capital social é baseado na reciprocidade e em laços de confiança, o que faz com que funcionem e se perpetuem.

Embora as relações com a rede social sejam fortes e dinâmicas, as relações com os amigos e familiares no país de origem continuam constantes, uma vez que o retorno é uma

grande expectativa do processo migratório. Assim, desde o começo, estas mulheres têm claro que o objetivo é estar aqui e estar lá, para que não falte nada em ambos espaços geográficos. Quando questionada sobre este quesito, Sandra faz uma advertência:

A gente não foi para Colômbia fazer amigos de infância, amigos de infância a gente tem no Brasil. Eu não acredito que a gente vá voltar com tantas amizades verdadeiras. Eu creio que, alguns 5 casais, acho que vai ser uma amizade sim, que a gente sempre vai estar falando, curtindo, para a gente se ver, da escola do Leandro acho que só mais dois casais.

No processo inverso, indo de Brasil para a Colômbia nós perdemos amigos. Perdemos o contato com grandes amigos, que frequentavam quase que diariamente a nossa casa, mas é porque, tal vez, eles não eram nossos amigos. Se fossem meus amigos, a gente se falaria por *wsp*, Na verdade eu mantive, assim, muita amizade com as minhas vizinhas no Brasil, que cuidam da minha casa, que quando chego de viagem ajudam a minha *funcionária* a fazer compra pra eu chegar e ter o mínimo de estrutura, que ficam com a chave da minha casa, que quando tem um problema na minha casa falam: aconteceu tal coisa, e são vizinhas e mães dos melhores amiguinhos do Leandro, mas amigos de churrasco, amigos de balada, não mais. As vezes a gente encontra de eles saberem que a gente tá em Minas e nos chamarem para jantar mas não é a mesma coisa. Isso é bom, porque você consegue ter uma visão muito clara de quem são seus amigos e de quem são seus colegas. Eu o Diego sempre falamos, nós hoje somos pessoas de poucos amigos, mas de certa forma é bom porque você canaliza suas energias com as verdadeiras amizades.

Assim, as mulheres pertencem à vida privada ou doméstica, no país da imigração (lembramos que desde o Brasil elas constituem uma espécie de elite social, que detém certo capital cultural, além do econômico) e os homens à vida pública pelo trabalho, outorgando o poder às mulheres de se “emanciparem” através das redes que vão construindo. Diego e Sandra, que tem um perfil baixo nas redes sociais tem seu próprio discurso respeito do uso que deve ser feito das mesmas:

Por isso é que eu e o Diego, a gente mantém uma vida muito restrita de badalação, amigos, até o *Facebook*. O Diego fica bravo comigo: *Não posta que a gente está viajando! Você já percebeu que sempre que a gente viaja você está tudo bem, daí você posta uma foto e fica doente?*
Eu já postei mais, agora, pouco.

Quando conheci Sandra me falou sobre o quanto sua casa era tida como um território brasileiro, a partir do qual, de portas para dentro, o idioma oficial era o português. Uma espécie de respiro para o cérebro e o coração. As reuniões entre brasileiros, brasileiras, especificamente, eram realizadas, com frequência na sua casa.

Estes laços transnacionais que, como mostrarei no seguinte capítulo, constroem-se principalmente em torno da comida, podem ser mantidos de maneira individual ou coletiva, embora sejam criados sempre socialmente. Individual, quando cada um, ou cada família, por

si, lê os jornais brasileiros, se comunica via *Skype*³⁷ *WhatsApp* com parentes e amigos no Brasil, assistir telejornais e novelas da Globo ou programa suas viagens ao país de origem, por exemplo.

Ao visitar a casa de Sandra observei que a TV, além de estar sempre ligada, pelo menos durante as minhas visitas, estava sempre transmitindo a Rede Globo de Televisão (a Globo)³⁸ ou tocando algum DVD de Samba, MPB ou sertanejo universitário, entre outros. Estes produtos foram comprados com antecipação no Brasil, seja antes de empreender o processo migratório ou durante algumas das viagens anuais às que tinham direito:

Figura – 17-22. DVD'S presentes na casa de Sandra.



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra. Publicado previa autorização.

A manutenção destes laços em coletividade, ou seja, em conjunto com seu próprio grupo étnico, dão-se por meio de uma negociação que facilita a satisfação tanto de obrigações como de necessidades. Uma negociação social que evita dores e sofrimento, como narrado por Sandra:

Por isso que para mim o mais importante é o grupo de amigos. A casa cheia de amigos me dá a sensação de casa cheia de família grande. Só que infelizmente não consigo fazer isso sempre porque meu esposo é muito ocupado e eu tenho que respeitar a agenda e o espaço dele. Final de semana é o único momento que ele realmente relaxa, é muito cansativo ficar fazendo coisa em casa. Então

³⁷ *Skype* é um software que permite a comunicação simultânea entre pessoas no mundo todo. Para acessar a ele basta ter um computador ou celular conectado a internet e uma conta. Serve para fazer vídeo-ligações, enviar mensagens de textos ou ligar a telefones fixos.

³⁸ Para obter canais de televisão brasileiros na Colômbia, deve ser pago um plano Premium de TV a cabo, o que acaba sendo um fator de classificação social também, pois apenas quem estava há mais tempo no país ou então quem fazia parte da elite migrante tinha isto como prioridade.

é tudo muito assim: -*Diego vamos fazer este mês?* – *Que dia? Tal dia.* E ele agenda aquele dia.

O Diego quando ele viaja muito, caem as defensas e chega muito cansado o final de semana, aí já pega gripe, é complicado, então, eu dependo muito dele.

Segundo Mitchel (2003, p. 40) o grau de proximidade dos padrões de assentamento de migrantes influi no desenvolvimento de redes sociais e transnacionais ao interior de cada grupo. Para o caso dos brasileiros na Colômbia, que não constituem um número elevado de pessoas, se comparado à migração venezuelana na Colômbia ou à própria migração brasileira nos Estados Unidos, estas redes são constantes e organizadas.

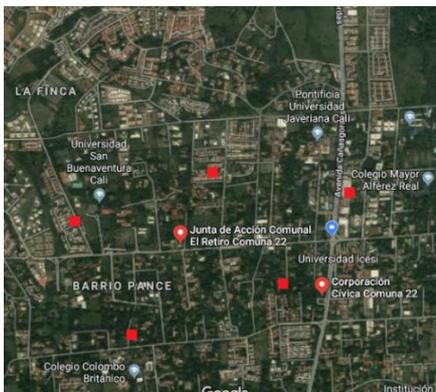
No caso da elite migrante *caleña*, sujeitos de pesquisa desta etnografia, as redes foram se construindo com o decorrer dos dias, pese a não serem um grande assentamento, o fato das residências estarem próximas umas das outras, como mostra a figura 23 facilita a manutenção desses vínculos comunitários. Além de estarem próximas, os grupos de *Facebook* e *WhatsApp*, ajudaram na consolidação destes laços, como comentado por Sandra:

O Clovis eu conheci pelo *Facebook*, pelo grupo. Foram os primeiros que a gente teve contato, fora do ambiente escolar e corporativo. Depois do Clovis, através do mesmo grupo, eu chamei a Cristiny para jantar lá em casa.

A Cristiny conheceu um grupo de brasileiras e me levou para esse grupo: Um brasileiro puxando o outro.

Com as brasileiras a gente tem ao menos algo em comum. Estamos todas no mesmo barco, fora do nosso país e sujeitas a todo tipo de situação que a migrante passa. Então é mais fácil compartilhar esses momentos.

Figura – 23 Vista Google Earth da Comuna 22. Os pontos vermelhos correspondem aos bairros onde se concentram as famílias de brasileiros.



Fonte: Google Earth

O conceito de rede social, no caso de brasileiros na Colômbia, está atrelado a como os migrantes vão se achando uns aos outros, constituindo comunidade³⁹ étnica, um grupo que se constitui e se ativa depois de chegar no país de destino. Durante a pesquisa não foram observados casos em que a migração para a Colômbia tenha iniciado a partir da migração bem sucedida de um parente ou amigo. O evento mais próximo deste é quando acontece a migração familiar⁴⁰ ou quando algum dos cônjuges é casado com colombiano (a). Assim, a rede é construída principalmente após o empreendimento migratório, entre sujeitos que no Brasil não se conheciam, inclusive, entre pessoas de estados diferentes, mas geralmente da mesma condição social.

Por tal motivo, essas redes não influenciam na decisão de migrar de seus parentes e amigos, pois não foram encontrados casos em que o fato de estar morando na Colômbia tenha sido determinante para que mais alguém empreendesse o projeto migratório.

Outro fator que incide na criação e manutenção das redes sociais é o fato da documentação. Ao se tratar de uma migração de Ministério de Relações Exteriores para Ministério de Relações Exteriores, faz com que haja, além de um aparelho institucional por trás vigiando seu bem-estar e protegendo seus direitos, um punhado de documentos em dia que facilitam sua interação cotidiana, não só com as instituições, mas entre eles mesmos. Porém como mencionado anteriormente, isso não quer dizer que os migrantes cuja situação jurídica não está em dia no país destino não participem de redes sociais e atividades transnacionais mas que meus sujeitos de pesquisa por ter seu status migratório resolvido se sentem mais *à vontade* para exercer sua cidadania, mesmo longe de casa :

A ausência do status legal é um fator adverso, que pode afetar o transnacionalismo, talvez até mais negativamente do que a pobreza. Ser um “não-documentado” frequentemente inibe a integração de imigrantes nas organizações públicas, a utilização dos recursos sociais potencialmente disponíveis ou o protesto contra condições de trabalho, com medo de deportação” (MITCHEL, 2003, p. 41).

Sua condição migratória *em dia* lhes confere o poder de ir e vir, de atravessar fronteiras com facilidade, pois pelo menos três vezes por ano viajam ao Brasil para visitar parentes e amigos e recarregar as malas de comida e produtos para o dia a dia, o exercício do

³⁹ Empleo o conceito de comunidade como sendo ela imaginada (ANDERSON, 1991), fazendo relação com o vínculo comunidade e mundo globalizado, no qual as mesmas devem ser compreendidas como não correspondendo a uma única base espacial e cujas relações se caracterizam por não terem rigidez a tais bases territoriais.

⁴⁰ Diferencio esta migração familiar das outras, uma vez que o deslocamento se dá se e só se, todos os membros da família podem ir junto, ao mesmo tempo e com direitos garantidos pelo Estado- nação receptor.

transnacionalismo em pleno, diferente do encontrado por Margolis (2003) com os migrantes brasileiros nos Estados Unidos que vão com a intenção de trabalhar e acumular capital no menor período de tempo possível para viabilizar o almejado retorno, condição que lhes impede de participar de organizações e clubes, pois se veem forçados a ter mais de um emprego para satisfazer essa necessidade. No caso de meus sujeitos de pesquisa reconhecem o lazer como fundamental para sua continuidade dentro do país. Para Sandra e Diego, o ponto de quebra entre o processo de separação do Brasil e de adaptação na Colômbia se deu a partir da Copa do Mundo e da decisão de se envolver socialmente em espaços controlados, como relata Sandra:

A gente teve um problema de inserção, principalmente depois da Copa do Mundo que ficou aquela rixa entre brasileiros, o Leandro teve problema na escola e aí o que que a gente fez? A gente sentiu o momento, a necessidade, de frequentar um clube para sair daquele contexto empresarial e escolar. Para ter a oportunidade de que as pessoas nos conhecessem fora daquele contexto formal. O Diego, ele tinha uma negociação com a empresa, da empresa pagar a mensalidade de clube. Fizemos nossa entrada no Clube Campestre que era onde um dos amigos dos Leandro ía. A gente optou por causa do contexto de amizade dele, para que ele pudesse conviver com esse grupo de amigos e a gente com os pais, fora do ambiente escolar, em igualdade de condições. O mecanismo nosso para essa questão de ser aceito na sociedade, porque uma coisa é no ambiente corporativo onde meu esposo é respeitado por causa do cargo que ele tem, no ambiente escolar o meu filho tá ali em igualdade de condições, outra coisa é a família ser aceita pela sociedade colombiana. E depois disso, a gente sentiu que muitas portas se abriram: o Leandro começou a ter outros amigos, ampliar o hall de amizade, eu ampliei o Hall de amizade também com as mulheres.

Esta construção de sentido de comunidade faz com que o dito e o feito por vezes não se correspondam. O observado é que as reuniões entre brasileiros e ativação das redes sociais está presente, de maneira geral, entre os brasileiros. Porém, quando questionados sobre os outros brasileiros presentes na Colômbia, de condição social diferente da própria ou que não fazem parte dos encontros regulares que se realizam, o dito é reflexo de um estereótipo de brasileiro mal adaptado que promove o fato de muitas vezes eles mesmos se envergonharem de dizer que são brasileiros.

Esse “outro” brasileiro, corresponderia àquele que, mesmo sendo compatriota, não está inserido dentro de seu círculo de amigos ou rede social, por, como mencionei anteriormente, não fazer parte da mesma condição social-econômica ou, que dá praticamente no mesmo resultado, não frequentar os mesmos espaços que eles.

Caso similar foi encontrado no panorama dos brasileiros nos Estados Unidos onde se identifica a contradição entre as reclamações pelo outro e o comportamento dos migrantes que “mal poderiam sobreviver à experiência da imigração sem o auxílio e conforto de seus compatriotas” (MARGOLIS, 2003, p. 62).

Ao manter estes vínculos com alguns, em detrimento de outros, busca-se reivindicar uma identidade nacional, coletiva, que é relacional, seja na interação com outros colombianos ou com os próprios brasileiros, situados em outro ponto de classificação (aqueles que não possuem documentos, que moram em outras vizinhanças, os recém-chegados, entre outros).

2.4. VOCÊ QUE FEZ?

A partir do meu trabalho de campo, observou-se que é a cozinha o que gera autonomia e poder para estas mulheres. O exercício de cozinhar diariamente, ou então, supervisionar a comida quando se têm uma *funcionária* em casa, acaba sendo um exercício de poder sobre sua casa e seus filhos, assim como de transmissão dos “conhecimentos culinários” às gerações que vem atrás. Longe de ser considerado por elas como uma atitude machista ou tradicional, é então, um ritual “uma forma de pedagogia do social, expressando, transmitindo e perpetuando costumes, saberes, valores e disposições” (LEITÃO, 2000, p. 166). Para Sandra e seu núcleo familiar, um dos primeiros estranhamentos a respeito da comida e das relações que ela propiciava, veio a partir das posições de gênero:

Eu vi de diferente na Colômbia, não sei se foi uma percepção minha, que os homens cozinham mais do que as mulheres. No Brasil os homens não entram na cozinha, um churrasco e olha lá. A gente foi convidada para jantar na casa dos outros, chegava lá e era o homem que estava fazendo a paella ou o que for.

Minhas amigas colombianas sempre chegam e perguntam: **você que fez?** A mulher colombiana não tem o hábito de cozinhar, eu percebi isso. Isso na sociedade brasileira é uma coisa muito clara, a cozinha é lugar da mulher. Mas está mudando, os homens estão aprendendo. A cozinha é nosso espaço, vocês saem daqui que a cozinha é minha!

As mulheres têm gosto de botar aquela comida na mesa, gostosa, diferente, quente, elaborada.

No Brasil, os homens já se sentem confortáveis para dizer que sabem cozinhar, porque antes, aquele negócio de que a gente cresce e aprende que precisa cozinhar para servir o marido e os filhos, hoje já tá mudando, a minhas sobrinhas não sabem fritar um ovo!

O Diego sabe fazer omelete e sanduíche. A gente usa muito o forno, um empadão, lasanha, muita coisa asada, com queijo por cima, por favor! Tem que gratinar.

De acordo com Sandra e a partir das observações feitas em refeições compartilhadas, o ato de cozinhar para o esposo e os filhos não é um sinal de dominação masculina (ou submissão feminina), mas de posições, de divisão do trabalho no interior do lar. Mesmo não sendo ela quem prepara todos os alimentos, já que treinou uma *funcionária* para realizar todas as refeições *o mais brasileiras* possíveis, a supervisão, preparo, cuidado, busca por ingredientes estão sob o comando de Sandra. As mulheres colombianas às quais Sandra se refere no trecho anterior são de classe média e média alta, que pertencem ao círculo no qual está envolvida. A ideia de que

as mulheres na Colômbia não cozinham ou cozinham menos do que as mulheres brasileiras tem a ver com as observações que ela fez, referente a como a cozinha foi se tornando um espaço também dos homens e porque nas casas colombianas, o forno não faz parte de utensílios indispensáveis para realizar as refeições, a diferença das casas brasileiras que tem por cardápio bolos, carnes e massas gratinadas.

Pode-se reclamar de todos os outros afazeres correspondentes ao lar, mas da cozinha, nunca. Porque é por meio dela que se exerce um conhecimento geracional e se aplica um poder e “controle” sobre os outros membros do grupo familiar. Dava para perceber que havia um prazer em recriar essa função, principalmente quando longe de casa, pois uma feijoada, uma macarronada estilo italiano, tinha mais valor, pela dificuldade de conseguir os ingredientes.

Para a autora indiana Devika (2005, p. 153), a comida é a maior fonte de saúde. Sendo preparada na cozinha, o ato de cozinhar não seria tido em conta como um trabalho servil, mas pelo contrário como uma tarefa de muita responsabilidade, atribuindo ao ato proficiência científica sobre preparo dos alimentos.

Assim, a comida, seja que ela envolva o ato da busca pelos ingredientes, o ato em si da preparação, o servir para os outros ou colocá-la na mesa, o ato de compartilhá-la com outros, ou todos, constitui um ato de independência, quando usada no contexto migratório. Praticamente uma importante ferramenta a ser usada, que lhes garante o “controle” sobre a saúde e os valores transmitidos a sua família.

Tendo em conta que são as mulheres as encarregadas de gerenciar as questões referentes aos filhos e à casa, à compra, manipulação e cocção dos alimentos e através da mesma manter as relações sociais e coerência entre vizinhos e dentro do próprio lar (transmitindo os conhecimentos culinários aos seus filhos, inclusive às empregadas domésticas) elas têm também a capacidade de manter coesa sua esfera social como também de quebrar os laços que a mantém unida. Os eventos nos quais estão inseridas e que envolve a partilha de sentimentos e evocam lembranças do passado em comum, no caso o Brasil, são espaços de “resistência” e manutenção dos costumes, uma forma de organização política. A comida, o ato de cozinhar é considerado ritual, pois envolve símbolos polissêmicos e uma preparação específica de transmissão de sentimentos e valores. Sandra disse-me, a respeito do seu envolvimento continuo em reuniões entre brasileiras que:

- Para as reuniões não tem uma regularidade, é uma coisa espontânea assim do tipo:
- Ai gente, vamos almoçar na quinta-feira juntas? Quem pode? Vamos fazer isso...?
- Agora é que a gente começou a:
- Vamos uma vez por mês convidar os maridos para ir. Fazer um jantar com os maridos. Porque, por exemplo, o Diego começou a perguntar:
- Que grupo é esse? Por que é que os maridos não participam?

E aí eu falei para elas:

- Gente, meu marido quer conhecer todo mundo. Saber com quem que eu saio.

E assim que a gente começou com os encontros com os maridos e até agora a gente só fez um, porque na verdade foi feito lá em casa um e depois cada uma viajou. Vieram as férias. Agora quando a gente voltar a gente faz outro.

Ah, a gente fez dois. Um lá em casa e a festa junina.

As outras meninas, acho que não mantêm muito a cultura brasileira porque alguma delas comentou que tem dificuldade de ensinar a comida brasileira para *funcionária*.

Agora eu e a Cris sim, a gente mantém muito uma casa brasileira. Em todos os aspectos, desde a decoração até a comida.

A decoração, eu percebi, o colombiano ele gosta de coisas mais rústicas, muita madeira, coisas mais pesadas, já eu e a Cris gostamos de todo muito *clean* assim, branco, mais espaço do que móveis, bem diferente da casa tipicamente colombiana, mais bibelô, cheio de coisas, já na minha casa você vê todo mais *clean*, um ou outro quadro, um ou outro vasinho.

Assim, concordo com Bodoque e Soronellas (2010, p. 149) quando falam sobre como o viver transnacional intenso faz com que estas mulheres criem um espaço transnacional no qual elas se produzem, reproduzem e hibridam papéis familiares, de gênero e conjugais. Para Santos e Mesquita (2017, p. 192), é “importante pensar não apenas nas pessoas, mas nas relações entre elas e nas redes que propiciam”, pois são as mulheres, em muitos casos, as guardiãs da memória do grupo, as transmissoras de cultura para seus filhos, assim como elementos fundamentais na manutenção dos laços familiares, mesmo estando em outros países.

A partir desta “reprodução”, as negociações com suas posições são comandadas pelas expectativas e os modelos da cultura de origem, sem perder de vista os modelos da sociedade colombiana. Assim, a criação e educação dos filhos e o relacionamento conjugal fazem parte do espaço de “confluência cultural” (BODOQUE e SORNELLAS, 2010, p.169) que vincula país de origem e destino. Isso, com o intuito de não perder as raízes do ambiente no qual foram socializados, e ao mesmo tempo, de não perder a capacidade de adaptação na Colômbia.

Tal vez, segundo o observado, o aspecto mais difícil a se desnacionalizar tenha sido a comida, por tal motivo, e como narrarei no seguinte capítulo, as configurações e ressignificações que as mulheres brasileiras na Colômbia lhe deram seja tão importante. Tais negociações, tanto de ingredientes como de posições delas mesmas dentro das cozinhas, são feitas propositalmente e inclui elementos que lhes permitem recriar a comida e se criar- a si mesmas até o ponto de se sentir bem com elas mesmas. Quando a mudança envolve violência simbólica ou sofrimento, significa que o limite foi atingido e é preciso retornar aos costumes do país de origem. E, neste aspecto, o gosto alimentar é muito importante.

CAPÍTULO III: BRASILEIRANDO EM CALI

O presente capítulo é sobre o arroz branco, o feijão, a carne frita acebolada, a salada de alface com vinagrete e a farinha de mandioca. É, também, sobre as configurações e reconfigurações que os brasileiros em Cali realizam como condição para poder reproduzir os costumes e gostos aprendidos no Brasil. É também sobre o espaço no qual as interações mediadas pela comensalidade acontecem: cozinhas, salas de estar, salões sociais dos condomínios, clubes e pizzarias. É sobre as festas e as *junções* propiciadas pelas brasileiras como condição única para sobreviver em Cali. É sobre a saudade e o poder. O poder de decidir com quem e como comer, sob quais circunstâncias a feijoada brasileira pode ser modificada sem “trair” os ensinamentos da avó com quem se aprendeu a receita.

A feijoada é tida por Sandra como tipicamente brasileira. Segundo ela, manter essas comidas nas refeições diárias a *devolve um pouco para o Brasil*. Ainda, segundo ela:

São alimentos que não faltam na nossa casa, diariamente, pelo menos o arroz e a salada. A gente pode mudar a carne, não ter o feijão porque não pude levar ou faltou, mas daí a gente faz macarronada ao estilo brasileiro.

Para Da Matta (1986 p. 56), há no Brasil certos alimentos ou pratos que “abrem uma brecha definitiva no mundo diário, engendrando ocasiões em que as relações sociais devem ser saboreadas e prazerosamente desfrutadas como as comidas que elas estão celebrando”. O ato de comer é entendido por Maciel (2004, p. 29) como um ato social que vai além da cultura material, implicando imaginários, envolvendo escolhas e classificações, símbolos que organizam as visões do mundo no tempo e no espaço. Comer é uma prática socialmente construída que procura alimentar, além de um corpo, as relações sociais que ela mesma cria.

Para Sandra, a principal motivação de manter os costumes, as práticas alimentares aprendidas no Brasil, é seu filho Leandro. Segundo ela, a comida colombiana é bem recebida por ele, porém em menor quantia do que a brasileira, que come de *prato cheio*. Assim, cozinhar comida brasileira em Cali, neste quesito seria um ato de amor familiar, a partir do qual se constrói uma ideia de salubridade.

O capítulo visa, também, à compreensão da produção, circulação e consumo de comidas entre as famílias de brasileiros na Colômbia entendendo essa relação como algo complexo e que varia de processo migratório para processo migratório. Assim, como a compreender as atividades presentes no espectro que envolve o comer: a busca, preservação, preparação, apresentação, realização, consumo e descarte (AMON; MENASCHE, 2008, p. 16) de alimentos, adicionando o fato de socialização, seja a partir da interação face a face com outros

migrantes ou socialização dos pratos e eventos, através das redes sociais, comunicando ser uma migração bem-sucedida.

Entendo que é na cozinha destas mulheres brasileiras na Colômbia onde prevalece a arte de elaborar os alimentos e lhes dar tanto sabor como sentido. Segundo Santos (2005), há na cozinha a intimidade familiar, os investimentos afetivos, simbólicos, estéticos e econômicos. É nela onde despontam as relações de gênero, geração, a distribuição de atividades, um espaço cheio de interações sociais que faz com que a mesa constitua um ritual de comensalidade. Ao ser um reflexo da sociedade, será melhor falar em cozinhas, no plural, pois elas mudam, transformam-se graças aos intercâmbios entre populações, ao trânsito e circulação de alimentos, mercadorias e valores.

3.1. UMA CASA À BRASILEIRA

Segundo Da Matta (1987, p. 57), o mundo da comida nos “leva para a casa, para os nossos parentes e amigos, para os nossos companheiros de teto e de mesa”. Assim, a comida seria o pontapé que dá início as interações sociais com as pessoas, sob um mesmo teto, baseada em laços de intimidade. A casa seria esse espaço em que todos os membros são entendidos como sujeitos com direitos. Para Sandra, além de tudo, era seu espaço próprio em meio a espaços que não lhe pertenciam, como narrado por ela:

A negociação com a empresa do Diego era pagar toda a mudança, mas aí quando a gente viu que o custo de vida, o custo de compra de móveis na Colômbia é bem menor do que no Brasil, com o valor da mudança a gente conseguia comprar móveis novos para toda a casa.

E aí a gente negociou com a empresa o dinheiro da mudança e a gente comprou os móveis na Colômbia.

Para Brightwell (2015, p. 64), a casa é o espaço no qual grande parte da vida das pessoas é organizada, exigindo ferramentas metodológicas que permitam acessar a aspectos em que acontece o banal e o ordinário. Neste local surge a relação entre pessoas e objetos a partir da qual os bens e seus usos e significados são constantemente renegociados entre membros do grupo familiar (VALENTINE, 1999, p. 492).

Para acessar a estes aspectos, dentro da minha pesquisa, utilizei a observação participante em almoços e jantares nas casas de Sandra e Cristiny⁴¹. Partindo dessas

⁴¹ Cristiny (30) é uma brasileira que migrou, igual a Sandra, na companhia de seu esposo e seu filho. Os relatos de Cristiny não estão expressados nesta dissertação, uma vez que ela não teve muito tempo de se envolver na

observações surgiram inquietações que me possibilitaram elaborar uma entrevista aberta, a respeito da casa como território brasileiro dentro de Cali, especificamente. As interações do dia a dia foram observadas durante as aulas de espanhol que eu ministrava e durante um ou outro encontro que a gente tinha dentro das suas casas, que não envolvia o ato de comer cerimonialmente, mas cotidianamente, como quando fui entregar o convite para o meu casamento ou fiquei na sua casa depois de uma festa. Estas foram registradas no período de um ano, diferentes dias da semana. Como se tratou de aspectos tão íntimos como o espaço doméstico, fotografias dos objetos que compunham a paisagem da casa e do espaço no qual residiam, não foram tiradas. Limitando as fotografias apenas a algumas comidas e registros dos presentes nas reuniões, sendo que estas últimas não serão usadas, com o intuito de preservar a intimidade dos meus sujeitos de pesquisa.

As práticas alimentares e os objetos dos quais elas se valem para existir tem a capacidade de evocar experiências passadas e multissensoriais (SUTTON, 2001). Recriar a paisagem sensorial de suas casas no período pós-migração se transforma num desafio, que os devolve a outros tempos e lugares, no caso, ao tempo em que moravam no Brasil. Para Sandra, um dos requisitos principais para morar em Cali, era que sua casa, seu espaço, fosse o mais parecido possível com aquele que tinham deixado para atrás. Assim, durante o período em que nos encontramos no Brasil, contou-me a respeito do processo de decoração da casa nova:

O processo de decoração da casa nova foi interessante, pois eu olhava e pensava: não vou encontrar nada parecido com o que tem no Brasil. E aí um dia eu vi a casa decorada do condomínio e peguei o endereço da loja e fui nessa loja. Cheguei lá, eu consegui ir vendo um sofá, uma mesa, uma cadeira ali, que eu mesma, sozinha, montei. Acho que foi a única loja, mesmo na Oben, eu vi os móveis, porque lá o móvel é mais duro, né? E o couro ecológico que está usando muito, e eu já queria uma coisa mais com tecido, mais aconchegante, um sofá mais molinho, que você pudesse se jogar, né, a estrutura também dos móveis na Colômbia, é a madeira mas os móveis são mais baixos e eu queria um sofá mais alto então eu consegui achar nessa loja, mas assim garimpando. Os móveis amarelos, que você viu lá em casa, eu tirei fotos dos meus móveis no Brasil e pedi para um marceneiro fazer.

O primeiro passo foi, então, reunir o que tinha de parecido para poder fazer uma casa tipicamente brasileira. Interessante que as minhas amigas que são brasileiras, elas brigam entre elas: *quando você for eu quero seu sofá, quando você for quero a sua mesa*, porque elas também têm a mesma dificuldade.

A nossa casa nova reflete nosso estilo de vida no Brasil. Quando a gente foi, a gente manteve nosso estilo de vida. A gente morava em condomínio fechado, com liberdade pro Leandro, com liberdade para fazer uma caminhada, para ir em uma academia, com certa segurança, aquele negócio de você poder sair de manhã e tomar um sol no jardim, e a gente encontrou nesse condomínio essa possibilidade de copiar um pouco a nossa vida no Brasil, o que nos fez escolher

pesquisa. Porém, em muitas das situações aqui descritas ela esteve presente, ao ser ela uma das amigas mais queridas por Sandra e por ser, também considerada uma excelente cozinheira.

essa casa foi isso, porque ela lembra o condomínio nosso, onde a gente morava no Brasil.

Na pesquisa, entendo o conceito de casa, nos termos de Brightwell (2015, p. 65), como um processo que para o migrante pode significar a repetição de hábitos domésticos e não necessariamente o estabelecimento de um lugar fixo, e como um lugar no qual se articulam a construção da vida doméstica e os sentidos de pertencimento dos migrantes dentro da nova realidade. Ambos os conceitos serão pensados como complementares e não como excludentes.

Para se sentir em casa, mesmo estando em outro país com costumes totalmente diferentes, os interlocutores da minha pesquisa optaram por reproduzir o estilo de vida pre-migratório, adaptando-o às exigências da nova residência. Sandra descreve seu dia a dia assim:

A gente toma um café, as vezes junto, porque Diego sai muito cedo. Mas as vezes a gente consegue, pelo menos o Leandro e o Diego. Ai a gente só se encontra a noite. O Leandro chega às três da tarde, mas ele também tem suas atividades ao menos duas vezes por semana. À noite sim, é quase que sagrado a gente sentar na mesa e jantar junto, por isso que a gente janta tarde, por causa do horário do Diego.

Recriar e repetir hábitos, práticas e rotinas domésticas dentro do espaço tido como lar, envolve relações sócio materiais (BRIGHTWELL, 2015, p. 66). Segundo a autora, o consumo alimentar é um dos domínios em que os migrantes se sentem forçados a ajustar as mudanças advindas da migração. Assim, atividades como comprar, cozinhar e comer precisam ser reconfiguradas, adaptando-se a realidade cotidiana na qual se encontram imersos agora. Sandra disse-me, a respeito da sua rotina:

Eu não tenho horário, né? As vezes trabalho de manhã, ou o dia todo, até de noite. As vezes Diego chega, eu nem desço. Ele e o Leandro se viram e jantam sozinhos, porque as vezes eu tenho que tocar em alguma coisa até mais tarde, para entregar naquele mesmo dia, mas isso é raro. A janta normalmente estamos os três, lá na sala juntos, eu na cozinha, o Diego liga a TV para assistir programa brasileiro, a nossa rotina entre a semana é meio que cada um por si. Aí, final de semana sim, a gente fica todo mundo em casa. O Diego até não gosta muito que o Leandro vai na casa dos amiguinhos final de semana porque é a oportunidade de estar todo mundo em casa.

Ao se alterar a rotina diária e se adaptar ao resto de membros do grupo familiar, os eventos que envolvem sociabilidade com outras brasileiras também são alterados. Assim, as relações e locais em que se celebram as interações são o espaço doméstico e, ao ele depender de outros fatores, é o primeiro a ser fragilizado, fazendo com que muitas vezes, as reuniões precisem ser adiadas. Sandra continua narrando:

Às vezes eu consigo fazer uma programação que consigo naquele dia interromper meu trabalho e ir para um encontro. Mas tem dias que eu falo até

para as meninas: gente não dou conta de parar o que estou fazendo preciso terminar isso de aqui, na próxima semana eu vou.

No meu caso não é como médico que fala assim com a secretária: de 3 da tarde a 6 não marque nada com ninguém que vou tomar café com os meus amigos, não.

Advogado tem isso: ah, esse trabalho aqui eu posso terminar amanhã porque os tópicos não se interligam, mas tem vezes que tem que ir direitão.

Mudar de casa significa “mudar a nós mesmos”. Sandra, mesmo experimentando outra realidade no cenário pós-migratório, tenta manter a rotina que ela tinha no Brasil, embora muitas vezes esse ritmo acabe a distanciando do resto do grupo familiar. Alguns dos aspectos tiveram de ser negociados, especialmente por causa da diferença horária entre ambos os países. Para Sandra, sua rotina na Colômbia está sendo intensa, porém, já tinha se acostumado quando morava no Brasil:

A rotina no exterior, ela não é fácil, mesmo que Colômbia e Brasil sejam culturalmente países muito próximos, as diferenças são muitas. Eu, por exemplo, tenho uma dificuldade interessante, desde que o Leandro nasceu, eu trabalho melhor à noite. Porque como ele mamava a meia noite e acordava durante toda a madrugada, eu não trabalhava pela manhã, eu chegava no escritório a 1 da tarde e trazia o trabalho pra casa e ficava até meia noite trabalhando, as vezes até uma ou duas da manhã. Me condicionei durante 8 anos nessa rotina e na Colômbia eu tenho que acordar 5 e meia 6 horas, o Diego acorda 5 e meia ai eu já acordo, na Colômbia o pessoal acorda muito cedo, eu até hoje não me acostumei, eu acordo mas durante a manhã fico acabada, tenho que fazer força para não voltar pra cama e dormir. Depois das três da tarde quando vou trabalhar, eu sinto a diferença. Uma coisa é eu trabalhar de manhã, parece que a coisa não anda, depois das três o horizonte começa a ficar limpo. Meu relógio biológico ainda sente muita dificuldade com os horários da Colômbia.

Eu tenho prazo até as três e meia da tarde para concluir trabalhos para o mesmo dia pela diferença horária. Não posso deixar nada para última hora. Eu tenho que acabar todo na noite anterior porque até as 5 e meia da tarde do Brasil o trabalho deve estar impresso e pronto para ser protocolizado no fórum. E como 5 e meia no Brasil é 3 e meia na Colômbia e eu só sendo depois das três, prefiro concluir tudo no dia anterior, prefiro ficar até mais tarde e entregar do que deixar para última hora. Essa diferença de duas horas para mim, quando o pessoal lá está terminando expediente, eu ainda tô no meio da tarde.

Essas constantes mudanças e negociações a respeito da rotina e do quê e como incorporar da rotina dos colombianos ou da que deveria ser a rotina deles mesmos na Colômbia, dá conta da complexidade dos processos de formação identitária que sofrem os migrantes nos novos contextos dos quais fazem parte. Em uma conversação que tivemos no *Facebook*, em 2017, Sandra me comentou de um dos principais estranhamentos com a rotina colombiana e que até hoje não conseguiu se acostumar:

Eu acho que além do obvio, que a gente tenta manter na casa, a gente mantém muito o ritmo de vida. Por exemplo, 8 da noite quando você olha no condomínio estão todas as luzes apagadas (desligadas) e lá em casa estamos todos acordados até as 10h-11hs.

A gente janta as 8h da noite, porque esse era nosso ritmo no Brasil. A gente trabalhava, o Diego chegava 6.30- 7h e aí até se arrumar, tomar banho, conversar um pouquinho e estar com a comida na mesa...8hs da noite. A gente vai até muito tarde, as crianças vão até muito tarde no Brasil. Na Colômbia, os amigos do Leandro dormem 7hs da noite. O Leandro fala: eu não vou dormir 7hs da noite, é uma briga isso.

O trabalho etnográfico mostrou não só o quanto é importante para o migrante dar continuidade às suas práticas alimentares dentro do espaço doméstico, mas também, o quanto é fundamental continuar com o mesmo ritmo de vida que levavam no Brasil, antes de se tornar migrantes. Por tal motivo, as negociações que observei apontavam todas no mesmo sentido: adaptar o estilo de vida pré-migratório à nova realidade. Desde os móveis planejados com a intenção de reproduzir o padrão de vida brasileiro, o ritmo de vida agitado, que envolve acordar cedo e jantar tarde, até receber brasileiros em casa para simular o almoço entre família grande, que possuíam no Brasil.

3.2. COMO O ALMOÇO DE FAMÍLIA, NÃO TEM, GENTE, NÃO TEM!

No cenário migratório, a comida pode significar o “cordão umbilical” que une o migrante a sua terra natal (ROSALES, 2009), não sem antes sofrerem algumas modificações, produto de negociações previamente estabelecidas entre o grupo e a sociedade de destino. Isto pode se dar no preparo, na busca por ingredientes similares e também nas ocasiões de consumo de tais comidas. Um dos aspectos fundamentais sobre a comida é que pode ser um meio em que histórias são contadas e lembradas, lugares são descritos, identidades formadas e comunidades imaginadas (BRIGHTWELL, 2015, p. 67). Sandra, em entrevista realizada na sua casa, com motivo de uma janta entre brasileiras em 2017, ressalta que:

O brasileiro come muito, demais, a gente tem uma alimentação muito rica. Agora o Leandro está chegando e está almoçando, pois este ano não está gostando mais do almoço da escola, mas antes ele chegava e tomava o lanche da tarde, um suco com sanduíche ou pizza, ou bolachinha. Eu paro de tarde tomo uma vitamina de leite com fruta, como um biscoito ou leite com pão e presunto. Até a nossa *funcionária* faz pra mim e eu já falo, se você quiser é só fazer o dobro, e ela faz, já pegou o hábito, as vezes um cappuccino

Assim, os alimentos seriam não apenas comidos, mas pensados (WOORTMANN, 1985, p. 1) e teriam uma relação direta com o corpo e a família, que realizaria uma prática inconsciente de um *habitus* alimentar.

Por comida, entendo, como já salientado anteriormente, segundo Zanini e Santos (2013) aqueles alimentos processados culturalmente e que adquirem tal status, um alimento transformado pela cultura e que se come com prazer, de acordo com as regras mais sagradas de

comunhão e comensalidade (DA MATTA, 1986) uma voz que comunica e que, por falar, pode contar histórias (AMON; MENASCHE, 2008, p. 13). Um código complexo que permite compreender os mecanismos da sociedade à qual pertence, da qual emerge e a qual lhe dá sentido (MACIEL, 2004, p. 26) e que se diferencia de alimento, que seria qualquer coisa que pode ser ingerida para manter uma pessoa com vida, enquanto comida estaria mais vinculada ao prazer, de acordo com as regras de comunhão e comensalidade, definindo não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere (DA MATTA, 1986).

Pensando a comida como um vetor de comunicação, é possível compreender a cultura da sociedade da qual emerge, se a compreendermos como um código complexo (MACIEL 2004, p.323), pois “as mensagens que ela codifica serão encontradas no padrão de relações sociais que estão sendo expressas. A mensagem trata de diferentes graus de hierarquia, de inclusão e exclusão, de fronteiras e transações através de fronteiras” (DOUGLAS, 1971, p. 61). Nesse mesmo sentido, Da Matta (1986) diria que a comida, além de ser costumeiro e sadio, ajuda a estabelecer uma identidade, definindo assim um grupo, classe ou pessoa. Para Mintz, em entrevista com Victora (2012, p. 389), a comida seria a substância que mais se sobrepõe e que mais está carregada de símbolos. Assim, nada expressaria tão bem o que somos quanto a comida, nada definiria tão bem o grupo ao qual pertencemos quanto a comida. Seria, então, uma ferramenta que usamos para nos distinguirmos de outros.

Ao demarcar uma questão de classe, a comida *boa* denotaria uma vida boa e nobre (DA MATTA, 1986). Se utilizada por um grupo como símbolo, poderia reivindicar uma identidade. Ao possuir capital econômico que lhes permite ir e vir permeando facilmente as fronteiras nacionais, assim como o conhecimento de quais comidas entrar ao país e como entrar aquelas que não são permitidas, os brasileiros observados se diferenciam dos outros brasileiros em Cali principalmente no quesito alimentação. Os outros brasileiros cujas idas e vindas ao Brasil são mais restritas, não possuem, na maioria dos casos, comida brasileira estocada, fazendo-se quase impossível a reprodução doméstica das “tradições” brasileiras. Já aqueles que foram observados e com os quais a presente dissertação foi feita, trazem constantemente do Brasil desde feijão e massa para pastel, até paçoca e café.

Entendo a comida da vida cotidiana e a cerimonial como rituais, que se diferenciam, entre outras coisas, pelo tempo de preparo, sendo que a do dia a dia é mais prática e a cerimonial pode tardar horas e usar ingredientes mais sofisticados e difíceis de encontrar. Assim, nesta dissertação focarei nos fatos da comida rotineira e também aqueles associados às festividades religiosas e comemorativas.

O comer cotidiano se diferencia do comer cerimonial: “normalmente o que exige mais elaboração é transferido para o campo da comida cerimonial. As comidas típicas são próprias da mesa cerimonial e é considerada típica aquela comida que é a especialidade de cada região” (REINHARDT, 2006, p. 143). Observa-se, então como a comida é cercada de rituais que vão desde o quê comer, como comer, quando e com quem comer. Estes rituais são estipulados pelos próprios indivíduos, quem ritualizam tudo aquilo ao que se lhe confere importância e que está sintonizado com suas estruturas de significado.

Para Da Matta (1986, p. 35):

“A comida vale tanto para marcar uma operação universal – o ato de alimentar-se- quanto para definir e marcar identidades pessoais e grupais, estilos regionais e nacionais de ser, fazer, estar e viver. Em nossas casas sabemos bem quem gosta do que e como esse alguém gosta de comer alguma coisa. É ato de amor familiar e conjugal servir o pai, o irmão, a mulher e os filhos, mas também os subordinados e até mesmo visitantes esporádicos, levando em conta o modo como gostam de comer os ovos, o bife, o arroz, a salada e o feijão”

Figura 24- Sagú de vinho
Na residência da Sandra.



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra. Publicado mediante prévia autorização da autora

Figura 25- Empada de Palmito preparada pelas
Brasileiras para seus cafés da tarde



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra. Publicado mediante prévia autorização da autora

Figura 26- Bolo com cobertura de coco para as reuniões entre brasileiros



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra. Publicado mediante prévia autorização da autora

Esse ato de amor filial narrado por Da Matta (1986), foi observado durante o período de trabalho de campo. Sandra tentava satisfazer a todos os membros da família e visitantes, respeitando seus gostos, porém, não servia seu esposo ou filho, deixava que a *funcionária* o fizesse, ou então, cada um se servia na mesa ou diretamente do fogão (quando não havia visita). Durante uma entrevista via *WhatsApp* que tivemos, meses depois da observação inicial, Sandro narrou como tenta manter o equilíbrio nos gostos da família:

Leandro e Diego amam sushi, eu odeio, então quando eles querem, eles pedem. Aí eu como outra coisa que sobrou do almoço. Leandro não gosta de sopa, então quando tem sopa, à noite tem que ter outra coisa para ele comer, já ele não pode ficar sem arroz, eu e Diego gostamos mais de macarrão e se tem macarrão não comemos arroz, mas nesses dias que tem macarrão, não pode faltar arroz por causa do Leandro. Arroz, então, tem todo dia. Café da manhã Leandro toma só suco de fruta e eu não fico sem café, então, na verdade, acaba que a gente faz comida para todos os gostos. Pimenta ninguém gosta, isso facilita. Todo mundo ama alface, tomate, arroz cenoura, suco de frutas, arroz com brócolis, churrasco, feijão carioca. Procuramos mais repetir aquilo que é consenso. Assim vamos administrando as diferenças.

A ideia da *funcionária* servir os pratos surgiu, segundo ela, como uma tentativa para não sujar tantos recipientes, dando menos trabalho para ela. Porém, ela prefere levar tudo para a mesa e que cada um se sirva apenas o que deseja comer, “eu deixava a empregada fazer os pratos! Mas era pra ela ter menos trabalho e não sujar tanto prato pra levar tudo à mesa! Era mais para colaborar com ela. Depois que fui saber que isso era cultural na Colômbia” disse-me.

No mundo globalizado e globalizador, no qual a comida embalada e o *fast food* impuseram novas formas de se alimentar, o fato de preparar e comer dentro de casa constitui um ato de agência. Na era da McDonalidação do mundo (ARIÈS, 1997) na qual impera a compra de alimentos prontos, as refeições feitas em conjunto, em casa, com horário determinado e um cardápio planejado são raras, desestruturando assim os sistemas normativos e os controles sociais que regiam as práticas e representações alimentares (SANTOS, 2005, p. 7).

A primeira coisa que percebi, sem muita surpresa, foi o fato de Sandra estar sempre acompanhada por uma *funcionária*, como ela chama a empregada doméstica. Em um primeiro momento, sua *funcionária* foi trazida do Brasil com a intenção de ensinar, a quem viesse a ser a *funcionária* nova, todas as técnicas de preparo e seleção dos alimentos ao estilo brasileiro. Porém, já teve de mudar algumas vezes de *funcionária*, pois as comidas, para ela vitais no processo de desenvolvimento do filho, não estavam sendo preparadas do “jeito brasileiro”. Aliás, muitas vezes não houve nem tentativa de reproduzir o jeito brasileiro de se cozinhar,

partindo para a comida colombiana dentro de uma casa puramente brasileira. Este fato incomodou Sandra, uma vez que dá muita relevância ao que se come dentro da sua casa, deixando de lado a opção de comer fora, que é tida como pouco saudável e que não lhe permite uma real interação com as pessoas com as quais divide a refeição. Ter uma *funcionária* que se ocupe das questões do lar, enquanto ela está envolvida na criação do filho e no trabalho *on line* é muito importante para Sandra. Tanto na observação participante quanto nas conversas informais ou entrevistas, Sandra deixou claro o processo de adaptação à *funcionária*:

Eu tive duas *funcionárias* em casa nesses 4 anos. Uma ficou um ano e a outra já vai fazer três comigo. A primeira ela aprendeu rápido, em um mês. Porém, ela não gostava de cozinhar comida brasileira e para ela era sofrido ter que comer comida brasileira e aí a gente acabou mudando. A outra aprendeu rápido, em um mês também. Coisas mais elaboradas como feijoada, escondidinho de carne, lasanha, um pouco que sai do trivial do arroz com feijão e carne demorou um pouco mais de tempo e até hoje estou ensinando.

Por tanto, para meus interlocutores, a comida, ou melhor, a reprodução da comida brasileira na Colômbia depende não só das possibilidades e condições de acesso aos alimentos, também ao treinamento de uma *funcionária* que se habilite para aprender. Durante a observação e o período de entrevistas, outro aspecto importante, e externo, sobre o consumo de comida brasileira e partilha de momentos de interação vinculados ao mesmo, foi observado.

Em uma das tantas reuniões da Colônia, combinamos que já era hora de sair dos bares de Cali e ir passar um tempo entre amigos nas montanhas e por isso ofereci a casa de campo da minha mãe, a poucos quilômetros de Cali, mas com outro clima. Mesmo preocupada porque não se parecia em nada às casas que eles moravam ou estavam acostumados a frequentar, arrisquei-me e os convidei.

Sandra errou o dia do encontro e foi um dia antes. No dia seguinte, domingo, pedimos para ela voltar e se encontrar com a gente, porém, eles tinham dado folga para os guarda-costas por terem trabalhado no dia anterior e não conseguiriam pegar carona com mais ninguém da turma, pois seu esposo não pode viajar sem segurança. Mesmo assim, deixou em aberto o convite caso conseguisse convencer o marido de “burlar as normas”: Horas depois, desculpou-se via *Facebook*:

- Qto ao almoço de "DOMINGO" realmente acho que não vamos conseguir ir. Primeiro, por causa das regras para o Diego sair da cidade (fomos parados em 02 blitz e se isso acontece sem os escoltas, não podemos sair do carro, temos que exigir que nos levem ao primeiro distrito policial porque o carro é blindado e não somos obrigados a abrir etc. vixi, vira uma encheção de saco... com o escoltas, eles resolvem tudo e nem se abre o caso por ordem do departamento de segurança. Pode parecer pedante isso, mas acontece que a empresa já teve dois sequestros muito traumáticos de funcionários, um a bem pouco tempo em

que um engenheiro foi sequestrado, tudo que eles não precisam é o Diego nessa situação...

O depoimento de Sandra revelou o quanto tentar reproduzir a comensalidade e sociabilidade no contexto migratório não é facilitada, necessariamente, pela posição e os cargos que estes brasileiros ocupam. Se bem é certo que trazer os alimentos é uma tarefa mais fácil para eles do que para outros migrantes, os fatores externos citados acima fragilizam o processo. Estes eventos, tanto da *funcionária* como dos guarda-costas, reproduzem hierarquias e simbolicamente a família como valor (WOORTMANN, 1985, p. 7).

3.3 A COMIDA VIAJEIRA

Ao percorrer as prateleiras dos mercados colombianos são muitas as marcas e tipos de alimentos encontrados que se correspondem com os existentes no Brasil. Porém, embora semelhantes, alguns deles, como a batata palha, por exemplo, possuem dimensões diferentes, fazendo com que as receitas fiquem com aspecto diferente também, o que acaba gerando a “necessidade” da circulação de alimentos e mercadorias. A batata palha não é tão fina quanto no Brasil, o leite condensado *Moça* no Brasil é mais denso e amarelo do que na Colômbia, o feijão carioca do Brasil tem mais propriedades alimentares, e os salgadinhos de pacote tem outros sabores, ouvia dizer constantemente, como uma escusa para trazer as malas cheias.

Sem contar com que a paçoca, o pé de moleque, o granulado para o brigadeiro, a massa para pastel, a farinha de mandioca, a farinha para tapioca, a cachaça, os espetos para o churrasco, o paracetamol, entre outros, não se conseguem, e quando se conseguem, o custo é verdadeiramente alto e inclui uma travessia pela cidade de mercado em mercado. Assim, Sandra se refere:

Levo o feijão do Brasil, deixo para comprar por último, cuidando os prazos de validade. Então, eu tenho a listinha: farinha de mandioca, tempero completo para fazer carne assada, o feijão, a paçoca, cachaça não porque descobrimos que lá tem a 51, no Carulla⁴², e como a gente não usa muito, compramos lá, até porque é mais difícil para carregar porque eu tenho medo que quebre na mala e levar encima do avião é um problema, nem arrisquei em levar.

Segundo o observado por Assunção (2011, p. 219), a circulação de mercadorias e de alimentos evidencia o papel das redes sociais compostas pelos migrantes, envolvendo aqueles na sociedade destino e parentes e amigos na sociedade de origem. Como falado no capítulo

⁴² *Carulla* é um mercado colombiano, fundado em 1905, pertencente à rede francesa Casino. Caracterizado por suas frutas e verduras frescas e os produtos de qualidade e marca própria.

anterior, estas redes são alimentadas por meio das práticas transnacionais, facilitadas pelos meios de comunicação como o *Facebook* e o *WhatsApp*. Desta forma, diz Sandra:

Tem muita coisa que não dá para entrar, mas todo mundo que é brasileiro vai e volta com a mala cheia. Se você vem por Bogotá não acontece nada, porque em Bogotá você passa na aduaneira sem as suas malas e na polícia de entrada também. Agora aqui em Cali, você chega com as malas, então eles mandam você abrir, como eu venho de conexão Bogotá-Cali aí eles já não abrem, porque eu deço no Nacional.

O relato acima dá conta das estratégias usadas por alguns dos brasileiros com o intuito de transportar mercadoria mais facilmente entre ambos os países. No período de entrevistas, percebi que estes brasileiros incentivam à circulação de mercadorias desde que seja trazida por algum deles ou familiar de alguém do grupo. Ou seja, não foram observados envios desde e para o Brasil através dos serviços de correios, apenas aquele fluxo movido por aqueles que conformam as redes. Sandra informou-me:

Quando a gente viaja, o que mais pesa na mala é o tamanho da lista. Eu trago de tudo, Diana, até paçoca. Paçoca, chocolate, granulado para fazer brigadeiro, polenta, farinha de mandioca. Trago comida e remédio: para gripe, para o fígado – natural- para a dor de cabeça, porque o que faz passar minha dor de cabeça não tem aqui. A gente traz o que a gente pode, o que cabe na mala eu trago. Essa questão do remédio a gente traz porque a gente já tentou em médico aqui, tentar explicar o problema, tomando remédio daqui e não surtiu o efeito.

Figura 27- Farinhas trazidas do Brasil Figura 28- Preparação de bolo de milho



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra. Publicado mediante autorização previa da autora.

Caso semelhante foi observado na pesquisa de Assunção (2012, p. 83) com respeito ao trânsito de medicamentos. A autora observou que há uma desconfiança em torno à eficiência dos medicamentos produzidos e consumidos nos Estados Unidos, o que fazia com que os brasileiros optassem por levar os seus próprios desde o Brasil, embora tivessem que criar estratégias para que a circulação fosse realizada. Ideias como que os medicamentos colombianos não servem para aquilo que foram receitados, ou que é difícil encontrar a mesma

composição daqueles que existem no Brasil, pairam no ar, sendo a motivação perfeita para incluí-los nas malas carregadas de doces, salgados, cremes para o corpo de grife e sapatos.

Contudo, a quantidade e variedade de elementos que compõem as malas dos brasileiros que se deslocam até a Colômbia chega a ser surpreendente. Porém, segundo observado e constatado por Sandra, à medida que passa o tempo, as malas vão ficando cada vez menos abasileiradas, seja por “adaptação”, porque vão encontrando alguns produtos que substituem satisfatoriamente os encontrados no Brasil, porque alguém mais do grupo se ofereceu para levar ou por cansaço. Assim, quem mora há mais tempo na Colômbia carrega consigo malas mais leves. Isto porque, é importante salientar, estes brasileiros viajam até três vezes por ano para o Brasil, como a própria Sandra disse-me:

Eu já cheguei a trazer do Brasil, para você ter uma ideia, comida no isopor: pastel, massa de pastel, coxinha congelada, e tive que chegar em São Paulo, abrir o isopor, mostrar o que era, apresentar as notinhas de compra, eles liberaram e chegou aqui. Eu só parei de trazer porque dava muito trabalho carregar caixa de isopor toda hora e como eu faço conexão, é muito melhor você trazer só a mala com produto. Então eu não trago mais perecíveis. Mas eu já vim do Brasil com perecível, de geladeira, em isopor com gelo e tudo. Eu tenho até os saquinho daquele gelo especial. Com o tempo, Diana, uma coisa interessante, essa lista ela vai diminuindo, porque a gente vai se adaptando, você vai descobrindo alguns produtos similares que você vai substituindo, então veja, no início eu vinha com dois isopores cheio de comida perecível, eu vinha com uma mala cheia. Hoje eu venho com uma malinha pequeninha de produtos, boto os remédios junto com as roupas. Hoje eu posso te dizer que já existe uma adaptação às coisas colombianas nesse sentido. Você vai com dificuldade, mas vai se desapegando de algumas coisas e também vai dando preguiça de toda vez que você vai tem que ir no supermercado.

Para Monteiro (2018, p. 206), os objetos contidos nas malas dos migrantes podem ser agenciadores de redes sociais de trabalho e mobilidade “dinamizando trocas e todo um sistema de obrigações morais e envolve pessoas, lugares e objetos” (MONTEIRO, 2018, p. 206). No caso dos migrantes brasileiros em Cali, esta relação entre pessoas, lugares e objetos dão conta das interações sociais entre as redes sociais conformadas por eles a partir da chegada no país.

Quando a comida chega na Colômbia, trazida, como mencionei anteriormente, por algum dos membros do grupo ou familiar de algum destes que esteja a visita, a notícia é difundida nos grupos de *Whatsapp*, com o intuito de convocar a uma reunião com comida *mais brasileira* ou de informar, para quem precise, que algum dos condimentos e alimentos estão à disposição. Por se tratar de migrantes que viajam entre países com bastante constância e facilidade e de que compõem um grupo socioeconômico considerado de *status* esta comida e/ou medicamentos recém-chegados não são cobrados, quando repassados a quem solicitou a encomenda. São dados em qualidade de presente, que mais para a frente será retribuído, quando quem foi beneficiado faça sua própria viagem ao Brasil.

Essa constante circulação entre Colômbia e Brasil, se deve não só ao fato de ser um comum acordo entre os brasileiros e seus empregadores colombianos, também há uma questão de enraizamento implícita. Segundo os brasileiros, a constante comunicação, não só via *Skype*, mas face a face dos seus filhos com os parentes, garante que estes não percam nem a cultura nem a língua, além de que serve como um respiro para que seus familiares não fiquem distantes dos filhos.

Essa situação de permear as fronteiras nacionais múltiplas vezes por ano, responde também a sua condição migratória. A circulação de mercadorias e alimentos é possibilitada, em grande parte, pelas viagens destes brasileiros ao Brasil, e estas viagens, são facilitadas pelo fato deles serem migrantes com situação jurídica em dia. Assim, concordo com Assunção (2012) respeito ao fato da situação legal dos migrantes, ao contrário de contribuir com o distanciamento da sociedade de origem, fortalece as relações ao promover tal circulação.

A possibilidade de ir e vir facilmente e não ter que elaborar um discurso para si mesmos sobre a reconfiguração da comida brasileira a partir da comida colombiana, faz com que comidas imprescindíveis apareçam. Essas comidas que não podem faltar, seja para reproduzir o estilo de vida levado no Brasil ou para socializar quando de reuniões com outros brasileiros se trata, são as primeiras a serem incluídas na listinha, como Sandra deixa claro em entrevista:

De comida que não pode faltar, duas coisas: a farinha de mandioca e o feijão carioca. Teve um período que eu trazia também tapioca. Hoje eu já tenho aqui uma pessoa que faz a tapioca então, ela fornece, sempre que preciso compro aqui mesmo. Chocolate granulado para o brigadeiro eu trazia muito, agora eu acho que não vou mais trazer porque eu encontrei no Jumbo, é muito caro mas como diz meu marido, as vezes compensa porque você diminui a quantidade de peso da mala e eu sempre venho sozinha com meu filho então fica todo o peso para eu carregar, então quanto menos coisa vem na mala, melhor. Meu estoque de granulado para brigadeiro está sob controle, tal vez dessa vez não venha.

A circulação de alimentos seria, assim, uma circulação de afetos e pertencimentos e uma forma de manter os vínculos transnacionais com as sociedades de origem, além de ser uma evidência de que as redes sociais funcionam e se fortalecem a partir destes empreendimentos.

3.4. REDESCOBRINDO O GOSTO

O gosto, definido por Bourdieu (1983), está relacionado com o estilo de vida do indivíduo assim como ao *habitus* da sociedade. Assim, os hábitos alimentares seriam a prática

destes *habitus*: “o gosto por determinado alimento é engendrado a partir do estilo de vida das pessoas, que por sua vez, se vincula à sua classe social e ao *habitus* de tal sociedade” (BONIN; ROLIM, 1991, p. 76). Ao depender, então, do estilo de vida do indivíduo, o gosto é tido como pessoal e influenciado pela cultura, a família e os amigos. Ao ser uma construção, ele pode ser mutável, porém, as condições dessa mutabilidade não seriam arbitrárias.

Para Maciel (2004, p. 27), as cozinhas- formas culturalmente estabelecidas, codificadas e reconhecidas de alimentar-se- são criadas sob um processo histórico a maneira de projeto coletivo. Ao serem construções, estão sujeitas a mudanças e continuas recriações, evitando que as cozinhas sejam reduzidas a um inventário de ingredientes.

Ao se deslocarem, as populações levaram consigo suas práticas culturais alimentares. Para satisfazer suas necessidades, levavam ingredientes e técnicas, mas também valores, preferencias e proibições. Nas novas terras, utilizando elementos locais, criaram sistemas alimentares e cozinhas novas (MACIEL, 2004, p. 27).

Tal foi o caso da feijoada brasileira que Sandra me convidou a experimentar na sua casa. Ciente do processo de elaboração, fruto de receita familiar que teria sido transmitida a ela pela sua mãe, Sandra correu atrás dos ingredientes. A técnica estaria pronta, porém, os ingredientes não. Depois de socializarmos e comer a feijoada *gourmetizada* que ela fez para meu esposo e para mim, e preocupada com a continuação das práticas alimentares que meu esposo estaria levando na Colômbia, me deixou um recado *inbox* no *Facebook* sobre como e onde comprar o necessário para fazer uma feijoada semelhante a que ela nos preparou. O intuito era o de me passar seu *saber fazer* para que eu fizesse o mesmo para meu esposo brasileiro, da mesma forma em que ela faz para sua família:

Coloca o feijão preto para cozinhar por 01 hora mais ou menos, sem sal, sem nada, só água. Qdo o feijão estiver pronto, pica meia cebola e 01 dente de alho, bem picadinho, pequenininho e fria numa panela com um pouco de óleo, sem deixar dourar a cebola. Enquanto frita e qdo vc já está sentindo o cheirinho da cebola fritando, vc coloca o feijão nessa panela e coloca sal ao seu gosto. Então deixa o feijão cozinhar até engrossar um pouco o caldo. As carnes que eu uso aqui são só a costelinha de porco defumada e o lomo de cerdo. Vc cozinha na água, sem sal, 01 hora na panela de pressão. Depois joga fora a água com a gordura que saiu da carne e adiciona a carne no feijão, verifica se está bom de sal e deixa cozinhar um pouco a carne com o feijão. Compro as carnes no Carulla. Uso também a linguicinha argentina. Corta em rodelas mais grossas, frita numa panela com uns três dedos de óleo e, depois de frita adiciona a linguicã no feijão. Para finalizar, verifique se está bom de sal e coloque no feijão umas 06 folhas de louro e cozinhe uns 05 minutinhos e pode servir de imediato. Deixe para colocar o louro na hora de servir, porque o cheiro e o sabor ficam melhores. Tem que goste de picar tocineta, fritar e adicionar no feijão. Eu acho que pesa a feijoada. Assim, misturo o bacon com a couve bogotana (é a mais parecida com a que comemos no Brasil) Pica bem a couve e frita em um pouco de óleo. Mas depois tem que colocar água e cozinhar um pouco a couve para evaporar uma toxina que tem na couve e que faz mal para a digestão. Além da couve, sirva com arroz branco e laranja sem casca (a

laranja é para facilitar a digestão).Tbem servimos com um molho de pimenta separado e uma farinha de mandioca... A farinha ainda não achei aqui.

Figura 29- Feijoada na casa de Sandra, 2014.



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra. Publicado mediante autorização previa da autora.

A feijoada é tida no Brasil como o prato nacional e tem como base a comida do cotidiano. “nesse caso a dupla feijão com arroz, acompanhada pela farinha de mandioca, sofre uma transformação não apenas no conjunto dos ingredientes, mas, sobretudo, no seu significado, transformada em um prato emblemático-possuidor de um sentido unificador e marcador de identidade” (MACIEL, 2004, p. 33). A feijoada exige um tempo de preparo superior ao feijão com arroz comido diariamente, precisa de mais tempo para ser produzido e ingerido, estando reservado para ocasiões especiais, como o convite que Sandra me fez, a partir do qual socializamos e não apenas comemos.

Esta inserção de novos ingredientes à dieta no país destino é feita, em quase todas as ocasiões, pelas mulheres, muitas destas variações ou transformações são decorrentes do contato destas mulheres com outras mulheres vizinhas (AMON; MENASCHE, 2008, p. 18), trocando e dialogando com as comensalidades vizinhas (ZANINI E SANTOS, 2013).

Figura 30- Pastéis fritos para comemoração na escola de Leandro

Figura 31- Doces de coco para a turma Da escola de Leandro



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra. Publicado mediante autorização previa da autora



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra. Publicado mediante autorização previa da autora

Contudo, existem casos em que os ingredientes e técnicas do país de destino não são aceitos. Por exemplo, segundo a Sandra, o feijão colombiano não conteria igual quantidade proteica para seu filho, que está em crescimento, além de que não a ajuda a manter a “tradição” motivo pelo qual ela prefere trazer o feijão brasileiro cada vez que viaja. Mesmo que tenha que fazer requerimentos para este transporte, pois é proibido ingressar ao país alimentos de origem vegetal ou animal. É a comida transformada com tal de resgatar vivências da comunidade em que nasceu, segundo Sandra:

Para o Leandro é fundamental para eu manter a tradição, inclusive eu trago feijão marronzinho, carioca do Brasil em uma mala, sabendo que é proibido entrar, porque é o feijão que ele adora. Eu tive um problema da última vez que eu vim do Brasil porque trazia três pacotes de feijão na mala. Fiz escala em Lima e vim direto para Cali, e me fizeram abrir a mala. Aí eles retiraram o feijão, me enviaram para a salinha para assinar a documentação e eu falei assim:

- Meu menino tem 12 anos, está em fase de crescimento, é o único feijão que ele come, eu trago só para ele, isso aí não é para distribuir para ninguém, não é para plantio nem nada, me libere pelo menos um saco do feijão para ele!

O senhor olhou para mim, pensou e disse:

-Não, então a senhora deixa um aqui e pode levar esses dois daqui, só na próxima vez que a senhora for entrar, antes a senhora faz um requerimento pro ICA, explicando essa situação. A senhora explicando essa situação eles podem liberar, pelo menos dois quilos.

E me deu o telefone do ICA para poder fazer o requerimento.

O fato de cozinhar feijão num contexto migratório dá algumas dicas sobre a importância de se manter determinadas comidas dentro do cardápio cotidiano. O feijão, um prato que exige atenção, tempo, habilidade e até um utensílio específico revela o significado e persistência das práticas para além da praticidade, elevando seu status a um grau de resistência e até contestação (BRIGHTWELL, 2015, p. 70).

Essa ideia de comida *gourmetizada* vai atrelada ao fato da receita não ser a tradicional. Foi modificada por Sandra com o intuito de ser o mais leve possível e do agrado dos convidados, que poderiam focar mais em apreciar os sabores. O toque *gourmet* também tem a ver, segundo ela, com a forma como foi disposta a mesa. Sem dúvida, um termo usado por ela para demarcar o quanto sua comida se diferenciava da de outras brasileiras.

Outro aspecto importante que encontro no depoimento-receita da Sandra, é a linguagem usada para transmitir seu saber. O preparo da feijoada faz parte do que ela aprendera quando criança, portanto, estava escrevendo o mais claro que pudesse para que sua interlocutora, no caso eu, pudesse compreender cada detalhe, estabelecendo a partir da escrita dessa receita, um vínculo entre duas pessoas que compartilham saberes. Para Amon e Menasche (2008, p. 16) [as receitas culinárias]: “evidenciam uma confiança subjacente, confiança de que a escritora da receita, com poucas palavras, poucos números e uma linguagem um tanto imprecisa, consegue transmitir exatamente o que quer dizer e, ao mesmo tempo, confiança de que a pessoa que lê compreende exatamente o que a escritora deseja”.

As receitas são transmitidas de mãe para filha, muitas vezes encerrando segredos culinários, o que para Freyre (apud SANTOS, 2005) constituiria uma espécie de “maçonaria das mulheres” Por tal motivo, respeito profundamente o ato de Sandra ter dividido comigo seu jeito de fazer feijoada brasileira em Cali, que envolveu um tempo, tanto de elaboração da receita, como de escrita da mesma nas redes sociais e que passou por múltiplas transformações e testes, antes de virar escrita.

Em um primeiro momento, Sandra me convidou a experimentar sua *feijoada gourmet*⁴³, como ela mesma a chamou, pois descobriu que em meu passo pelo Brasil eu não tinha experimentado, mas também pela possibilidade de partilhar algo da sua terra, com pessoas da sua terra, como meu esposo e outros brasileiros que estavam junto. Não podia acreditar que nos 8 meses que fiquei no Brasil, este prato-totem (CONTRERAS, 2007) portador de um grande valor simbólico para os brasileiros, não tivesse sido parte da minha mesa.

A reunião, na sua casa, teve de entrada caipirinha e salgados, para posteriormente passarmos à feijoada. Um DVD de Paula Fernandes comprado no Brasil tocava na TV, enquanto os brasileiros iam se conhecendo e conhecendo os motivos da sua viagem para a Colômbia.

⁴³ A *feijoada Gourmet* é realizada com os mesmos ingredientes da feijoada tradicional, porém o preparo varia. Em lugar de cozinhar todo junto, Sandra cozinha as carnes por partes, apenas com água e temperos e não com gordura, com a intenção de que fique mais leve para a digestão.

Essas relações entre comida, comensalidades e produção de identidades são expressadas a partir da cozinha. Entendo a cozinha, segundo POULAIN (2006), como o conjunto de operações simbólicas e rituais que ajudam a construir uma identidade alimentar e onde um produto da natureza se converte em consumível. Assim, “Uma cozinha faz parte de um *sistema alimentar* – ou seja, de um conjunto de elementos, produtos, técnicas, hábitos e comportamentos relativos à alimentação - o qual inclui a *culinária*, que refere-se as *maneiras de fazer* o alimento transformado em comida” (MACIEL, 2004, p. 26). A cozinha seria também um espaço de resistência e a partir do qual rearranjos de gênero acontecem. Já a cozinha brasileira será entendida como parte de um processo histórico que modificou e adaptou produtos de diversas procedências, envolvendo os diferentes povos que habitam o território e seus aportes (MACIEL, 2004, p. 29).

Em outras palavras, a cozinha brasileira será entendida como elementos simbólicos tidos como sinais diacríticos, elementos de uma bagagem cultural (CARNEIRO DA CUNHA, 1979, p. 240) que fazem sentido para se diferenciar de aquele contexto no qual estão inseridos. Esta bagagem cultural é entendida por Ribeiro (1998, p. 3) como aparatos de reprodução cultural, presentes em todos os migrantes e que, no caso dos brasileiros, poderiam ser entendidos como o futebol, a comida, a música e a dança, confirmando essencialismos típicos das construções das identidades sociais ou formando novos hibridismos, dependendo do contexto no qual são inseridos.

A cozinha brasileira responderia à ideia de que é fruto de influências de diferentes grupos sociais, levando em consideração o que Da Matta chamou de “fábula das três raças”, os quais teriam contribuído sob supostos padrões harmônicos (MACIEL, 2004, p. 28), revelando vestígios das trocas culturais promovidas por tal miscigenação (SANTOS, 2005, p. 6). A permanência das receitas no contexto de migração não derivaria apenas de uma persistência de manter as práticas alimentares no país destino, assim como as mudanças não responderiam unicamente a dificuldade de encontrar os ingredientes tradicionais. Ambas estariam imbricadas em uma dinâmica cultural que envolve uma constante recriação, uma representação de sua forma de viver, com novas significações, que ao mudar, também reconfiguraria a forma de se alimentar.

Assim, as identidades sociais que são construídas no jogo de semelhanças e diferenças, dariam conta da associação que um povo tem com um território, que pode ser simbólico e narrativo. As comidas identitárias, como no caso dos brasileiros a feijoada, faria com que este grupo passasse a ser reconhecido (MACIEL, 2004, p. 31). Para Sandra, um dos alimentos que associa mais com sua estadia no Brasil, é o pão, como ela mesma disse em entrevista:

Sinto falta do pão francês. Em Cali tem, no *El Molino*, mas é diferente, não é o nosso pão francês, desse crocante que quebra assim quando você vai comer, com aquele miolinho bem gostoso né? Não tem.

Durante a pesquisa constatei o quanto a comida colombiana não era considerada comida para eles. Comida seria entendida, então, como aquela capaz de nutrir o estômago, mas também o coração e o gosto, de reproduzir estilos de vida pré-migratórios e o corpo social, quando compartilhada com e entre outras famílias. A busca por preço nos mercados, virou, na verdade, busca por qualidade e sabor. Uma estratégia, então, adotada por Sandra, seria a de testar os alimentos semelhantes aos encontrados no Brasil, até achar aquele que se parecia mais, embora tivesse que percorrer quilômetros para chegar no mercado. Em entrevista, Sandra relatou como foi esse processo inicial de encontrar os ingredientes adequados:

Quando eu cheguei, o Diego já fazia um ano que estava na Colômbia, aí ele me falou, *ah, eu compro no Carulla*. Aí eu cheguei e vi que o *Carulla* era caro e comecei a ir pro Exito, só que o Exito era longe. Até hoje, eu pulo de mercado em mercado, não tenho um mercado fixo, um dia eu vou no La 14, outro dia vou no Jumbo, outro dia vou no Exito, no Carulla, exatamente por isso, porque você não encontra tudo num só lugar. Por exemplo carne eu compro no Carulla, não compro nunca no La 14 porque lá tem gosto de cloro, mas os outros produtos eu tenho que comprar no La 14 pelo preço. Gasto um pouquinho mais em carne por questão de sabor.

Ao não ser levada em consideração como comida, foi descartada até mesmo pela *funcionária* atual. A busca pelo *gostinho brasileiro* fez com que Sandra não incorporasse nenhuma receita de comida colombiana, pese a tê-la experimentado e não ter “nada em contra dela”. Para Assunção (2011, p. 147), a depreciação da comida do outro ou de outros lugares se estende a diversos grupos de migrantes em diversos tempos e espaços. Para Sandra, essa depreciação surge em contraposição da sobrevalorização dos produtos e comidas apreendidos no Brasil, como ela mesma argumenta:

É engraçado porque a nossa *funcionária* incorporou muito dos hábitos brasileiros. Acho que porque todos nós somos brasileiros, se o meu marido fosse colombiano, por exemplo, a dinâmica ia ser bem diferente. Nem nossos amigos próximos são colombianos. Eu falei esses dias com o Diego: que vergonha, a gente já vai ir embora e eu não aprendi nada colombiano, nem *arepa*⁴⁴ com ovo que eu gostei. Nada, nada, nada. *Pandebono*⁴⁵ sim, porque é nosso bolinho de polvilho, mas só. Não sei fazer nem um salgadinho nem torta, marranita, dedo de queso, nada, nada.

⁴⁴ *Arepa* é uma comida tradicional que divide sua origem entre Colômbia e Venezuela. Feita a base de milho seco ou moído, disponibilizado no mercado de forma redonda e plana, assado na brasa.

⁴⁵ *Pandebono* é um pão da região do Valle del Cauca, na Colômbia. Feito com farinha de milho, amido de mandioca fermentada. Sua origem, segundo a lenda, vem da Fazenda de Bono, onde se fazia o Pão de Bono.

Como uma estratégia para dar continuidade ao gosto do Brasil, mesmo na Colômbia, Sandra ensinou sua *funcionária* a reproduzir algumas comidas cotidianas. O processo de formação do gosto, que envolve os sentidos e aquilo que foi introjetado no corpo dos indivíduos através da cultura não é mais do que a expressão do fato social total, da qual a migração faz parte. Ao ser considerada como um fato social total, nos termos de Mauss (1974), entende-se que os costumes e os aspectos nos quais o indivíduo foi socializado logo nos primeiros anos de vida, o acompanharão, sem importar que fronteiras nacionais sejam atravessadas. Para Sandra, esses costumes são transmitidos a suas *funcionárias*, a partir de uma pré-seleção do que ela e sua família consideram como comida brasileira, assim:

As primeiras coisas que eu ensinei para *funcionária* foi o feijãozinho cozido, o arroz, a carne frita, o filezinho frito, a batata frita do jeito que eu gosto de fazer, a batata recheada, a farofa de ovo, a saladinha de alface com vinagrete, a picanha assada no forno. Depois eu comecei a ensinar coisas mais elaboradas como a comida italiana, né? A lasanha, polenta frita, escondidinho de carne, escondidinho de camarão, camarão com molho branco.

Segundo Assunção (2011, p. 157), estratégias como “aprender a gostar” ou “acostumar-se” usadas por alguns migrantes com a intenção de evitar o “sofrimento” pela perda de referências alimentares, são tão válidas quanto a manutenção do gosto e sua importância na relação entre as pessoas. No caso de Sandra e sua família, as práticas alimentares dentro de casa se mantiveram, na medida do possível, conforme ao estilo de vida que já levavam no Brasil, deixando o que eles entendem por comida colombiana, apenas para momentos de lazer, em alguma ocasião especial, segundo relatado por ela:

Até hoje a gente não fez nada mesclando, misturando, o brasileiro com colombiano. A gente sempre fez tudo de acordo como se fosse um jantar ou café no Brasil. Eu aqui na minha casa, acho que uma ou duas vezes, convidei vizinhos colombianos para tomarem café ou jantarem na minha casa e aí sim eu fiz comida brasileira, sempre é comida brasileira. Só fiz comida colombiana na minha casa uma vez porque eu recebi brasileiros na minha casa, os sobrinhos do meu esposo vieram e aí eles queriam provar comida colombiana e a *funcionária* sabia muito bem o ajiaco e o sancocho, aí a gente fez.

Para Sandra, existe uma resistência por parte deles a comerem comida colombiana, pois, segundo ela, é muito condimentada e seus estômagos já não suportam mais. Como a comida brasileira não lhe faz mal e *time que está ganhando não se mexe*, preferem continuar testando com os sabores que tem acompanhado sua vida inteira. Assim, como a comida brasileira está dando certo, preferem não mudar a dieta, e continua falando:

Como o Leandro sempre teve alergia alimentaria desde bebê, a gente sempre teve muito medo de alterar a dieta dele, em primeiro plano, a gente mantém a comida brasileira pelo Leandro, mas a gente também não pode negar que é por nós também.

Segundo Assunção (201, p. 160), a preocupação com o que os filhos vão comer, responde a que o gosto pode ser aprendido pela prática, mas as preferências alimentares podem ser transmitidas entre gerações, dando aos filhos comida brasileira, mesmo em outros países: “Através dela e de outros elementos como a língua, é possível estabelecer relacionamento destas crianças com o local de origem de seus pais e com os parentes que permanecem no Brasil” (ASSUNÇÃO, 2011, p. 160).

Seguindo as colocações de Gomes (2010, p. 89), a comida e sua preparação tem grande importância na formação da pessoa e nos laços afetivos que envolvem o sujeito, uma vez que a comida constitui o que as pessoas são e detém a capacidade de transferir características e sentimentos de quem cozinha para quem come. Assim, a comida transmitiria qualidades e afetos e ao compartilharem alimentos, se compartilhariam também sentimentos. Por tal motivo a importância de se transmitir uma ideia de saúde de pais para filhos constituiria, além da “manutenção” dos costumes ao longo do tempo, uma ideia de amor.

Como a comida colombiana não transmite essa condição, é deixada de lado e experimentada pouquíssimas vezes, apenas em ocasiões em que sair para jantar foi preciso, lembrando que sair para jantar não é uma prática frequente nem valorizada dentro do grupo de brasileiros em Cali. Durante uma das nossas conversas por *WhatsApp*, Sandra fala sobre o lugar que a comida colombiana ocupa nas suas vidas:

Estava lembrando aqui que a gente experimentou uma tal *de Lengua a la Criolla*, em um restaurantinho perto de casa que se chama Patada de la Mula que é muito gostosa. Essa sim, quando a gente vai lá a gente pede o plátano com aquela salsinha de tomate com pimentão, aí é o dia que a gente come mesmo a comida mais tradicional daqui. Meu esposo, mesmo no trabalho, com aquelas questões de estomago, ele come uma carne e uma salada, daí ele janta em casa comida brasileira.

A comida possui então, um caráter processual e dinâmico no qual gostos, produtos, sabores e relações se encontram e, ao longo do tempo, podem ser alteradas e negociadas em suas estruturas de significado e de pertencimentos. Nesse percurso, construções identitárias, de memórias e também novas estruturas de significado e de posições sociais vão se formando demonstrando como as cozinhas são mutáveis e sujeitas a constantes recriações: “Assim, uma cozinha não pode ser reduzida a um inventário, a um repertório de ingredientes, nem convertida em fórmulas ou combinações de elementos cristalizados” (MACIEL, 2004, p. 27).

O fato de não ter incorporado, ao longo desses 4 anos na Colômbia, a comida brasileira ou alguns ingredientes e técnicas de preparo, sequer, é visto como uma falha de parte da Sandra:

Para te falar bem a verdade, Diana, essa é uma falha da minha parte que eu até hoje não aprendi a fazer nada colombiano, ontem ainda eu estava vendo uma

programação e pensei: nossa eu já passei 4 anos e não aproveitei para aprender a fazer comida colombiana. Interessante isso, né? Porque o tempo vai passando e você vai mantendo a tradição brasileira na tua casa e quando você vê você não sabe fazer uma comida colombiana.

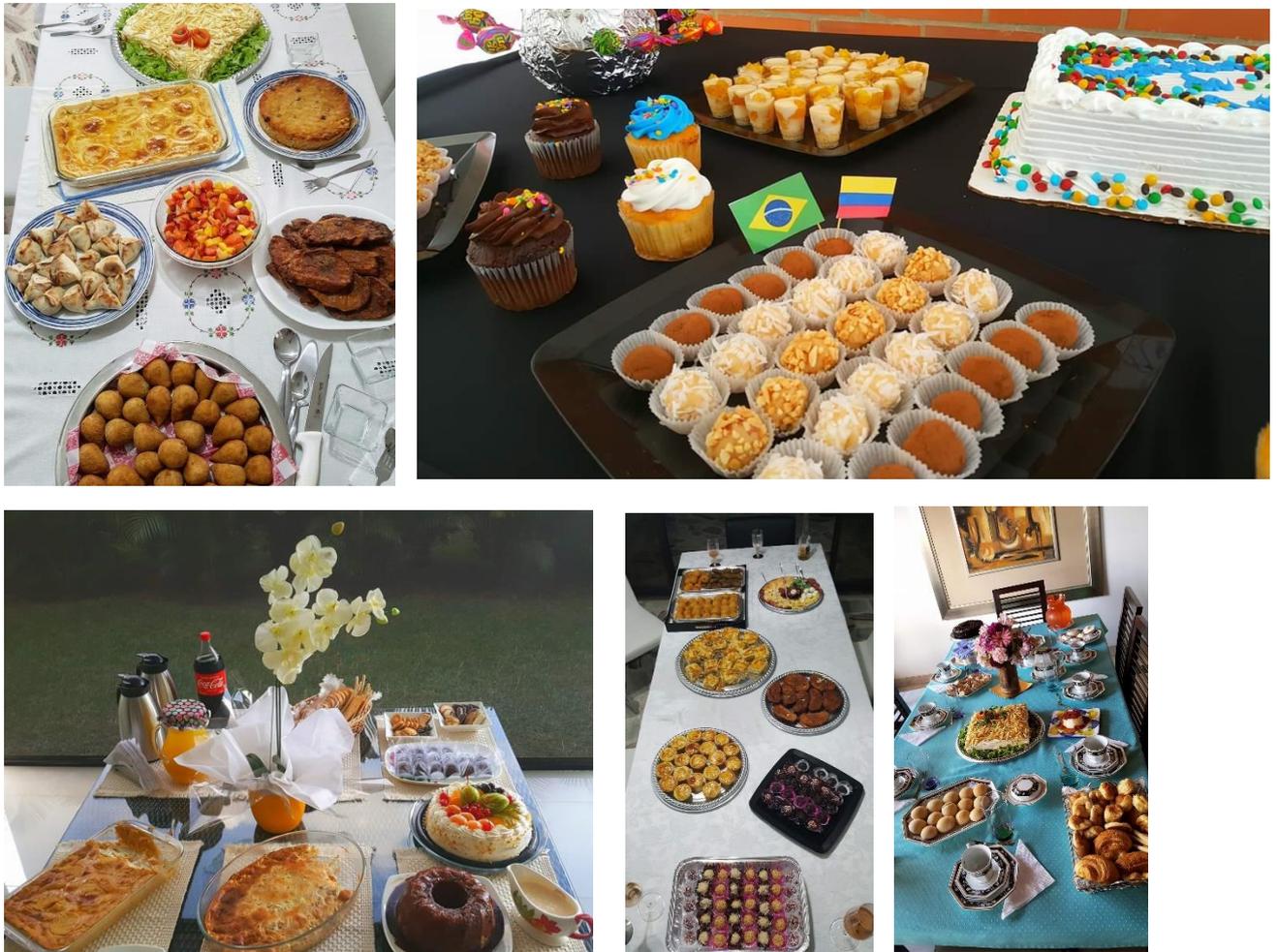
3.5. NUTRIR O ESTÔMAGO E O CORAÇÃO

Entre todas as qualidades que a comida detém, mencionadas anteriormente, pode ser somar a capacidade de despertar memórias e gerar esquecimentos. Quando comemos algo com gosto de infância “sentimos que se inicia uma viagem no tempo, em que podemos sentir cheiros, imagens, sons característicos” (REINHARDT, 2006, p. 139) fazendo com que se volte imaginariamente a lugares, lembrando sabores, gestos, palavras, sensações.

Quando essas evocações se fazem e refazem em contextos migratórios, a memória opera como uma construção do passado feita no presente (HALBWACHS, 1990) fazendo com que a comida em si seja o pontapé que dá início a um novo estágio nas relações sociais e traga consigo não só lembranças da sua vida no Brasil, mas que consola em momentos de tristeza e dor no contexto atual, como observado por Sandra:

Para mim, esses momentos de reunião entre as brasileiras são um alívio, porque eu tenho muita dificuldade em falar espanhol toda hora, eu sinto falta de poder falar a minha língua, o meu idioma, porque como eu trabalho o dia todo em português, na advocacia fazendo minhas coisas de escritório, é muito difícil passar o dia todo trabalhando com o português e ter que falar o espanhol. Eu tenho uma certa dificuldade em expressar tudo o que eu quero em uma conversa em espanhol, em português para mim parece que fluiu melhor a conversa.

Figura 32-36- Mesa dos cafés da tarde entre brasileiras



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra. Publicado mediante prévia autorização da autora.

Assim, a memória da pessoa estaria vinculada à memória do grupo. O ato de comer se tornaria um verdadeiro discurso do passado e o relato nostálgico do país, da região, da cidade ou do lugar em que nasceu (REINHARDT, 2006). Para Sandra, as reuniões entre brasileiras são uma oportunidade de recordar, pela comida, o estilo de vida anterior a migração, como me disse em uma dos jantares na sua casa:

A comida como tal não me faz tanta falta, até porque em casa eu mantenho a comida brasileira. A nossa *funcionária* aprendeu a cozinhar comida brasileira. Mas quando a gente faz as reuniões é a oportunidade de comer aquelas coisas que normalmente você não vai fazer em casa: coxinha, pastel, porque são receitas que normalmente você tem para fazer em grandes quantidades e no dia a dia você não para para fazer. Quando a gente reúne para tomar um café, aí sim cada uma faz um prato diferente de comida brasileira, é a hora que realmente se mata a saudade de ter aquele café da tarde na casa da mãe, aquele almoço de família, aquele jantar onde você efetivamente tem a comida brasileira na mesa.

As lembranças do café da tarde na casa da mãe e do almoço em família, evocadas em Cali pelas brasileiras responde em grande parte a que nós comemos o que nossa mãe nos ensinou a comer, comemos também o que a mãe de nosso marido lhes ensinou a comer (GIARD, 1996, p. 213). Tais lembranças que surgem durante um café, um jantar, um almoço de domingo é relatado por Sandra como o momento onde se toma consciência:

Além de que é um momento onde você toma consciência de que as dificuldades que você passa como *estrangeiro* não são só suas, outros também passam e que, ao final, todos contornam a situação. Então é o momento em que a gente também compartilha as experiências e de pensar: se fulana conseguiu, eu também vou conseguir. Esse momento é mais do ambiente, o idioma, a comida que é mais importante para mim. O fato de falar o português representa uma diferença quando a gente se reúne.

Mas não é só porque carrega lembranças que a comida contribui no processo de interação social. Ela satisfaz as necessidades não só biológicas dos envolvidos, mas também alimenta as necessidades sociais “isso porque as práticas alimentares estão relacionadas a identidades e diferenças entre grupos sociais, grupos étnicos, classes sociais, gênero e faixas etárias (ASSUNÇÃO, 2012, p.75).

Os processos de identificação imbrincados dentro destas práticas que se materializam na mesa de jantar cheia de brasileiros de diferentes regiões, se dão de maneira contrastativa (OLIVEIRA, 2000) fazendo que o que é servido, como é servido, a língua que é falada e os temas que são tensionados, os diferenciem do cotidiano do qual participam, dos colombianos. Ao comporem uma comunidade étnica, que se reconhece a si mesma tendo uma origem comum e cujas fronteiras são flexíveis e dinâmicas, dependendo da interação com o grupo de *caleños*, estes espaços de socialização constituem verdadeiros cenários em que acontecem eventos micro-políticos nos termos de Weber (1993).

Segundo Carneiro da Cunha (1979, p. 240), os traços culturais ajudam nestes processos de identificação. Os traços culturais seriam os sinais diacríticos usados pelo grupo para se distinguir de outro, no caso, o resto de colombianos. Estes traços não são arbitrários, pelo contrário, são cuidadosamente escolhidos e variam dependendo do contexto no qual o grupo está imerso, uma verdadeira negociação com o exterior.

Embora muito se fale, inclusive nesta dissertação, sobre a feijoada como o prato nacional por excelência, no contexto colombiano, o prato típico entre os brasileiros é o churrasco. O churrasco tem a capacidade de juntar e atrair um público mais amplo de pessoas, e é o estilo gaúcho o selecionado entre os membros do grupo. Segundo meus interlocutores, o estilo gaúcho tem mais a ver com a forma de preparar e servir as carnes, mais rústico e em pequenos pedaços que vão acompanhando as conversas durante a reunião.

As transformações efetuadas no churrasco iniciam desde os cortes da carne e vão até o dispositivo usado para ser preparado. Ao não existirem churrasqueiras, os brasileiros têm a opção de improvisá-las de maneira mais campeira ou *bagual* (rustico) ou então, usufruir da churrasqueira estilo americano. Estas adaptações fazem com que os cortes da carne, que já são diferentes, se disponham de maneira tal que não afete o processo de cocção. Assim, as carnes são cortadas em pedaços maiores, dada a proximidade da carne, na grelha, do fogo e se servem em pequenos troços que vão passando de mão em mão para garantir que aquilo que é ingerido se mantenha sempre quente. Como acompanhamento, em alguns casos foi observado, além do pão com alho, o *guacamole*⁴⁶. Os churrascos também são mais plausíveis de serem feitos ao não comporem a necessidade quase que obrigatória da circulação de alimentos, que exigiria uma feijoada, por exemplo. Lembrando que na Colômbia a farofa não se consegue nem nos mercados étnicos, o feijão é diferente e a couve é de difícil acesso.

Os domingos de churrasco, que transmitem uma ideia de comida mais cotidiana, embora seja ocasional, é a porta de entrada para a interação com alguns colombianos, dada as semelhanças, pelo menos no tipo de alimento a ingerir.

Além da comida cotidiana e daquela que atrai pessoas e propicia espaços de sociabilidade, as festas tradicionais brasileiras também tem um espaço dentro da agenda do grupo.

Manter as festas tradicionais brasileiras apesar do deslocamento, traz consigo a noção de tradição. A festa junina, por exemplo, é incorporada pelos brasileiros em Cali como uma oportunidade de dividir comida tida como cerimonial, comemorar alguns aniversários do mês, e como o momento ideal para transmitir esse aspecto cultural aos seus filhos, ligando o país de origem com o de destino. Assim, a tradição teria um sentido simbólico (HOBSBAWN, 1997), e se apoia, em grande parte, na transmissão de práticas de pais para filhos. Os filhos são ensinados a comer, nas mesmas ocasiões e do mesmo jeito em que os pais o foram, com as mesmas cerimônias e práticas rituais, até chegar o momento em que eles mesmos passam a incorporá-lo para si mesmos, reestabelecendo a tradição. Quando questionada sobre as festas tradicionais brasileiras na Colômbia, Sandra disse-me:

A festa junina a gente fez por questão de cultura, para manter a cultura, por nossos filhos, para inserir a família naquela cultura brasileira, porque muitas vezes a gente vai deixando para atrás isso. Por exemplo, no nosso grupo de brasileiras, tem brasileiras com filhos que sequer falam bem o português, que sequer sabem o que é uma festa junina, então neste momento, a gente decidiu fazer a festa junina foi por isso, para relembrar nossa cultura, a música, a

⁴⁶ Prato característico da culinária mexicana. Feito a base de abacate, limão, tomate e cebola triturados.

comida, quem é que vai fazer quentão na sua casa, bolo de milho. Normalmente a gente não faz, nem no Brasil, apenas no período de festa junina.

Para Assunção (2011, p. 172), as festividades são momentos propícios para o contato interétnico em que o grupo dominante constrói os “outros”, sendo a comida que é servida, o principal elemento demarcador e mobilizador. Nas festas juninas observadas durante a pesquisa etnográfica tive a oportunidade de encontrar a versão *gourmetizada* de vários pratos típicos como o milho cozido, a pamonha, as coxinhas e alguns bolos e doces com amendoim e pipoca.

O tempo dedicado a esta festividade começava desde a escolha, via *WhatsApp* pelo lugar, até os ajustes de convidados, divisão dos pratos entre famílias (quem leva o quê) e a roupa a ser usada.

Figura 37-40 - Festa junina em Cali, 2017.



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra. Publicado mediante autorização previa da autora.

É importante salientar que, embora a intenção de comemorar esta festa seja a integração entre brasileiros e alguns colombianos, de ensinar e transmitir os costumes aos filhos e de matar a saudade da comida “de casa”, em outras palavras de comemorar por meio da comensalidade as relações sociais no novo contexto migratório, os convidados não representavam nem uma pequena parcela dos brasileiros em Cali. Aliás, pessoas fora do seu círculo social não eram convidadas. Eram festas exclusivas e organizadas inteiramente pelas mulheres.

As relações sociais e o consumo de alimentos são fatores essenciais na sociabilidade, levando a que laços de solidariedade social se fortaleçam. O aspecto lúdico envolvido no hábito de comer, estudado por Heck (2004) dá conta das relações complexas que os indivíduos estabelecem entre as interações sociais e sua comida. Seja uma refeição caseira ou em algum restaurante, um *fast food* ou templos de alta *cuisine*, o comer deixa de ter uma relação puramente biológica de nutrição para sobreviver e entra na categoria de lazer e entretenimento, sendo um

marcador fundamental de status e classe social, classificando e distinguindo pessoas e gostos culinários. Como ressalta Sandra:

A gente já se reuniu muitas vezes, as brasileiras, no Clube Campestre, para comer no clube, não sendo a comida brasileira. Mas aí faz uns 5 meses que, não lembro quem, deu a ideia de ao invés da gente ficar se reunindo em restaurante, por que que a gente não se reunia em casa e começava a fazer café da tarde, almoço, cada hora uma e um encontro mensal com os maridos junto, assim que surgiu essa ideia a gente passou a fazer em casa mesmo.

Quando comemos fora e quando comemos em casa há uma diferença de liberdade. Quando a gente janta no clube, você tem que ser mais comedido. O colombiano fala mais baixo, com mais calma. O brasileiro é exagerado, a gente fala alto, dá risada alto. A espontaneidade da gente em casa é muito maior do que no Clube. Esse foi realmente um dos motivos pelos quais a gente passou a fazer os encontros em casa. No clube você não pode falar de tudo, né? E muitas vezes acontece alguma coisa que a gente não gostou, alguém que discriminou. Isso passa muito. Por exemplo, o Leandro teve problemas de bullying na escola, as vezes você quer falar de alguns assuntos assim e aí você tem que tomar cuidado, falar mais baixo, dependendo do assunto, você não entra nos detalhes. A espontaneidade, a liberdade de falar o que realmente você quer falar naquele momento, em casa é maior.

Embora exista um prazer em consumir alimentos em locais públicos, demonstrando uma vontade de interagir socialmente antes que comer propriamente, de se apresentar na sociedade, as brasileiras encontraram outra forma, por meio das refeições, de mediar suas relações sociais. A casa passaria a refletir mais a imagem que elas querem passar entre si, que o próprio restaurante.

Segundo Finkelstein (1989), as interações sociais que ocorrem nos restaurantes produzem uma sociabilidade não civilizada. O restaurante transformaria as refeições fora de casa em um exercício regido por normas, fazendo com que os indivíduos ajam de maneira predeterminada. Tendo que se comportar de acordo a moda e ao que se espera das esposas de homens com altos cargos gerenciais, haveria um deslocamento do relacionamento social, enfraquecendo-o. Sendo que, segundo Sandra, o mais importante nas reuniões mediadas pela comida são os espaços de interação e desabafo, o fato de comer fora além de não evocar lembranças sobre o passado comum, estar profundamente regrada e não lhes permitindo a liberdade da qual precisam, estaria fragmentando-o. Assim, diz Sandra:

Comida é o de menos, na verdade o que a gente quer é reunir para falar o português. Todas no grupo têm essa mesma coisa de querer falar. Tem algumas do nosso grupo que estão aqui há 20 anos, então para elas é uma dificuldade, porque a família do esposo é colombiana, os filhos já não falam muito bem o português, para elas é importante esse momento, daí lógico que a gente vai reunir e aproveitar também para comer alguma coisa brasileira. O primeiro ponto é se reunir para falar português, a comida é uma consequência.

Ao falar de sociabilidade não civilizada Finkelstein (1989) não nega a importância das interações sociais que o comer fora gera, nem o prazer que deste fato emerge, porém foca em que nem sempre envolve entretenimento e sim uma lógica econômica que responde a padrões da indústria da alimentação e da comida como mercadoria.

Longe da lógica de sair para ser vistas e não necessariamente para comer, as brasileiras em Cali criaram algumas estratégias que lhes permite se reunirem facilmente e compartilhar refeições caseiras, segundo relatado por Sandra:

A gente tem um grupo de *whatsApp* e no grupo a gente faz o cardápio, cada uma lembra do que gosta: -Ai, vamos fazer tal coisa? a outra fala: -Ai, eu gosto disso também. Aí, a gente divide entre todas e cada uma vai ao supermercado, compra, às vezes tem um produto que a gente não sabe como é que é em espanhol, por exemplo fubá de milho, né? Daí elas postam foto do produto, as vezes não tem na Colômbia, daí a gente pergunta no grupo: -quem que tem tal produto que vou precisar para a minha receita? Se tiver, alguma disponibiliza, a gente busca, tem toda uma preparação. A festa junina, por exemplo, a gente levou duas semanas preparando, falávamos todos os dias dividindo o cardápio, lembrando de coisas que tem que ter.

Fugindo do que os estudos sobre alimentação e sobre comer fora apontam, contrariando os ideais de civilidade e a maneira normatizada empregada para agir e se comportar em lugares públicos, as brasileiras usam o *Whatsapp* como meio iniciador da interação. Combinam o dia, a hora, o cardápio e tiram dúvidas sobre os ingredientes das receitas, como pode ser observado no depoimento de Sandra:

Quando tenho dúvida como é que se chama determinado alimento, eu vou no grupo de *whatsapp* das brasileiras e pergunto: *geeente, alguém sabe como se chama fubá aqui e se tem, onde tem?* Claro que fubá não tem aqui, tem polvilho, mas é diferente. Para fazer pão de queijo, por exemplo, tem o polvilho.

O uso das redes sociais, especificamente do Facebook e do WhatsApp, pelos migrantes foi estudado por Barth e Cogo (2009). Para as autoras, a interação mediada por estes dispositivos está atravessada por uma coesão subjetiva na qual os membros do grupo se sentem identificados com o resto de membros. Assim, se geraria coesão e solidariedade e como consequência, a união entre seus membros, embora nem sempre tal união seja fluida e fixa, e sim transitória e hierarquizada.

O uso de smartphones por uma comunidade determinada pode promover ações que impulsionam a sociabilidade, deixando o smartphone como um objeto capaz de auxiliar na construção das relações, “susceptível a diferentes apropriações e interpretações decorrentes dos usos cotidianos” (SILVA; TONDO, 2017, p. 7). Tal colocação vai de acordo com Miller (2007) que propôs uma visão desfeticizante sobre o consumo material, contrária àquela que diz

respeito ao consumo como um aspecto do materialismo que reduz a humanidade ao colocar o foco sobre o objeto. Miller (2007), por seu lado argumenta como os objetos materiais criam a compreensão de uma humanidade inseparável de sua humanidade.

Enquanto morei na Colômbia, tive a oportunidade de participar das junções e desses cafés da tarde que acabavam virando jantares também. Sempre iniciávamos as conversas por meio de um bate-papo conjunto no *Facebook* entre três casais. A continuação um fragmento da mensagem *inbox* enviada por Sandra no Bate-papo coletivo, em 2014, quando eu ainda morava em Cali:

- Empadão, coxinha, Cuca dentre outras coisas. Tá bom assim? Só preciso que a Cris faça a coxinha... pode ser, Cris? 16 horas, aqui em casa, no dia 20! ok? Fica bom para todos?

Se planejavam com bastante antecedência, dadas as condições de trabalho de alguns dos membros do grupo, que tinham uma agenda um tanto quanto apertada. Um dos membros do grupo referiu a como era difícil combinar os horários de maneira que ficasse bem para todos: *Se fosse cervejada, já teríamos tomado!!* disse. Sandra, já pensando em um cardápio ítalo-brasileiro, escreveu:

Enquanto ao cardápio: Olha, lá em onde a gente morava, o pessoal costuma fazer um *buffet* de macarrão. Tem dois tipos de molhos e vários acompanhamentos (cebola, alho, presunto, queijo, palmito, azeitona verde e preta, camarão etc... e aí cada um diz o que quer e a gente monta o prazo na hora, fazendo o molho... é bem legal... que tal algo assim?

Nas palavras de Mintz, em entrevista a Victora (2012), os seres humanos escolhem os alimentos que consomem dentro de uma gama de alimentos que podem comer, havendo sim, uma seleção. Compreender de que forma é feita essa seleção, como as pessoas verbalizam, interiorizam e racionalizam suas escolhas, é um papel fundamental para a antropologia. Segundo ele, as crianças, a maioria das vezes, crescem pensando que os alimentos que são dados por seus pais como deliciosos, são deliciosos, embora posteriormente haja divergências. Assim, o alimento constituiria uma linha divisória entre os grupos. Entre aqueles para os quais tal alimento é tido como delicioso e aqueles que o tem como proibição dentro do seu cardápio, entre aqueles que podem encontrar e comprar facilmente tal ingrediente, e aqueles que tem que adaptar sua dieta para suprir a ausência dele. Entre aqueles que fazem uma refeição no meio da tarde e aqueles que não conseguem seja porque não está culturalmente construído ou porque o tempo no trabalho não o permite. A respeito dos cafés da tarde, Sandra me presenteou com uma anedota sobre um dos primeiros choques culturais que viveu:

Esses dias falei para a minha *funcionária*, vou convidar as brasileiras para um café da tarde e ela ficou me olhando. Perguntei, vocês não têm café da tarde?!!!! Escuta, quando vocês param para comer lá pelas 3 ou 4 da tarde como é que vocês chamam? - Ah, quem sabe você não está falando de um *entredia*. - Ah, deve ser isso daí então, mas não é hábito.

A comida feita para um contexto não cotidiano, mais cerimonial, parecia ser uma grande preocupação para as mulheres sujeitos de pesquisa, que entre outras funções eram as organizadoras da maioria dos eventos nos quais estas comidas estavam inseridas. Depois de se decidir qual comida seria servida, seguiria quem e como iria prepara-la. A relação que a comida estabelecia com quem a prepara, com quem a oferece e com quem a ingere, no caso da comida brasileira oferecida pelos brasileiros na escola dos filhos, por exemplo, representam a saudade das festividades do local de nascimento, demonstrando agencia e intencionalidade (ASSUNÇÃO, 2011, p. 173). Em outro momento Sandra narrou como a comida brasileira estabeleceu um vínculo entre sua família e a escola do filho, permitindo que ele fosse inserido e aceitado pela turma:

O Leandro na escola, ele leva o brigadeiro. A primeira festinha que a gente teve na escola quando a gente chegou aqui ele tinha que levar alguma coisa para compartilhar e eu falei para ele: leva brigadeiro! Na verdade, era porque era o mais fácil para eu fazer naquele momento, e aí ele levou e os colegas amaram. Depois disso, toda festinha que tem na escola que os alunos têm que levar, o Leandro já vem com a lista escrito: brigadeiro.

O brigadeiro, feito por mãos brasileiras e oferecido aos colombianos por um brasileiro, constitui uma grande porta de entrada, que possibilitou a Leandro superar fases de *bullying* na escola e o ajudou na interação com os novos colegas, como ressalta Sandra:

A última festinha que teve, tive que fazer mais 150 brigadeiros porque não era só para os alunos. Eles já fizeram a contagem com os professores porque os professores também queriam o brigadeiro, que foi agora para o encerramento do ano letivo. E aí foi meu filho cheio de caixa de brigadeiro para escola, até o diretor queria comer brigadeiro. Quando os coleguinhas vêm aqui em casa eu procuro fazer uma comidinha não tão brasileira mas que tenha aqui também, como cachorro quente.

Figura 41-44 - Brigadeiros e coxinhas encomendados para levar a escola do Leandro



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra. Publicado mediante autorização previa da autora.

Embora a comida brasileira oferecida pelos brasileiros a colombianos com o intuito de se inserir na sociedade *caleña* tenha sido testada satisfatoriamente com Leandro e com a própria Sandra em seus encontros, Diego não contou com a mesma sorte. Sandra não se habilitou a preparar comida brasileira para os colegas de Diego por motivos relativos à hierarquia e o *status* que ele exerce dentro da empresa, deixando essa missão para as esposas dos subordinados, que também eram brasileiras, para não ter que misturar trabalho e relações sociais, pois são relações que não estão bem vistas por eles. Esta separação entre o mundo doméstico e o do trabalho, como demonstrado no capítulo II, os ajudou a se proteger de amizades inoportunas, como menciona Sandra:

Meu esposo nunca levou nada. Ele me pediu uma vez para fazer feijoada, mas tinha uma outra brasileira, a Valeria. Ela se adiantou e acabou fazendo primeiro e daí eu não fiz nada brasileiro para eles. A gente, para te falar bem a verdade, mantém uma certa distância do pessoal do trabalho dele porque esse negócio de botar gente do trabalho em casa e na nossa roda de amigos é um pouco complicado para meu esposo, então ele prefere ter muito bem separado o que é trabalho e o que são os amigos de casa.

Assim, observei como a comida consegue demarcar não apenas identidades e classe social, também influi e é influenciada pelas posições de poder e hierarquia laborais ocupadas por quem a oferece e quem a consome. Constatando-se assim os apontamentos de que a comida, quando realizada no contexto de migração é tida como um algo que não é compartilhado com todo mundo, que se escolhe cuidadosamente a quem e como compartilha-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou, ao longo dos três capítulos, responder à pergunta sobre quais foram os mecanismos e estratégias de inserção usadas pelos brasileiros em Cali, sudoeste da Colômbia (especialmente as mulheres). Nesta empreitada, nos caminhos e descaminhos que seguem os estudos antropológicos, fui descobrindo a importância que as práticas alimentares, que o ato de sentar e comer em sociedade, detinha. Tal entendimento foi possibilitado graças ao trabalho de campo: à observação participante da cotidianidade destes migrantes, das reuniões e eventos tidos como rituais, das entrevistas abertas em cafés em locais públicos ou domésticos, e nas conversas através das plataformas de interação social como *Facebook* e *WhatsApp*.

Este empreendimento etnográfico, o primeiro da minha trajetória acadêmica, iniciou em 2014 com um grupo amplo de brasileiros que estavam morando em Cali, e foi se fechando até contar com a participação de Sandra e sua família, permitindo-me aprofundar na sua trajetória de vida como um veículo para acessar à subjetividade dos migrantes.

No primeiro capítulo saliento a importância de se estudar a migração dos brasileiros à Colômbia, uma vez que por ser recente é, também, inédita em termos de estudos acadêmicos. O tempo e o espaço da pesquisa, possibilitam, aos leitores, compreender o contexto atual, não só de Cali e da Colômbia, mas o lugar de fala desde o qual a pesquisadora estão compreendendo aquilo que foi dito e feito, entendendo tais narrativas como interpretações feitas a partir de outras interpretações (GEERTZ, 1989). Assim, construo um discurso a partir da minha própria experiência como pesquisadora migrante, como mulher e como *caleña*, dando especial atenção às questões éticas, uma vez que meu envolvimento com o grupo foi total.

Neste capítulo, intitulado **Narrando as trajetórias da elite migrante brasileira etnografia e questões éticas da pesquisa**, argumento como a escolha do objeto de pesquisa está norteada pela própria biografia do pesquisador e por tal motivo a reflexividade (BOURDIEU, 2002) a sinceridade metodológica (MALINOWSKI, 1978) e a ética na pesquisa em ciências sociais (DINIZ, 2008, BONI; QUARESMA, 2003), constituem parte fundamental do afazer etnográfico. O pesquisador, em contato pela primeira vez com outra cultura, dá-se conta, pela primeira vez, da sua própria (GOMES, 2010) e é nessa correlação contrastativa, que as pesquisas são desenvolvidas e que ambas as culturas, a do pesquisador e a do interlocutor, acabam por ser inventadas.

No seguinte capítulo, intitulado **Deixando os mais afetados decidirem**, as considerações estão orientadas em três direções. A primeira delas é a que diz respeito ao projeto migratório como sendo uma escolha econômica e afetiva, tomada em conjunto (família) e

motivada pelo amor matrimonial. Migrar por um ideal de amor, no qual as mulheres optam por se acolher o que o coletivo familiar decide, deixando para trás possíveis promoções no mundo do trabalho com o objetivo de manter a família reunida, pode ser visto como uma escolha econômica.

A segunda tem a ver, precisamente, com a posição que estas mulheres migrantes têm dentro do processo de deslocamento e inserção no país hospedeiro. Como foi mencionado, são muitas vezes elas as que incentivam o projeto migratório. No caso da minha interlocutora, Sandra, o princípio motivador foi o de sair da “zona de conforto”, incentivando sua família a aceitar o desafio de migrar visando uma ascensão social. No processo de inserção na sociedade receptora, estas mulheres são sujeitos ativos que buscam se independizar dos status dos seus esposos e passam a criar as redes sociais. Tais redes são conformadas por outras mulheres que como elas, estão na Colômbia apoiando as opções laborais dos seus esposos. Entre elas criam vínculos a partir dos quais surgem amizades e nos quais a comensalidade e a evocação de memórias de um estágio pré-migratório são consequência. Estas mulheres foram entendidas como uma ponte entre o Brasil e a Colômbia para seus filhos, uma vez que eles, nascidos no Brasil, viveram desde cedo a experiência migratória e são elas as chamadas a transmitir não apenas a língua, mas os costumes do seu país de origem.

A terceira, é sobre como a ativação destas redes, propiciado pelas mulheres e que estimula as práticas transnacionais e abre possibilidades a muitos eventos, especialmente de comensalidade. A comida foi entendida como um ato social que supera o fisiológico (MACIEL, 2013) e que comunica, tendo a capacidade de unir ou segmentar pessoas ou grupos sociais. Entendendo seus sinais diacríticos como próprios de um grupo étnico (BARTH, 2000) e os micro-eventos nos quais eles se envolvem como sujeitos políticos, argumento que é a comida e os espaços que ela promove um dos principais traços usados por estes brasileiros para se inserirem na sociedade hospedeira e criar laços com outros brasileiros na cidade.

No terceiro capítulo, intitulado **Brasileirando em Cali** busco interpretar o consumo como parte fundamental de uma cultura material (MILLER, 2013). Tal consumo pode ser entendido a partir dos objetos presentes nas casas destes brasileiros e que a fazem um porto seguro, um território brasileiro dentro da Colômbia, ou através dos alimentos e mercadorias que transitam livremente entre o Brasil e a Colômbia com o intuito de facilitar a sobrevivência destes brasileiros no país destino. Com o foco nos usos dados por estes brasileiros aos objetos e não nos objetos em si.

Neste capítulo, exploro, também, a importância que a comensalidade adquire no contexto migratório. As reuniões entre brasileiras foram narradas como verdadeiros espaços de emancipação e empoderamento. Como eventos políticos a partir dos quais, de portas para adentro das casas, na vida doméstica, a língua portuguesa comandava e os cafés da tarde com bolo e pão de queijo eram a escusa perfeita para celebrar as relações sociais.

É importante mencionar que, embora se tratasse de uma migração de elites, que contavam com um respaldo institucional e governamental possibilitado pela mobilidade regrada e organizada entre dois estados-nação, foi observado que muitas vezes as posições de prestígio ocupadas por estes migrantes não facilitavam a inserção e contato com colombianos, tendo que optar, como uma estratégia de sobrevivência, por manejar um perfil baixo e se relacionar apenas com outros brasileiros em situações semelhantes a deles.

Por último, esclareço que me permito encerrar esta dissertação levando em consideração que o ponto até o qual consegui chegar nestes anos de trabalho de campo reflete o contato e convivência permitido por meus interlocutores, entendendo que não é um trabalho terminado nem um campo esgotado.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMON, Denise, MENASCHE, Renata. **Comida como narrativa da memória social**. In: Revista Sociedade e Cultura, v11. Janeiro/Junho 2008.

ANTHIAS, Floya. **Metaphors of home: Gendering New Migrations in Southern Europe**. In: Anthias, Floya e Lazardis, Gabriela. Gender and migration in Southern Europe. Oxford, New York, pp 17-47. 2000.

APPADURAI, Arjun. **Gastro-politics in Hindu South Asia**. American Ethnologist, volume 8, nº3, Symbolism and cognition. 1981.

ARIÈS, Paul. **Les fils de McDo: le McDonalysation du Monde**. Paris, 1997.

_____. **La modernidad desbordada: Dimensiones culturales de la globalización**. Ediciones Trilce. Buenos Aires, Argentina. 2001.

ASSIS, Glaucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: gênero, família e migração**. Campos 3: 31-49. 2003.

_____. **Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional**. Revista Estudos Feministas 15(3). 2007.

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. **Onde a comida “não tem gosto”**: estudo antropológico das práticas alimentares de imigrantes brasileiros em Boston. Florianópolis. 2011.

_____. **A circulação de alimentos e de relações entre brasileiros em Boston e no Brasil**. In: RIAL, Carmem, Silva, Sandra Rubia, Souza, Angela Maria (ORG), Consumo e Cultura Material: Perspectivas etnográficas. Editora UFSC. 2012.

BARBOSA, Livia, VELOSO, Letícia. **Gerência Intercultural, diferença e mediação nas empresas transnacionais**. In: Civitas Revista de Ciências Sociais, v7. N1 Jan-Jun 2007.

BARTH, Fredrik. **Os grupos étnicos e suas fronteiras: o guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BARTH, Daiani; COGO, Denise. **Redes Sociais e usos da internet por migrantes brasileiros na Espanha**. Em: O público e o privado - Nº 14 - Julho/ Dezembro – 2009.

BONI, Valdete, QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, Nº 1 (3), janeiro- julho/2005, pg. 68-80. 2005.

BONIN, Anamaria, ROLIM, Maria do Carmo. **Hábitos alimentares: tradição e inovação**. Boletim de antropologia, Curitiba, v. 4, n, 1, p. 75-80. 1991.

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos de vida**. In: Ortiz, Renato (org). *BOURDIEU*. Coleção grandes cientistas sociais, n° 39. Ática, São Paulo, 1983.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

_____. CHAMBERON, Jean-Claude. PASSERON, Jean-Claude. **O ofício do Sociólogo**: Metodologia da pesquisa sociológica. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

_____. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1994. p. 183-191.

BODOQUE, Yolanda, SORONELLAS, Montserrat. **Parejas en el espacio transnacional**: Los proyectos de mujeres que emigran por motivos conyugales. In: migraciones internacionales, vol. 5, núm. 3, enero-junio de 2010.

BRIGNOL, Liliane Dutra; COSTA, Nathalia Drey. **Migração e usos sociais do facebook: uma Aproximação à webdiáspora senegalesa no rio Grande do sul**. Em: REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXIV, n. 46, p. 91-108, jan./abr. 2016.

BRIGHTWELL, Maria das Graças. **A Taste of Home?: Food, Identity and Belonging among brazilians in London**. Royal Holloway, University of London. 2012

_____. **Sentir-se em casa longe de casa**: A comida no cotidiano de migrantes brasileiros em Londres. In: Tessituras, Pelotas, v.3, n.2, p 60-78, jul-dez 2015.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Cultura com aspas e outros ensaios**, 1979.

CASTELLS, Manuel. **The rise of the Network Society**. Cambridge, MA, Blackwell. 1996

CERDA, J. (2014). Las familias transnacionales. En Revista Espacios Transnacionales [En línea] No. 2. Enero-Junio 2014, Reletran. Disponible en: <http://www.espaciostransnacionales.org/segundo-numero/refexiones-2/familiastransnacionales>

CONTRERAS, Jesus. **Alimentación y religión**. Humanitas Humanidades Médicas, n. 16, p. 1-22, 2007.

DA MATTA, Roberto, **O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues**. In: NUNES, Edson de Oliveira, *a aventura sociológica*. Zahar edições, Rio de Janeiro, 1978.

_____. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEGENNE, Alain e FORSÉ, Michel. **Introducing Social Networks**. London: Sage, 1984.

DEVIKA, Jayakumari. **Her-self: early writings on gender by Malayalee Women**. Kolkata STREE, 2005.

DINIZ, Debora. **Ética na Pesquisa Social: desafios ao modelo biomédico. Ética em pesquisa: temas globais.** Brasília: Letras Livres/Editora UnB, 404 pp. (Coleção Ética em Pesquisa,4). 2008

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo.** Editora Perspectiva. São Paulo, 1976

DUMONT, Louis. **Ensaio sobre o individualismo.** 1983.

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo.** 3a. ed. São Paulo : Perspectiva, 1984.

FINKELSTEIN, Joanne. **Dining out.** London, Polity. 1989.

FOOTE WHYTE, William. Sociedade de Esquina. Zahar Editor. 2005.

FREIDENBERG, Judith, IMPERIALE, Graciela, SKOVRON, Mary. **Migrant careers and well-being of women.** In: The International Migration Review. Vol 22, n.2. 1988, p 208-225.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC. 1989.

_____. Obras e vidas: **O antropólogo como autor.** Editora UFRJ 3era edição. 2009.

GIARD, Luce. **Cozinhar.** In: A invenção do cotidiano. Petrópolis. Vozes, p. 213. 1996.

GIRONA, Jordi, MASDEU, SORONELLAS, Montserrat, BODOQUE, Yolanda. **Migraciones por amor: diversidad y complejidad de las migraciones de mujeres.** In: Papers 2012, 97/3, p 685-707. 2012.

GLICK-SCHILLER, Nina, BASCH, Linda, BLANC, Cristina Szanton. **Nations Unbound: transnational projects, postcolonial predicaments and the deterritorialized Nation-State.** 1997.

_____. **Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration.** New York Academic of Sciences. 1992.

GOMES, Fabiola. **Comidas, pessoas e deuses: etnografia de eventos alimentares na Índia.** UnB, Brasília, 2010.

GROSSI, Miriam. **Identidade de gênero e sexualidade.** 1998.

GUBER, Rosana. **La etnografía: Método, campo y Reflexividad.** Norma 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo, Vértice, 1990.

HECK, Marina. **Comer como atividade de lazer.** In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, n.33, jan/jun 2004, p. 136-146.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Editorial UOC, Barcelona, 2004.

HIRSCH, Olivia. **Migrações sul-sul**: o caso dos bolivianos no Brasil e na Argentina. In: Observatorio On-line v. 3 n° 4. 2008.

HOBSBWAN, Eric. **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro. 1997.

HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette. **Gendered Transitions: Mexican Experiences of Immigration**. University of California Press (4th printing). 1994.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Knowledge in context**: representation, community and culture. London. Routledge. 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude, **A crise moderna na antropologia**, Revista de antropologia, vol 10 (1 e 2), 1962.

LEITÃO, Debora. **Transgressão e domesticação**: a tatuagem contemporânea como ritualização das aparências. Cadernos do CEOM. Ano 16 n 16. Representações do corpo e da morte. 2000.

LIMA, Maria Antonia e TOGNI, Paula. **Migrando por um ideal de amor**: família conjugal, reprodução trabalho e gênero. In: Revista IPOTESI, Juiz de Fora, v.16, n.1, p. 135-144 jan./jun. 2012.

MACHADO, Lia Zanotta. **Famílias e individualismo**: tendências contemporâneas no Brasil. Série Antropologia, Brasília 2001.

MACIEL, Eunice. **Uma cozinha à brasileira**. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n°33, janeiro-junho de 2004.

_____. **A comida boa para pensar**: sobre práticas, gostos e sistemas alimentares a partir de um olhar socioantropológico. In: Revista Demetra, 8. 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 3 ed. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1978.

MARCUS, George. **Etnografía en/del sistema mundo**. El surgimiento de la etnografía multilocal. In: Alteridades, vol. 11, núm. 22, julio-diciembre, p. 111-127. 2001.

MARGOLIS, Maxine. **Na virada do milenio**: a emigração brasileira para os Estados Unidos. in: MARTES, Ana Cristina. FLEISCHER, Soraya. Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, genero e redes sociais. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2003.

_____. **Little Brazil**. Princeton University Press, 1994.

MARTES, Ana Cristina. **Raça e etnicidade-opções e constrangimentos**. Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, genero e redes sociais. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2003.

MARTINEZ, Diana. REYES, Miriam. **Un acercamiento etnográfico a la cotidianidad de las dinámicas de familiares en un contexto de migración internacional México- Estados**

Unidos. In: RODRIGUEZ, Guadalupe. MOCTEZUMA, Miguel. CALDERON, Oscar (coord) Hogares y familias transnacionales. 2017.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**, forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e antropologia. v. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MIGRACIÓN COLOMBIA-OIM, **Caracterización sociodemográfica y laboral de los trabajadores temporales extranjeros en Colombia**: una mirada retrospectiva. Bogotá, 2011

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul. /dez. 2007.

MITCHEL, Christopher. **Perspectiva comparada sobre transnacionalismo entre migrantes brasileiros nos Estados Unidos** in: MARTES, Ana Cristina. FLEISCHER, Soraya. Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2003.

MINTZ, Sidney. **Comida e antropologia** – uma breve revisão. Revista brasileira de Ciências sociais. 2001.

MONTEIRO, Cristiano Sobroza. **O que cabe na mala?** Deslocamentos e circulação de objetos da diáspora senegalesa em “terra de italianos.” Em: Século XXI, Revista de Ciências Sociais, v.8, no 1, p.203-232, jan./jun. 2018.

MUMMERT, Gail. **Pensando las familias transnacionales desde los relatos de vida**: Análisis longitudinal de la convivencia intergeneracional. In ARIZA, Marina; VELASCO, Laura (coords.). Métodos cualitativos y su aplicación empírica: Por los caminos de la investigación sobre migración internacional. México D.F.: UNAM y COLEF, 2012.

ORTNER, Sherry. **Uma atualização da teoria da prática**. In: GROSSI, Miriam. ECKERT, Cornelia. FRY, Peter (org). Conferencias e diálogos: saberes e práticas antropológicas. 2007.

_____. **A máquina de cultura**: de Geertz a Hollywood. Mana, Rio de Janeiro , v. 13, n. 2, p. 565-578, Oct. 2007.

OLIVEIRA, Roberto. **Os (des)caminhos da identidade**. Revista brasileira de Ciências Sociais. São Paulo , v. 15, n. 42, p. 07-21, Feb. 2000.

PAESE, Celma. **Caminhando. O caminhar como prática sócio-estética**: estudos sobre a arquitetura móvel. EDUNISC. Santa Cruz do Sul. 2015.

PEDONE, Claudia. **Los cambios familiares y educativos en los actuales contextos migratorios ecuatorianos: una perspectiva transatlántica**. Athenea Digital. Revista de Pensamiento e Investigación Social, 10, pp. 154-171. 2006.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorías de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. In: Revista Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008, pp 263-274

PIZARRO, CINTHYA. **La bolivianidad en disputa**. (Des)marcaciones de etnicidad en contextos migratorios. En Karasik, G. A. (coord.). Migraciones internacionales. Reflexiones y estudios sobre la movilidad territorial contemporánea. Buenos Aires, 2013.

PHIZACKLEA, Annie. **On Way Ticket. Migration and Female Labour**. Londres: Routledge y Kegan Paul. 1983

PORTES, Alejandro. GUARNIZO, Luis., LANDOLT, Patricia. **The Study of Transnationalism: Pitfalls and promise of an emergent research field**. In: Ethnic and racial studies. 1999.

_____ **Migración y desarrollo, um intento de conciliar perspectivas opuestas**. In: Revista Nueva Sociedad n° 233. 2011.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologia da Alimentação**. Florianópolis. Editora da UFSC, 2006.

REINHARDT, Juliana. **O pão nosso de cada dia: memória imigrantes e o pão das gerações curitibanas**. In: Revista Estudos Ibero-americanos. PUCRS, v. XXXII, n.2, p. 133-153, dezembro 2006.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Identidade brasileira no Espelho interétnico**. Essencialismos E hibridismos em san Francisco. Série Antropologia 241. Brasília 1998.

ROSALES, Marta. **Scents and tastes from a distant home: the transcontinental trajectories of a group of Goan families**. Food and migration workshop. Centre for Migration and Diaspora Studies, Food Studies Centre, 2009.

SANTOS, Carlos. **A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa**. In: Revista da Academia Paranaense de letras, n 51. 2005.

SANTOS, Miriam de Oliveira, SERTÓRIO, Lidiane. **Relações entre trabalho, educação, gênero e migração**. In: Anais Estudos do Trabalho. VII. 2013.

SANTOS, Miriam, MESQUITA, Jacqueline. **Observando o lado feminino da migração: mulheres bolivianas na cidade de São Paulo**. In: Revista Ambivalências. V. 5, n.9 p 172-194. Jan-jun 2017.

SAYAD, Abdelmalek, **O retorno, elemento constitutivo da condição do imigrante**. In: Revista Travessia, número especial, 2000.

_____ **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Editora da Universidade de São Paulo. 1998.

SCHMALZBAUER, Leah. 'Searching for wages and mothering from afar: the case of Honduran transnational families', Journal of Marriage and Family, 66, 1317–31. 2004.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Revista Educação e realidade. Porto Alegre, UFRGS, 1990.

SHEPHARD, Phil. **Working with Malaysians – expatriates and Malaysians perspectives**. In: ABDULLAH, A. (Ed.). Understanding the Malaysians workforce – Guidelines for managers. Kuala Lumpur: Malaysian Institute of Management. 1996.

SILVA, Sandra Rubia e TONDO, Romulo. **Celulares, conexões e afetos**: a sociabilidade e o consumo de smartphones por jovens de comunidade popular. Revista Cadernos de Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria. v.21, n.2, art 7, p. 140 de 147, maio/ago. 2017.

SIMMEL, Georg. **Sobre la Individualidad y las formas sociales**. Escritos Escogidos. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes. 2002.

SUTTON, David. **Remembrance of Repast**: an anthropology of food and memory. Berg Publishers. 2001.

TAMBIAH, Stanley. **Animals are good to think and good to prohibit**. Etnology, Vol 8. 1969.

TOVAR, Bernardo. La economía colombiana (1886-1922) In: Nueva Historia de Colombia, tomo V, ed. Planeta, Bogotá. 2001.

VALENTINE, Gill. **Eating In Home, Consumption and Identity**. The Sociological Review, 47(3), 491–524. 1999.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade moderna. Zahar, 1987.

VERTOVEC, Steven. **Transnationalism**. Routledge. New York, 2009.

VICTORA, Ceres. **Entrevista com Sidney Mintz**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, Ano 18, n 28, p. 381-395. Jul/dez. 2012

WALLERSTEIN, Immanuel. **A reestruturação capitalista e o sistema mundial**. In: Perspectivas São Paulo 20/21. 1997.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Editora UnB. 1993.

WOORTMANN, Klass. **A comida, a família e a construção do gênero feminino**. In: Série Antropologia n.50. Brasília, 1985.

ZANINI, Catarina Chitolina, SANTOS, Miriam. **Mangia che te fa bene! Comida e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul**. In: Travessia, Revista do imigrante. CEM, ano XXVI, n°72. Janeiro-Junho 2013.